

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

**DO UNIVERSO TÉCNICO-CIENTÍFICO AO MUNDO DO SENSO COMUM:
Estratégias comunicativas e representações na
cobertura sobre saúde do *Diário Gaúcho***

Dissertação de Mestrado

Elisa Kopplin Ferraretto

Porto Alegre

2006

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

**DO UNIVERSO TÉCNICO-CIENTÍFICO AO MUNDO DO SENSO COMUM:
Estratégias comunicativas e representações na
cobertura sobre saúde do *Diário Gaúcho***

Elisa Kopplin Ferraretto

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação.

Orientador:

Prof. Dr. Valdir Jose Morigi

Porto Alegre

2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação **Do universo técnico-científico ao mundo do senso comum: Estratégias comunicativas e representações na cobertura sobre saúde do *Diário Gaúcho***, elaborada por Elisa Koplín Ferraretto, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Comunicação e Informação.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Beatriz Dornelles

Profa. Dra. Ilza Girardi

Profa. Dra. Márcia Benetti Machado

Em muitos lugares, a todo instante, há pessoas buscando conhecimento. Algumas o desejam apenas para si, como forma de poder, autoridade e distinção. Fazem dele uma mercadoria de preço muito elevado e à qual poucos podem ter acesso. Mas também há quem acredite que ele possa pular muros, transpor fronteiras, transformar-se em instrumento de libertação que levará à construção de uma sociedade capaz de derrotar a ignorância, a miséria, o preconceito, a mediocridade. A estes últimos, dedico minha dissertação.

AGRADECIMENTOS

Como tudo na vida, o presente trabalho não é uma realização individual. Começou a ser escrito há mais de 40 anos, quando os jovens Miriam Eliza Haas e Ilgo João Kopplin decidiram juntar suas pobreza e seus sonhos e começar uma nova família. Nas três filhas que tiveram, estimularam o desejo, para eles jamais concretizado, de estudar, e o hábito, por eles sempre cultivado, de ler, aprender, buscar novos horizontes. Tive a sorte de ser a segunda delas e, agora, só lamento não encontrar uma palavra que dimensione toda a gratidão que sinto. Então, digo apenas: muito obrigada.

Foram eles que me deram, também, outro grande presente: minha temporã irmã Aline – uma espécie de fonte particular da juventude, ao partilhar comigo seus projetos, esperanças e conquistas –, a quem agradeço as visitas, as conversas e a torcida.

Em cada caractere impresso nestas páginas, também se escondem a parceria (ou cumplicidade?), o amor e a compreensão de 16 anos de meu companheiro Luiz Artur Ferraretto, que, sem que tenhamos feito quaisquer juras diante de um altar, sempre esteve comigo, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, e em tudo o mais. Ao seu lado, tenho percorrido caminhos sempre novos, que me lembram, a cada dia, como é bom contar com alguém especial.

Um carinhoso agradecimento aos amigos que, apesar de tudo, continuaram proporcionando, próximos ou distantes, o conforto de sua amizade. Especialmente, neste sentido, obrigada a Izabel Valdez, que soube perdoar todos os almoços, caminhadas e conversas que, por minha culpa, deixaram de acontecer.

Faço público meu reconhecimento, também, ao professor Sérgio Pinto Machado, presidente do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, e a Luiz Carlos Bortolini, seu chefe de gabinete, que compreenderam e apoiaram minha decisão de, em meio às minhas atividades de assessora de imprensa da instituição em um período de muito trabalho e importantes mudanças, cursar o mestrado. Também devo frisar que só foi possível conciliar ambas as coisas graças ao apoio e incentivo de meus colegas Cláudio Alves da Rosa e Rosemary Leal, com os quais tenho uma dívida que jamais poderei pagar.

Sou igualmente grata a meu orientador, professor doutor Valdir Jose Morigi, pelos importantes ensinamentos ministrados em suas disciplinas, pela atenção permanente em trazer novos aportes teóricos à minha dissertação e pelo indispensável auxílio na definição dos rumos a serem seguidos.

Agradeço, ainda, ao editor-chefe do *Diário Gaúcho*, jornalista Alexandre Bach, que abriu as portas da redação para que eu pudesse conhecer de perto o trabalho apaixonado de sua equipe, fornecendo contribuições essenciais ao desenvolvimento deste trabalho.

Por último, obrigada àqueles que souberem desculpar a indesculpável falha de, pela pressão do tempo e do estresse, tê-los esquecido entre estes agradecimentos.

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	11
LISTA DE QUADROS	12
LISTA DE FIGURAS	13
INTRODUÇÃO	16
1 O UNIVERSO TÉCNICO-CIENTÍFICO, O MUNDO DO SENSO COMUM E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	26
1.1 CIÊNCIA E TÉCNICA: O CONHECIMENTO ESPECIALIZADO	27
1.2 SENSO COMUM: O CONHECIMENTO DO COTIDIANO	30
1.3 FAMILIARIZANDO O DESCONHECIDO: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	33
1.4 TRANSITANDO ENTRE DOIS UNIVERSOS: A POPULARIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE SAÚDE	40
2 UM DUPLO OLHAR SOBRE AS COBERTURAS: O JORNALISMO CIENTÍFICO E A VISÃO ANTROPOLÓGICA DA NOTÍCIA	45
2.1 A COBERTURA SOBRE SAÚDE COMO JORNALISMO CIENTÍFICO	46
2.1.1 Particularidades do jornalismo científico	51
2.2 A VISÃO ANTROPOLÓGICA DA NOTÍCIA	55
2.2.1 O contrato de leitura	59
3 AS ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS NAS COBERTURAS JORNALÍSTICAS SOBRE SAÚDE	62

3.1 A INFLUÊNCIA DO INTERESSE DO PÚBLICO NA DEFINIÇÃO DOS CONTEÚDOS	63
3.1.1 A presença do interesse do leitor nas pautas sobre saúde	67
3.2 LINGUAGEM, FATOR DE DISTANCIAMENTO E DE APROXIMAÇÃO	72
3.2.1 Funções e estratégias de linguagem nos textos sobre saúde	75
3.3 NARRATIVA, UMA FORMA FAMILIAR DE RELATAR OS FATOS	79
3.3.1 Recursos textuais para dialogar sobre saúde	82
3.4 O VISUAL DO CONTEÚDO E O CONTEÚDO DO VISUAL	85
3.4.1 Facilitando a leitura e cativando o interesse	87
4 ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS NA COBERTURA SOBRE SAÚDE DO JORNAL <i>DIÁRIO GAÚCHO</i>	92
4.1 <i>DIÁRIO GAÚCHO</i>: UM JORNAL PARA QUEM NÃO ESTÁ HABITUADO A LER	93
4.2 PANORAMA DA COBERTURA SOBRE SAÚDE DO <i>DIÁRIO GAÚCHO</i>	101
4.2.1 Matérias sobre saúde	103
4.2.1.1 Categoria <i>Informações sobre saúde</i>	103
4.2.1.2 Categoria <i>Serviços de saúde</i>	104
4.2.1.3 Categoria <i>Problemas de saúde pública</i>	106
4.2.1.4 Categoria <i>Saúde de pessoas famosas</i>	107
4.2.1.5 Categoria <i>Diversas/ Outras</i>	109

4.2.2 Colunas e seções	111
4.2.2.1 <i>Falando de sexo</i>	111
4.2.2.2 <i>Dicas de saúde</i>	113
4.2.2.3 <i>Pede-se providência</i>	115
4.2.2.4 <i>Fala, leitor!</i>	117
4.2.2.5 <i>Meu sonho é...</i>	119
4.2.2.6 <i>Espaço da galera</i>	121
4.2.2.7 <i>Seu problema é nosso!</i>	123
4.2.2.8 <i>Pergunte a quem sabe</i>	125
4.2.2.9 <i>Coluna do Sérgio Zambiasi</i>	128
4.2.2.10 <i>A chamada das ruas</i>	129
4.2.2.11 <i>Coluna Trânsito seguro</i>	130
4.2.2.12 <i>Conselho do leitor</i>	131
4.2.3 Destaques na capa e contracapa do jornal	132
4.2.4 Fontes de informação	133
4.3 CONTEÚDO: A PRESENÇA DO INTERESSE DO LEITOR	136
4.4 LINGUAGEM: UM ELO COM O UNIVERSO DO PÚBLICO	160
4.5 NARRATIVA: CONTANDO HISTÓRIAS AOS LEITORES	173
4.6 RECURSOS VISUAIS: FACILITANDO A COMUNICAÇÃO	190
CONSIDERAÇÕES FINAIS	207
REFERÊNCIAS	220

RESUMO

Ao realizarem coberturas na área da saúde, que estão inseridas no âmbito do jornalismo científico, os jornais promovem a transposição de informações especializadas a públicos leigos, para isto empregando diferentes estratégias comunicativas e, através delas, colocando em cena os saberes, expectativas e necessidades dos leitores. Analisar como isto ocorre em um jornal voltado a cidadãos de baixa renda e reduzido grau de escolaridade é o objetivo deste *Do universo técnico-científico ao mundo do senso comum: estratégias comunicativas e representações na cobertura sobre saúde do Diário Gaúcho*. O estudo é desenvolvido tomando como base três vertentes: a da Psicologia Social, mais especificamente a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici; a da Sociologia, em especial as conceituações e caracterizações do senso comum propostas por Peter Berger e Thomas Luckmann, por Michel Maffesoli e por Pierre Bourdieu; e a do Jornalismo, com destaque para a visão antropológica da notícia apresentada por Luiz Gonzaga Motta. Parte-se, ainda, da noção de que entre jornal e público estabelece-se um contrato implícito de leitura, observado na definição dos conteúdos da cobertura, na escolha da linguagem a ser empregada, na opção pela forma de estrutura dos textos e na caracterização da apresentação visual. A configuração destes quatro aspectos é analisada nas edições de três meses do jornal *Diário Gaúcho*, a fim de identificar, na amostra, as estratégias comunicativas adotadas e algumas das representações sociais presentes.

ABSTRACT

When covering the Health area which is inserted in the realm of Scientific Journalism, newspapers perform the transposition of specialized information to lay audiences by using different communicative strategies and, through them, bringing up the knowledge, expectations, and needs of their readers. The objective of this *From the technical-scientific universe to the world of common sense: communicative strategies and representations in covering Health issues at Diário Gaúcho newspaper* is to analyze how this happens inside a newspaper aimed at low income citizens who have a low degree of formal education. This study is developed by taking three sources as its basis: the one from Social Psychology, more specifically the *Theory of Social Representations*, by Serge Moscovici; the one from Sociology, specially the conceptualizations and characterizations of the common sense proposed by Peter Berger and Thomas Luckmann, by Michel Maffesoli and by Pierre Bourdieu; and the one from Journalism, stressing the anthropological view of the news presented by Luiz Gonzaga Motta. Furthermore, we start from the notion that between a newspaper and its audience an implicit reading contract is established, as noticed in the definitions of the contents in the coverage, in the choice of language used, in the option for the kind of text structure and in the characterization of the visual presentation. The configuration of these four aspects is analyzed in three months' editions of *Diário Gaúcho* newspaper in order to identify, in its sample, the communicative strategies adopted and some of the existing social representations .

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – COMPARAÇÃO ENTRE CIENTISTAS E JORNALISTAS	52
QUADRO 2 – ALGUMAS ESTRATÉGIAS EMPREGADAS NO JORNALISMO CIENTÍFICO	55
QUADRO 3 – PERFIL DOS LEITORES DO <i>DIÁRIO GAÚCHO</i> E DE <i>ZERO HORA</i>	93
QUADRO 4 – SEÇÕES MAIS LIDAS NO DIÁRIO GAÚCHO	95
QUADRO 5 – QUANTIFICAÇÃO DA COBERTURA SOBRE SAÚDE DO <i>DIÁRIO GAÚCHO</i> DE 1º DE FEVEREIRO A 1º DE MAIO DE 2005	102
QUADRO 6 – TÍTULOS PRESENTES NA CATEGORIA <i>INFORMAÇÕES SOBRE SAÚDE</i>	104
QUADRO 7 – TÍTULOS DA COLUNA <i>FALANDO DE SEXO</i>	111
QUADRO 8 – TÍTULOS DA COLUNA <i>DICAS DE SAÚDE</i>	113
QUADRO 9 – TÍTULOS E TEMAS DA COLUNA <i>FALA, LEITOR!</i>	117
QUADRO 10 – TÍTULOS E TEMAS DA COLUNA <i>MEU SONHO É...</i>	119
QUADRO 11 – TÍTULOS DA COLUNA <i>ESPAÇO DA GALERA</i>	122
QUADRO 12 – TÍTULOS DA SEÇÃO <i>SEU PROBLEMA É NOSSO!</i>	123
QUADRO 13 – TÍTULOS DA COLUNA <i>PERGUNTE A QUEM SABE</i>	125
QUADRO 14 – MANCHETES SOBRE SAÚDE NA CAPA DO JORNAL	132
QUADRO 15 – EXEMPLOS DO USO DA FUNÇÃO REFERENCIAL DA LINGUAGEM	162
QUADRO 16 – EXEMPLOS DO USO DE ADJETIVOS	164
QUADRO 17 – EXEMPLOS DE TERMOS QUE APELAM À EMOÇÃO	165
QUADRO 18 – EXEMPLOS DE USO DE ADVÉRBIOS	166
QUADRO 19 – EXEMPLOS DO USO DA FUNÇÃO FÁTICA DA LINGUAGEM	169
QUADRO 20 – GLOSSÁRIO QUE EXEMPLIFICA A FUNÇÃO METALINGÜÍSTICA	170
QUADRO 21 – EXEMPLOS DA PRESENÇA DE PERSONAGENS ANÔNIMOS NAS NARRATIVAS	176
QUADRO 22 – EXEMPLOS DE ANTETÍTULOS	193

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO DIÁRIO GAÚCHO	96
FIGURA 2 – EXEMPLO DE MATÉRIA NA CATEGORIA <i>INFORMAÇÕES SOBRE SAÚDE</i>	103
FIGURA 3 – EXEMPLO DE MATÉRIA NA CATEGORIA <i>SERVIÇOS DE SAÚDE</i>	105
FIGURA 4 – EXEMPLO DE MATÉRIA NA CATEGORIA <i>PROBLEMAS DE SAÚDE PÚBLICA</i>	107
FIGURA 5 – EXEMPLO DE MATÉRIA NA CATEGORIA <i>SAÚDE DE PESSOAS FAMOSAS</i>	108
FIGURA 6 – EXEMPLO DE MATÉRIA NA CATEGORIA <i>DIVERSAS/ OUTRAS</i>	110
FIGURA 7 – EXEMPLO DA COLUNA <i>FALANDO DE SEXO</i>	112
FIGURA 8 – EXEMPLO DA COLUNA <i>DICAS DE SAÚDE</i>	114
FIGURA 9 – EXEMPLO DA COLUNA <i>PEDE-SE PROVIDÊNCIA</i>	116
FIGURA 10 – EXEMPLO DA COLUNA <i>FALA, LEITOR!</i>	118
FIGURA 11 – EXEMPLO DA COLUNA <i>MEU SONHO É...</i>	121
FIGURA 12 – EXEMPLO DA COLUNA <i>ESPAÇO DA GALERA</i>	122
FIGURA 13 – EXEMPLO DA SEÇÃO <i>SEU PROBLEMA É NOSSO</i>	124
FIGURA 14 – EXEMPLO DA COLUNA <i>PERGUNTE A QUEM SABE / NUTRIÇÃO</i>	126
FIGURA 15 – EXEMPLO DA COLUNA <i>PERGUNTE A QUEM SABE / MEDICINA</i>	127
FIGURA 16 – EXEMPLO DA COLUNA <i>DO SÉRGIO ZAMBIASI</i>	128
FIGURA 17 – EXEMPLO DA COLUNA <i>A CHAMADA DAS RUAS</i>	129

FIGURA 18 – EXEMPLO DA COLUNA <i>TRÂNSITO SEGURO</i>	130
FIGURA 19 – EXEMPLO DA COLUNA <i>CONSELHO DO LEITOR</i>	131
FIGURA 20 – EXEMPLO DE CHAMADA SOBRE SAÚDE NA CAPA DO JORNAL	133
FIGURA 21 – EXEMPLO DE ABORDAGEM DE TEMA PRÓXIMO DA GEOGRAFIA E DO CONTEXTO DO LEITOR	138
FIGURA 22 – EXEMPLO DE ABORDAGEM DE TEMAS COTIDIANOS	140
FIGURA 23 – EXEMPLO DA PRESENÇA DAS NECESSIDADES DO LEITOR E DA UTILIDADE DOS RELATOS	142
FIGURA 24 – EXEMPLO DA ABORDAGEM DE HÁBITOS E PRÁTICAS SOCIAIS	144
FIGURA 25 – EXEMPLO DA PRESENÇA DO SABER POPULAR	145
FIGURA 26 – EXEMPLO DE DEFESA DA CIDADANIA	147
FIGURA 27 – EXEMPLO DE APELO AO IMAGINÁRIO SOCIAL	149
FIGURA 28 – EXEMPLO DA PRESENÇA DE ASPECTOS EMOCIONAIS	150
FIGURA 29 – EXEMPLO DE RELATOS DIRIGIDOS AO INTERESSE DE GRUPOS ESPECÍFICOS	152
FIGURA 30 – EXEMPLO DO CRITÉRIO DE NOVIDADE	155
FIGURA 31 – EXEMPLO DE REFLEXÃO SOBRE A VIDA E A MORTE	156
FIGURA 32 – EXEMPLO DE INTERESSE PELA NOTORIEDADE PÚBLICA	158
FIGURA 33 – EXEMPLO DE INTERESSE PELO CONFLITIVO E NEGATIVO	159
FIGURA 34 – EXEMPLO DE USO DO IMPERATIVO	168

FIGURA 35 – EXEMPLO DE NARRATIVA DE INTERESSE HUMANO	177
FIGURAS 36 A 39 – EXEMPLOS DE NARRATIVAS VINCULADAS AO IMAGINÁRIO	185
FIGURA 40 – EXEMPLO DO USO DE CERCADURAS, FIOS, RETÍCULAS E RECURSOS DE TIPOLOGIA	192
FIGURA 41 – EXEMPLO DE SUBTÍTULO	194
FIGURA 42 – EXEMPLO DE ENTRETÍTULOS	195
FIGURA 43 – EXEMPLO DE MANCHETE DE CAPA	196
FIGURA 44 – EXEMPLO DE USO DAS FOTOGRAFIAS E LEGENDAS	197
FIGURAS 45 E 46 – EXEMPLOS DE ILUSTRAÇÕES PARA IDENTIFICAR AUTORES DE COLUNAS	198
FIGURA 47 – EXEMPLO DE ILUSTRAÇÃO BASEADA NO SENSO COMUM	199
FIGURA 48 – EXEMPLO DE ILUSTRAÇÃO REFORÇANDO O CONTEÚDO	200
FIGURAS 49 E 50 – EXEMPLOS DE ILUSTRAÇÕES RECORRENTES NA COBERTURA	201
FIGURAS 51 A 53 – EXEMPLOS DE USO DE INFOGRÁFICOS	203

INTRODUÇÃO

Saúde e doença, vida e morte, dor e cura, sofrimento e superação são elementos presentes no dia-a-dia de qualquer indivíduo. Independente de sua condição socioeconômica, do meio cultural em que está situado ou do grau de instrução que possui, todo cidadão tem, em seu repertório, ainda que inconscientemente, conceitos e experiências em torno de tais temas. Afinal, a vida cotidiana é constituída por múltiplos saberes, integrados por informações que chegam de diferentes fontes e mesclam-se com conhecimentos prévios, com a razão, a emoção, os valores e as percepções individuais e coletivas, criando o acervo do senso comum a respeito de uma determinada temática.

Assim, se, de um lado, existem instâncias específicas de produção de conhecimentos sobre saúde em que estes são predominantemente racionais, sistemáticos, especializados e por vezes abstratos – como as universidades, as entidades profissionais, os centros de pesquisa, os hospitais e os poderes públicos –, de outro, eles ganham concretude e praticidade transformando-se em representações sociais, ou seja, formas socialmente construídas e partilhadas de perceber, interpretar e compreender o mundo. Desta forma, tais conhecimentos integram não apenas o universo reificado da ciência e da tecnologia, mas estão presentes também no mundo consensual, familiarizados através de representações e incorporados ao dia-a-dia do leigo, do cidadão comum que pode empregá-los para viver mais e melhor.

A formação das representações sociais ocorre em um processo permanente e dinâmico, com novas informações chegando a todo momento e produzindo sentidos recriados continuamente. Da família, por exemplo, o sujeito traz conhecimentos passados de geração a geração, que o permitem identificar e tratar caseiramente um problema de menor gravidade. Se frequentou a escola, nela adquiriu ao menos conhecimentos rudimentares sobre a localização e o funcionamento dos principais órgãos do corpo humano. Ao consultar um médico, toma contato com dados e termos que, embora nem sempre totalmente compreensíveis devido à forma um tanto hermética pela qual são expostos, podem incorporar-se em parte ao seu acervo. Para desvendar significados que ficaram ocultos neste contato, busca o auxílio do balconista da farmácia ou de um amigo, vizinho ou colega de trabalho que afirma já ter tido doença semelhante e sugere um acréscimo ou modificação no tratamento. Estes e outros elementos vão se fundindo, juntamente com experiências prévias, suas e de outros, bem como de aspectos passionais – o medo da morte, o desejo da cura, a angústia da espera por atendimento em um serviço público – e formando as representações ou, em outras palavras, o conhecimento do senso comum.

Na sociedade contemporânea, não há como deixar de acrescentar a esta relação, e em posição de destaque, um outro elemento: as informações veiculadas pelos meios de comunicação. Inegavelmente, é a cobertura jornalística da área da saúde que, de forma crescente, possibilita ao cidadão adquirir conhecimentos sobre como doenças podem ser prevenidas, diagnosticadas e tratadas, conquistando a oportunidade de cuidar melhor de si próprio e de seus familiares. Além disso, ela tem condições de mostrar quais os serviços assistenciais disponíveis, onde estão situados, como funcionam e de que forma podem ser utilizados, além de relatar e denunciar proble-

mas a eles relacionados, possuindo, assim, potencial para estimular uma postura cidadã atenta e vigilante sobre os direitos disponíveis à sociedade.

Desta forma, os meios de comunicação configuram-se não como mais uma fonte de informações sobre saúde, mas como mediadores capazes de colocar ao alcance do cidadão aqueles conhecimentos gerados nas instâncias às quais ele não consegue aceder de forma direta. Em outras palavras, os jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão e *sites* da internet podem ajudar a diminuir a distância existente entre o universo técnico-científico, na qual especialistas geram saberes específicos e os comunicam em uma linguagem técnica e hermética, e o mundo do senso comum, integrado por leigos mais afeitos à expressão informal e coloquial.

Constituindo-se, portanto, como um dos mais importantes espaços públicos de popularização de conhecimentos especializados, os meios de comunicação atuam decisivamente na formação dos repertórios acerca da saúde. Isso, porém, não ocorreria se, ao se situarem entre o universo técnico-científico e o mundo do senso comum para promover a aproximação entre ambos, se limitassem a descrever e expor dados em um tipo de relato também distanciado da realidade dos leitores e espectadores. Para que a comunicação seja bem-sucedida, é necessário interpretar informações, traduzi-las, adaptá-las, permeando-as de elementos capazes de atrair o interesse e conquistar a compreensão. Assim, a cobertura jornalística protagoniza um processo dinâmico de produção de sentidos, colocando em jogo as representações sociais que permeiam o mundo do público a quem as mensagens são dirigidas.

A elaboração de notícias, neste contexto, pode ser compreendida como uma construção social, na qual incidem diversos fatores que vão levar à configuração final dos relatos. Estes incluem desde a interferência de interesses econômicos e políticos

aos quais as empresas jornalísticas estão atreladas até a necessidade de uso de diferentes recursos para atender às características, demandas, expectativas e interesses dos cidadãos. O último aspecto, foco do presente estudo, leva ao estabelecimento de um contrato implícito de leitura, que faz os produtores das notícias lançarem mão de diferentes estratégias comunicativas, responsáveis pela introdução do conhecimento do senso comum, que, assim, perpassa desde a escolha dos temas e a definição dos enfoques pelos quais estes serão abordados até o modo de emprego da linguagem, a forma de construção dos relatos e a utilização de variados recursos visuais.

Os relatos jornalísticos, desta forma, falam de assuntos que dizem respeito à vida cotidiana do público ou possuem potencial interesse para se integrar a ela e recebem uma abordagem vinculada ao seu dia-a-dia, a suas experiências prévias ou ao seu imaginário; são expressos em uma linguagem que é comum aos receptores da mensagem e facilmente compreendida por eles, ainda que introduzindo expressões até então desconhecidas; apresentam uma estrutura que dialoga com os destinatários, não simplesmente registrando os fatos, mas contando-os em formas narrativas; e complementam-se por elementos visuais que atraem, aproximam e familiarizam. Ancora-se, assim, aquilo que é distante e desconhecido – a informação oriunda de um universo alheio ao cidadão comum – nas experiências vividas no dia-a-dia, ao mesmo tempo em que se objetiva este mundo abstrato através de imagens concretas e familiares.

A busca de uma maior compreensão sobre como isto ocorre – engendrada dentro da prática profissional da autora como assessora de imprensa de um hospital universitário, cuja rotina está perpassada pela responsabilidade de facilitar a disseminação de conhecimentos técnico-científicos para o público leigo – foi o que motivou

a realização da presente dissertação. Para isso, tomou-se como ponto de partida a tradição acadêmica de desenvolvimento do campo de estudos focado no que se denomina jornalismo científico, destinado a averiguar diferentes aspectos da divulgação, nos meios de comunicação, de informações especializadas. No Brasil, tais estudos têm contribuído grandemente para o entendimento, em especial, do processo de elaboração jornalística nesta área e as dificuldades a ele inerentes – principalmente, no que diz respeito às muitas vezes conturbadas relações entre repórteres e fontes científicas – e do resultado deste trabalho – apresentando importantes análises sobre a qualidade e os aspectos éticos das coberturas.

Fundamentais neste sentido foram, entre outros, os aportes consolidados pelos estudos levados a cabo pelo professor Wilson da Costa Bueno (1988, 2001, 2004a, 2004b) e outros pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Estes apontam, por exemplo, para a espetacularização, fragmentação, mitificação e corporativismo aparentes nas coberturas jornalísticas sobre saúde, sua ligação a interesses e compromissos comerciais e a inexistência de vinculação desta área do jornalismo a uma proposta pedagógica mais abrangente.

Integrando-se a esta tradição e procurando agregar a ela novos enfoques, dentro dos limites de uma dissertação de mestrado, o presente estudo dá ênfase à questão das estratégias comunicativas empregadas para colocar em cena as representações dos cidadãos, aqui compreendidas como o universo de saberes, necessidades e expectativas que permeiam o senso comum. Para isso, utiliza o suporte de três vertentes. Uma delas é a da Psicologia Social, mais especificamente a Teoria das Representações Sociais desenvolvida por Serge Moscovici (2003), que, dentre as diversas abor-

dagens em torno da questão das representações, é a que mais se afina com a perspectiva da pesquisa. Moscovici identifica a existência de duas maneiras de conhecer e comunicar o mundo, uma relacionada ao universo reificado – onde predominam a razão, a lógica, o conhecimento produzido e reproduzido por um número limitado de especialistas que adquiriram competência e autoridade para se integrar a ele e em seu nome se manifestar – e a outra dizendo respeito ao universo consensual, referente ao mundo da vida cotidiana, em que repertórios e imagens são compartilhados e amplamente aceitos e comunicados. Vinculando a primeira instância à ciência e a segunda às representações sociais, o autor procura mostrar como se dá a passagem de um nível cognitivo a outro e, neste processo, enfatiza a importância da comunicação.

Outro elemento integrante da base teórica vem da Sociologia, especialmente de autores que estruturam uma conceituação e caracterização do senso comum. É o caso, por exemplo, de Peter Berger e Thomas Luckmann (1976), propositores da Sociologia do Conhecimento como campo de estudo do fenômeno; de Michel Maffesoli (1988, 1998), que defende a predominância, neste tipo de conhecimento, de aspectos emocionais e passionais; e de Pierre Bourdieu (1974, 1993, 2001), de quem também foram utilizadas contribuições no que diz respeito ao papel exercido pela linguagem na comunicação entre diferentes segmentos sociais.

Por fim, o trabalho apóia-se na visão antropológica da notícia exposta por Luiz Gonzaga Motta (2003, 2004, 2005) e reforçada por outros autores, fundamentada na produção de sentidos e enfatizando o caráter de construção social presente no trabalho jornalístico. Com base nesse ponto de vista, os relatos são percebidos não como espelhos da realidade, mas sim como uma interpretação desta, subordinada, entre outros fatores, aos requisitos do contrato implícito de leitura entre os meios e o pú-

blico, que levam à necessidade de utilização, pelos primeiros, de um amplo conjunto de estratégias comunicativas.

Juntamente com a opção por uma base teórica assim constituída, também foi decisiva para a configuração do estudo a definição de seu universo de pesquisa. Diferentemente da maior parte das análises desenvolvidas no campo do jornalismo científico, as quais em geral enfocam as coberturas das publicações especializadas ou dos denominados jornais de referência, a escolha aqui voltou-se para um periódico direcionado a uma população de baixa renda e reduzido grau de instrução: o *Diário Gaúcho*. Pertencente à Rede Brasil Sul de Comunicação, este jornal realiza, principalmente, a cobertura de temas locais, com ênfase na prestação de serviços, na qual a temática da saúde tem presença constante. Quarenta e oito por cento de seus leitores possuem renda familiar mensal de até cinco salários mínimos e 62% cursaram apenas o ensino fundamental (PERFIL demográfico e socioeconômico do leitor do DG, 2005). A soma do perfil editorial do veículo e da composição de seu leitorado resultou interessante e instigante para a pesquisa. Por um lado, a constatação de que há ênfase em temas de saúde aponta para a indispensável recorrência a fontes de informações situadas no universo técnico-científico; por outro, o direcionamento a um público extremamente distanciado das instâncias formais de produção e circulação de conhecimentos indica a necessidade de ampla utilização de estratégias comunicativas capazes de transpor os dados de um nível cognitivo a outro, ocorrendo aí uma intensa circulação de representações sociais.

Estabeleceu-se, então, um problema de pesquisa: como um jornal dirigido a classes socioeconômicas de baixo poder aquisitivo e limitado acesso à educação formal divulga informações originadas em meios técnico-científicos, a fim de que sejam

apreendidas por leitores leigos e incorporadas ao seu cotidiano? Para investigar esta questão, foi escolhida uma amostra composta pelas edições do *Diário Gaúcho* durante um período de três meses. Tal definição ocorreu a partir de uma análise preliminar do periódico, na qual foi constatada a homogeneidade da cobertura na área da saúde ao longo do tempo, com a reincidência de espaços e abordagens dedicados a esta temática, o que permitiu perceber, no referido intervalo, a representatividade do universo a estudar. Ao mesmo tempo, optou-se por um período específico – os meses de fevereiro, março e abril de 2005 – , devido ao fato de compreender a ocorrência de fatos e eventos que levaram à produção de coberturas sobre saúde, como, entre outros, os cuidados com o corpo do verão, a atenção que deve ser dedicada à saúde durante o Carnaval ou no retorno das crianças às atividades escolares e a doença, que culminou com a morte, do papa João Paulo II.

A partir daí, efetuou-se uma análise em três etapas: a primeira, mapeando, de um modo geral, a cobertura do periódico na área de saúde, a fim de compreender de forma abrangente a inserção da temática na geografia do jornal; a segunda, selecionando unidades de análise representativas do foco do estudo; e a terceira, identificando e analisando as estratégias comunicativas empregadas para realizar a transposição do universo técnico-científico ao mundo do senso comum, nos níveis de definição do conteúdo, uso da linguagem, construção da estrutura textual e emprego de recursos visuais.

O corpo do trabalho configurou-se em quatro partes. No capítulo inicial, são apresentados os principais conceitos norteadores de estudo, com a caracterização do universo técnico-científico, do mundo do senso comum e das representações sociais. O segundo capítulo é dedicado a analisar, sob um duplo ponto de vista – o do jorna-

lismo científico e o da chamada visão antropológica da notícia – diversos elementos implicados na transposição entre ambos universos, ressaltando, neste contexto, a importância da comunicação na permanente reformulação do senso comum. Já o terceiro capítulo aborda, mais detidamente, as estratégias comunicativas comumente empregadas pelos meios de comunicação em tal processo e sua relação com as representações do público. Por fim, o quarto capítulo apresenta os dados obtidos na análise da amostra e, desta forma, verifica a efetiva presença das referidas estratégias comunicativas na cobertura jornalística sobre saúde de um jornal voltado a uma população de baixa renda e reduzido nível de escolaridade.

Como resultado, a presente dissertação espera introduzir elementos que colaborem para o campo de estudos voltado à análise do jornalismo científico, em geral, e das coberturas impressas sobre saúde, em especial, além de agregar itens para a reflexão sobre a participação dos meios de comunicação no processo permanente e dinâmico de construção e reformulação do senso comum. Observa-se, neste particular, que a mediação por eles protagonizada acarreta uma imensa responsabilidade social, na medida em que proporcionar aos indivíduos o acesso a informações capazes de ampliar sua qualidade de vida e sua inserção social pode ser, também, uma maneira de promover a construção da cidadania. Embora, como mencionado anteriormente, estudos revelem que a cobertura sobre saúde no Brasil normalmente não privilegia uma proposta pedagógica abrangente, há que se admitir que, em algum grau, podem ser atribuídas a ela contribuições educativas e sociais.

Ao mesmo tempo, o estudo procura lançar um novo olhar sobre o jornalismo científico em um jornal voltado a segmentos populares, demonstrando que, ao contrário do que se possa imaginar, a tarefa constitui, em tal contexto, um desafio com-

plexo, já que a distância a ser transposta – de modo a estabelecer aproximação entre o conhecimento especializado das fontes e um público leigo e com reduzido acesso às instâncias formais de produção e circulação de conhecimentos – é maior do que aquela observada em outros tipos de periódicos. Para isso, faz-se necessário empregar diferentes estratégias comunicativas e cada recurso colocado em jogo é decisivo para que os relatos despertem ou não o interesse dos leitores e com eles criem, ou deixem de criar, laços de proximidade, o que exige dos jornalistas grande habilidade técnica e ampla capacidade de diálogo tanto com o universo técnico-científico quanto com o mundo do senso comum.

Por fim, cabe ressaltar que as constatações e observações apresentadas nesta dissertação de mestrado não tencionam propor um juízo de valor definitivo a respeito da cobertura jornalística sobre saúde. Elas compõem, apenas, uma análise inicial, sob um prisma específico, de algumas de suas características. Considerando-se a abrangência e a relevância desta temática, pode-se dizer que os resultados obtidos pela pesquisa são não um ponto de chegada, mas sim de partida, uma espécie de apontamentos para um futuro estudo, de maior fôlego e com novos desdobramentos, dentro de um programa de doutorado.

1 O UNIVERSO TÉCNICO-CIENTÍFICO, O MUNDO DO SENSO COMUM E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A distribuição de conhecimentos dentro da estrutura social não é homogênea, mas também não pode ser considerada absolutamente estanque. Embora existam diferentes instâncias de produção e circulação de saberes, cada uma com características específicas e elementos que as distinguem e distanciam, também há situações nas quais, em maior ou menor nível, ocorre uma aproximação, um intercâmbio, uma justaposição.

Neste sentido, a expressão “do universo técnico-científico ao mundo do senso comum”, contida no título da presente dissertação, procura refletir o movimento existente quando da divulgação, em determinados tipos de coberturas jornalísticas, de informações captadas junto a fontes vinculadas a ramos específicos de produção, difusão e aplicação de conhecimentos, com a finalidade de estabelecer comunicação com públicos leigos. Em outras palavras, trata-se da popularização de informações especializadas, que implica a transposição de um tipo de nível cognitivo a outro.

A dupla qualificação da primeira instância – um universo técnico e também científico – é aqui adotada levando-se em consideração as peculiaridades do objeto do estudo, a cobertura jornalística em saúde. Nesta área, não se poderia falar apenas em um ou outro destes aspectos, já que tal tipo de cobertura utiliza ambos como fon-

tes: pode ser tema de uma reportagem, por exemplo, tanto uma pesquisa acadêmica que apresenta novidades para o tratamento de uma doença quanto a descrição de determinado aparelho adquirido por um hospital para ofertar uma nova modalidade de diagnóstico aos pacientes.

Por outro lado, denominar a segunda instância de “mundo do senso comum” corresponde a uma opção teórica. Poderia ter sido adotada outra alternativa, a exemplo de qualificar este universo como popular ou, simplesmente, chamá-lo de mundo dos leitores, público ou algo similar. O que se pretende, no entanto, não é abordar uma classe socioeconômica ou uma faixa de consumidores, mas sim um nível cognitivo, um tipo de conhecimento que permeia a sociedade e que, no âmbito da investigação, possibilita identificar claramente a distinção entre dois universos e a forma como, através da circulação de representações sociais nos meios de comunicação, eles eventualmente se aproximam.

1.1 CIÊNCIA E TÉCNICA: O CONHECIMENTO ESPECIALIZADO

Os conceitos de ciência e técnica, a definição de seu papel social e a maneira como são produzidas e difundidas permitem inúmeras abordagens e debates, todos da maior relevância. Não é, porém, intenção deste estudo aprofundar-se em questões epistemológicas, o que fugiria ao objetivo proposto. O que interessa aqui, antes de ingressar, em um posterior capítulo, na análise de sua exposição nos meios de comunicação através das coberturas jornalísticas sobre saúde, é caracterizar, em linhas gerais, o universo técnico-científico, desde já situando-o como a principal fonte de informação de tais coberturas.

Adota-se, como ponto de partida, duas definições genéricas, ambas extraídas do *Dicionário básico de filosofia*, para o qual ciência é “[. . .] a forma de conhecimento que não somente pretende apropriar-se do real para explicá-lo de modo racional e objetivo, mas procura estabelecer entre os fenômenos observados relações universais e necessárias” (JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p. 43) e técnica, a “[. . .] aplicação prática do conhecimento científico teórico a um campo específico da atividade humana” (JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p. 247).

Tratam-se, portanto, de instâncias em que o conhecimento é gerado e aplicado sistematicamente, com método rigoroso e predomínio de aspectos lógicos e racionais. Os protagonistas deste processo são detentores de saberes especializados e ocupam posições formais na hierarquia social, o que os reveste de poder e autoridade. A comunicação dentro desse meio ocorre, igualmente, de forma especializada, através da utilização de uma linguagem e de modos de expressão próprios, geralmente inacessíveis aos não-iniciados. Com base nestas características, pode-se situar a técnica e a ciência dentro daquilo que Serge Moscovici denomina de universo reificado, que é o da razão, da lógica, do conhecimento produzido e reproduzido por um número limitado de especialistas, os quais se alçam à condição de proprietários exclusivos destes saberes. Neste universo, segundo o autor (MOSCOVICI, 2003, p. 51-2):

[. . .] a sociedade é vista como um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais. Somente a competência adquirida determina seu grau de participação de acordo com o mérito, seu direito de trabalhar ‘como médico’, ‘como psicólogo’, ‘como comerciante’ [. . .]. Nós nos confrontamos, pois, dentro do sistema, como organizações preestabelecidas, cada uma com suas regras e regulamentos. [. . .] Existe um comportamento adequado para cada circunstância, uma fórmula lingüística para cada confrontação e, nem é necessário dizer, a informação apropriada para um contexto determinado.

Tudo isso faz com que exista um grande distanciamento entre o universo técnico-científico e aquele integrado pelos leigos, cidadãos comuns, não-especialistas. O primeiro, por suas características, acaba, muitas vezes, constituindo uma espécie de mundo à parte, de difícil acesso para quem não pertence a ele, como destaca Boaventura de Sousa Santos (2005, p. 54):

[. . .] a atual reorganização da economia global assenta, entre outras coisas, na produção contínua e persistente de uma diferença epistemológica, que não reconhece a existência, em pé de igualdade, de outros saberes, e por isso se constitui, de fato, em hierarquia epistemológica, geradora de marginalizações, silenciamentos, exclusões ou liquidações de outros conhecimentos.

No entanto, a produção técnico-científica é parte integrante de uma dinâmica social e, desta forma, em determinadas situações, os conhecimentos necessitam ultrapassar as fronteiras deste universo delimitado, tornando-se acessíveis a um maior número de pessoas, por despertarem interesse ou, mesmo, possuírem utilidade prática na vida cotidiana. Ocorre, então, aquilo que Eni Orlandi classifica de efeito de exterioridade: “[. . .] a ciência sai de si, sai do seu próprio meio para ocupar um lugar social e histórico no cotidiano do sujeito. Ou seja, ela vai ser vista como afetando as coisas a saber no cotidiano da vida social” (ORLANDI, 2004, p. 135).

Os saberes do universo reificado vão, assim, passar por um processo de popularização, deixando os limites de sua instância especializada para se encontrar com outra bem diferente: aquela que integra o mundo do senso comum. A cobertura jornalística sobre saúde é um claro exemplo desta situação, já que, através dela, as pesquisas produzidas nas universidades e laboratórios, os conhecimentos dominados por médicos e outros especialistas e as tecnologias empregadas nas instituições assistenciais vão perder sua aura de algo distante, complicado ou mesmo misterioso, ganhando contornos de informações passíveis de incorporação à vida cotidiana.

1.2 SENSO COMUM: O CONHECIMENTO DO COTIDIANO

Os saberes do mundo cotidiano, ao contrário daqueles produzidos pelo meio técnico-científico, estão permeados pelo conhecimento genérico do senso comum, definido pelo mesmo *Dicionário básico de filosofia* como “[. . .] um conjunto de opiniões e valores característicos daquilo que é correntemente aceito em um meio social determinado” (JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p. 245). Como é a um universo assim constituído que se dirigem, na maior parte, as mensagens jornalísticas, cabe buscar caracterizá-lo um pouco mais detidamente.

Para Pierre Bourdieu (2001, p. 118-9), o senso comum é “[. . .] um fundo de evidências partilhadas por todos que garante, nos limites de um universo social, um consenso primordial sobre o sentido do mundo, um conjunto de lugares comuns (em sentido amplo) tacitamente aceitos”. Por sua vez, Peter Berger e Thomas Luckmann (1976) o compreendem como um conjunto de saberes compartilhados com os outros nas rotinas normais da vida cotidiana e estruturado em termos de conveniências. Segundo os dois autores, em um processo de construção social da realidade, forma-se um acervo social de conhecimento, transmitido de uma geração a outra e utilizável na vida cotidiana, com um papel essencial sendo ocupado pela linguagem, que:

“[. . .] objetiva as experiências partilhadas e torna-as acessíveis a todos dentro da comunidade lingüística, passando assim a ser a base e o instrumento do acervo coletivo do conhecimento. Ainda mais, a linguagem fornece os meios para a objetivação de novas experiências, permitindo que sejam incorporadas ao estoque já existente do conhecimento, e é o meio mais importante pelo qual as sedimentações objetivadas são transmitidas na tradição da coletividade em questão (BERGER; LUCKMANN, 1976, p. 96).

Diferentemente do universo técnico-científico, a linguagem do senso comum é coloquial, informal e não-especializada. Outro fator que distingue este daquele é a não-predominância exclusiva dos aspectos lógicos e racionais, como enfatiza Michel

Maffesoli (1998), para quem a verdadeira densidade da existência individual e social está em rituais cotidianos, mais vividos do que conscientizados e dos quais as paixões, emoções e afetos são os elementos de base. No entender do autor (MAFFESOLI, 1998, p. 90), o senso comum é um universo formado por “[. . .] uma mistura de rigor e de poesia, de razão e paixão, de lógica e mitologia”:

[. . .] a paixão e sua gesta continuam sendo suportes essenciais da vida societal. Depois é que vêm as justificações, as teorizações e as racionalizações. O que está em primeiro lugar é a pulsão que impele à ação, que incita o dizer, que preside as diversas agregações, que favorece as atrações e as repulsas, que ordena as alianças – ou, numa só palavra, todo este ‘não-lógico’ (MAFFESOLI, 1988, p. 96).

Características como estas fazem com que, freqüentemente, seja lançado sobre o senso comum um olhar carregado de uma certa dose de preconceito. Contra esta visão, levantam-se autores como José de Souza Martins (2000, p. 59), para quem o adjetivo *comum* está relacionado não ao fato de este tipo de saber ser “[. . .] banal ou mero e exterior conhecimento, mas porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social”. Para o autor (MARTINS, 2000, p. 61), “[. . .] mais do que uma coleção de significados compartilhados, o senso comum decorre da partilha, entre atores, de um mesmo *método de produção de significados*. Portanto, os significados são reinventados continuamente em vez de serem continuamente copiados”.

Com base em todas estas considerações, pode-se delinear algumas das características essenciais do senso comum: é partilhado por um grupo, entre cujos membros se estabelece uma espécie de consenso; está vinculado a um contexto determinado; é formado, mais do que por processos racionais, pelas emoções, percepções e valores; constitui um universo simbólico, mediado pela linguagem; e encontra-se em permanente formação e reformulação. Em contraposição ao universo reificado, ante-

riormente definido, Moscovici (2003) situa-o no universo consensual, que se refere ao mundo da vida cotidiana, em que repertórios e imagens são compartilhados e amplamente aceitos. Conforme o autor (MOSCOVICI, 2003, p. 49-50):

Em um *universo consensual*, a sociedade é vista como um grupo de pessoas que são iguais e livres, cada uma com possibilidade de falar em nome do grupo e sob seu auspício. Dessa maneira, presume-se que nenhum membro possua competência exclusiva, mas cada qual pode adquirir toda competência que seja requerida pelas circunstâncias. Sob este aspecto, cada um age como um ‘amador’ responsável, ou como um ‘observador curioso’ [. . .]. Na maioria dos locais públicos de encontro, esses políticos amadores, doutores, educadores, sociólogos, astrônomos etc. podem ser encontrados expressando suas opiniões, revelando seus pontos de vista e construindo a lei. Tal estado de coisas exige certa cumplicidade, isto é, convenções lingüísticas, perguntas que não podem ser feitas, tópicos que podem, ou não podem, ser ignorados. [. . .] Em longo prazo, a conversação (os discursos) cria nós de estabilidade e recorência, uma base comum de significância entre seus praticantes. As regras dessa arte mantêm todo um complexo de ambigüidades e convenções, sem o qual a vida social não poderia existir. Elas capacitam as pessoas a compartilharem um estoque implícito de imagens e de idéias que são consideradas certas e mutuamente aceitas.

Assim como identifica nas ciências o modo como se compreende o universo reificado, Moscovici relaciona o universo consensual a um elemento característico: as representações sociais. Segundo o autor (MOSCOVICI, 2003, p. 48), existe uma necessidade contínua de reconstituir o senso comum e as coletividades não poderiam funcionar “[. . .] se não se criassem representações sociais baseadas no tronco das teorias e ideologias que elas transformam em realidades compartilhadas, relacionadas com as interações entre pessoas que, então, passam a constituir uma categoria de fenômenos à parte”.

O autor aponta, assim, para a existência de um claro contraste entre os universos reificado e consensual, destacando que:

A finalidade do primeiro é estabelecer um mapa das forças, dos objetos e acontecimentos que são independentes de nossos desejos e fora de nossa consciência e aos quais nós devemos reagir de modo imparcial e submisso. Pelo fato de ocultar valores e vantagens, eles procuram encorajar precisão intelectual e evidência empírica. As representações, por outro lado, restauram a consciência coletiva e lhe dão forma, explicando os objetos e acontecimentos de tal modo que eles se tornam acessíveis a qualquer um e coincidem com nossos interesses imediatos (MOSCOVICI, 2003, p. 52).

Esta distinção é uma das bases da Teoria das Representações Sociais desenvolvida por Moscovici. É por ela, entre diversas outras abordagens em torno das representações, que se opta no presente trabalho, devido à maior proximidade com a perspectiva analítica desenvolvida. Os elementos que tal teoria fornece são essenciais para, no contexto do estudo, perceber como, nas coberturas jornalísticas sobre saúde, é buscada a diminuição das distâncias entre as fontes de informação situadas no universo técnico-científico e os leitores localizados no mundo do senso comum.

1.3 FAMILIARIZANDO O DESCONHECIDO: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A partir dos anos 1960, Serge Moscovici dedicou-se a investigar, especialmente, aquelas situações em que ocorre a passagem de um nível cognitivo – o do universo reificado – a outro – o consensual. Em 1961, publicou *La Psicanalyse: son image et son public*, obra na qual analisava as maneiras como a psicanálise penetrou o pensamento popular na França e lançava as bases para a sua Teoria das Representações Sociais, definindo-as como:

Um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 2003, p. 21).

As representações sociais estão, portanto, associadas a saberes práticos. Na concepção de Denise Jodelet (2005, p.17), elas são “[. . .] formas de saber o sentido comum, socialmente e psicologicamente elaboradas, que contribuem, por sua circulação social, para estabelecer uma visão de mundo comum a um grupo social ou cultural definido”. A mesma autora enfatiza que as representações combinam várias áreas de conhecimento e de prática, além de diversos modos de pensamento:

Uma única representação reúne assim uma grande variedade de raciocínios, imagens e informações de origens diversas, com os quais ela forma um conjunto mais ou menos coerente. Ao não-especialista permite-se e até solicita-se o que se proíbe aos especialistas, isto é, associar conteúdos intelectuais e modos de reflexão díspares numa rede contínua de soluções para os problemas encontrados. O não-especialista ‘zapeia’, como se diz na televisão, abastecendo-se, de acordo com os seus interesses sucessivos, no estoque de informações disponíveis, praticando os paralelos mais surpreendentes [. . .] (JODELET, 2005, p. 17-8).

Elementos essenciais à constituição do senso comum, as representações sociais integram um processo de produção de sentidos, que são entendidos por Mary Jane Spink e Vera Mimcoff Medrado (2004, p. 41) como “[. . .] uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta”. Conforme as autoras:

Dar sentido ao mundo [. . .] é uma prática social que faz parte da nossa condição humana. Desenvolvemos essa atividade nas relações que compõem o nosso cotidiano, o qual, por sua vez, é atravessado por práticas discursivas construídas a partir de uma multiplicidade de vozes. As idéias com as quais convivemos, as categorias que usamos para expressá-las e os conceitos que buscamos formalizar são constituintes de domínios diversos (da religião, da arte, da filosofia, da ciência), de grupos que nos são mais próximos (família, escola, comunidade, meio profissional etc.) e da mídia em geral. [. . .] Deparamos, assim, com um grande divisor de águas que coloca, de um lado, as práticas científicas – aquilo que obedece a determinados princípios, regras e métodos definidos pela comu-

nicação científica, passível, portanto, de produzir conhecimento legítimo – e, de outro, em contraposição (quando não em franca oposição), o senso comum – o conhecimento pouco sistemático e com fins práticos (SPINK; MEDRADO, 2004, p. 63-4).

No que pesem as contraposições, na dinâmica da sociedade os universos reificado e consensual, embora distintos, não estão completamente separados. Existem, como identifica Moscovici, situações em que o tipo de conhecimento produzido em um nível cognitivo transporta-se a outro, a exemplo da popularização de informações técnico-científicas capazes de despertar o atenção do público leigo e ser incorporadas, como informação interessante ou útil, ao seu dia-a-dia. Quando isso ocorre, formam-se representações sociais, cuja principal função é tornar familiar aquilo que é incomum:

Quando tudo é dito e feito, as representações que nós fabricamos – duma teoria científica, de uma nação, de um objeto etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum (não-familiar), ou que nos dá um sentimento de não-familiaridade. E através delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe parece ao alcance de nossa mão; o que parecia abstrato torna-se concreto e quase normal (MOSCOVICI, 2003, p. 55).

Para que esse processo se desenvolva, dois mecanismos entram em ação: a ancoragem e a objetivação, que dão uma feição familiar a elementos desconhecidos, transformando palavras, idéias ou seres distantes em termos usuais, próximos e atuais (MOSCOVICI, 2003, p. 60). Segundo o autor, isso equivale a dizer que as representações dependem, antes de mais nada, da memória, pois é dela e da soma de experiências que os indivíduos extraem as imagens, linguagens e gestos necessários para superar o não-familiar:

Ancoragem e objetivação são maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para o centro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido (MOSCOVICI, 2003, p. 78).

Ancorar, define Moscovici (2003, p. 61), é transformar o estranho e perturbador em um sistema particular de categorias, classificando e nomeando alguma coisa para então poder incorporá-la ao mundo familiar. Sua primeira instância – a classificação – corresponde a uma espécie de rotulação: o sujeito encaixa, dentro de um paradigma estocado em sua memória, algo até então desconhecido, estabelecendo com ele uma relação positiva ou negativa e sentindo-se, assim, em condições de avaliá-lo e comunicá-lo. Incide, aí, necessariamente – e ainda que implicitamente –, um juízo de valor: “Quando classificamos uma pessoa entre os neuróticos, os judeus ou os pobres, nós obviamente não estamos apenas colocando um fato, mas avaliando-a e rotulando-a. E neste ato, nós revelamos nossa ‘teoria’ da sociedade e da natureza humana” (MOSCOVICI, 2003, p. 62).

A nomeação, outro ingrediente do mecanismo de ancoragem, está relacionada ao caráter estranho e ameaçador daquilo que é anônimo, por ser incapaz de se tornar uma imagem comunicável ou ligada a outras imagens. É só na medida em que se confere um nome a alguma coisa que se pode imaginá-la e representá-la, como enfatiza Moscovici (2003, p. 66):

[. . .] é impossível classificar sem, ao mesmo tempo, dar nomes. Na verdade, essas são duas atividades distintas. Em nossa sociedade, nomear, colocar um nome em alguma coisa ou em alguém possui um significado muito especial, quase solene. Ao nomear algo, nós o libertamos de um anonimato perturbador, para dotá-lo de uma genealogia e para incluí-lo em um complexo de palavras específicas, para localizá-lo, de fato, na *matriz de identidade* de nossa cultura.

Como exemplo, o autor (MOSCOVICI, 2003, p. 67) cita uma constatação obtida em uma pesquisa de Claudine Herzlich, em torno das representações sociais sobre saúde e doença. Neste estudo, observou-se que, para a maioria das pessoas, o uso de um termo específico – fadiga – permite que se estabeleça uma relação entre um conjunto de sintomas vagos e certos padrões sociais e individuais. Desta forma, se diferencia o problema de uma doença e ele torna-se aceitável, justificável e um assunto apropriado para conversações. Em complemento a este exemplo, pode-se tomar uma palavra mais em voga atualmente: estresse. Na vida agitada e complexa das sociedades urbanas, é freqüente as pessoas se defrontarem com diversas manifestações físicas e comportamentais causadas pelo excesso de trabalho e preocupações e pela incerteza do futuro. Possuindo-as em larga escala, sem ter deficiências orgânicas que as corroborem, um indivíduo poderia sentir-se inseguro por não ter como justificar tais manifestações e receoso de ser taxado como doente, louco ou incapaz. No entanto, na medida em que os médicos passaram a diagnosticar os mais diversos sintomas sob o nome genérico de estresse, e este tornou-se amplamente difundido, o temor desapareceu. Todos admitem ter estresse, tecem considerações sobre ele, comparam seus sintomas com os de outras pessoas, sem que isso implique no risco de preconceito ou desconfiança.

A classificação e a nomeação são, portanto, os componentes da ancoragem. Ao lado dela, o outro mecanismo gerador de representações sociais é a objetivação, que significa converter o abstrato em algo quase concreto, transferindo aquilo que está na mente para um elemento existente no mundo físico (MOSCOVICI, 2003, p. 61). Em outras palavras, objetivar é uma forma de unir a idéia de não-familiaridade com a de realidade, como enfatiza Moscovici (2003, p. 71-2):

[. . .] objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma idéia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância. Temos apenas de comparar Deus com um pai e o que era invisível instantaneamente se torna visível em nossas mentes, como uma pessoa a quem nós podemos responder como tal. Um enorme estoque de palavras, que se referem a objetos específicos, está em circulação em toda sociedade e nós estamos sob constante pressão para provê-los com sentidos concretos equivalentes. Desde que supnhamos que as palavras não falam sobre ‘nada’, somos obrigados a ligá-las a algo, a encontrar equivalentes não-verbais para elas.

Ancoragem e objetivação, portanto, são mecanismos que “[. . .] transformam o não-familiar em familiar, primeiramente transferindo-o a nossa própria esfera particular, onde nós somos capazes de compará-lo e interpretá-lo; e depois, reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar e, conseqüentemente, controlar” (MOSCOVICI, 2003, p. 71). Como resultado da utilização de ambos, tem-se uma permanente recriação do senso comum, o que equivale a dizer que as representações sociais são dinâmicas, “[. . .] operando em um conjunto de relações e de comportamentos que surgem e desaparecem, junto com as representações” (MOSCOVICI, 2003, p. 47). Tal característica faz supor que, para que assim seja, as representações estejam estreitamente ligadas a atos comunicativos. De fato, Moscovici identifica um íntimo entrelaçamento entre comunicação e representações sociais: “Uma condiciona a outra, porque nós não podemos comunicar sem que partilhemos determinadas representações e uma representação é compartilhada e entra em nossa herança social quando ela se torna um objeto de interesse e de comunicação” (MOSCOVICI, 2003, p. 371).

Ao mencionar esta questão, Moscovici refere-se não apenas às interações face-a-face, às conversações do dia-a-dia, mas também – e principalmente – à comunicação protagonizada pelos meios de comunicação, nos quais percebe instrumentos

que deram nova dimensão à necessidade de estabelecer um elo entre “[. . .] de uma parte, nossas ciências e crenças gerais puramente abstratas e, de outra parte, nossas atividades concretas como indivíduos sociais”. (MOSCOVICI, 2003, p. 48). Raciocínio semelhante é feito por Peter Dahlgren (1997, p. 262), que atribui aos meios de comunicação massivos a capacidade de criar percepções culturais comuns, instituindo comunidades interpretativas que condicionam a produção de sentido em um espaço público moderno. Ou, como enfatiza Antônio Fausto Neto (1991, p.13), “[. . .] o campo da comunicação social não se constitui apenas num lugar de ‘acolhimento’ das representações sociais, em torno das quais se estabelecem e se articulam as compreensões e os processos de integração social. Pelo contrário, este campo se destaca como agente que, dispondo de regras e poderes específicos, dá conta de operar a própria construção do sistema de representações”.

Portanto, a comunicação de um modo geral, e a jornalística em especial, encontra-se no cerne do processo de popularização de informações técnico-científicas e, dentro dele, promove uma ampla circulação de representações sociais, participando da permanente reformulação do senso comum. Entre as diversas especialidades do conhecimento em que isto ocorre, a área da saúde é, certamente, um dos exemplos mais destacados, na medida em que as informações a ela relacionadas possuem interesse potencial para qualquer pessoa e, por isso, sofrem constantemente o já mencionado efeito de exterioridade. Através dos meios de comunicação, saberes oriundos do meio técnico-científico ultrapassam suas fronteiras e, na forma de representações sociais, ancoradas e objetivadas na memória e na experiência do público, são incorporados ao cotidiano dos cidadãos.

1.4 TRANSITANDO ENTRE DOIS UNIVERSOS: A POPULARIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE SAÚDE

Todo indivíduo nasce, vive e morre. Em algum momento deste percurso depara-se, inevitavelmente, com questões de saúde e doença. Mesmo quem não dedica particular atenção a estes temas terá, em determinada circunstância, o interesse despertado por algum aspecto a eles relacionado. Isto pode ocorrer, por exemplo, devido a um problema experimentado por si próprio ou alguém de suas relações – como o surgimento de uma doença na família, sobre a qual é preciso saber mais –, pelo desejo de viver melhor ou se adaptar a padrões estéticos vigentes ou até mesmo diante da curiosidade despertada por uma situação envolvendo alguma personalidade pública. Isso porque, conforme Elizabeth Rondelli (1995, p. 39), “Saúde e doença são coisas intrinsecamente ligadas à natureza deste corpo humano que, embora universal quanto à sua estrutura anatômica e fisiológica geral, é tomado como objeto de múltiplas e quase infinitas construções significativas pelas culturas e imaginários”. Fernando Lefèvre adiciona que isto tem relação com a dupla condição do ser humano:

[. . .] de um lado, um ator biológico, preocupado com a sua vida e a sua morte propriamente ditas, isto é, com a morte global ou definitiva de seu corpo como um todo e com a prevenção dessa morte; de outro, um ator social, preocupado com uma sobrevivência, digamos, menos radical, como, por exemplo, a de seu cabelo ou de seus seios eretos, neste caso experimentada como condição necessária à afirmação individual num mercado de trocas eróticas cada vez mais competitivo (LEFÈVRE, 1999, p. 90).

Informações sobre saúde, portanto, têm virtual interesse para qualquer pessoa. No entanto, as fontes na qual a maioria delas se origina estão situadas no universo técnico-científico: as pesquisas desenvolvidas por laboratórios e universidades, o conhecimento especializado dominado por médicos e outros profissionais da saúde, os serviços e a tecnologia disponíveis nos hospitais e demais estabelecimentos do

ramo, a disponibilização de assistência e sua regulamentação pelos poderes públicos municipais, estaduais e federal, entre outros.

Nesses meios, é produzido e/ ou aplicado um conhecimento sistemático, especializado, sobre o qual as pessoas que o integram possuem amplo domínio. Entre seus pares, tais sujeitos comunicam-se de forma igualmente especializada, empregando uma linguagem inacessível aos não-iniciados. Artigos que circulam em publicações acadêmicas, por exemplo, apresentam abordagens, estruturas e formas de expressão que dificilmente serão assimiladas por quem não está inserido em tal universo. Até mesmo um médico, durante uma consulta, pode expressar-se de uma maneira que restringe a compreensão por parte do paciente:

Para sublinhar sua autoridade, a profissão médica recobre-se com os velhos símbolos de poder e mistério, das vestimentas exóticas à linguagem incompreensível, tudo isso naturalmente legitimado para o público e para ela própria em termos práticos. [. . .] Em outras palavras, entra em ação uma maquinária inteira de legitimação, com o fim de *manter* os leigos como leigos e os médicos como médicos, e (se possível) que ambos assim procedam com satisfação (BERGER; LUCKMANN, 1976, p. 1200-1).

No entender de Bourdieu, situações como essa ocorrem porque, dentro de um mercado de intercâmbios simbólicos, as trocas lingüísticas constituem-se, também, em relações de poder. Neste contexto, determinadas pessoas são socialmente revestidas de competência e autoridade para falar sobre assuntos específicos e seu modo de expressão torna-se, assim, uma marca de distinção em relação a outros grupos. Desta forma, afirma o autor (BOURDIEU, 1993, p. 40), “[. . .] os discursos não são unicamente (ou só o são excepcionalmente) signos destinados a ser compreendidos, decifrados; são também *signos de riqueza* destinados a ser valorados, apreciados, e *signos de autoridade* destinados a ser criados e obedecidos”.

Portanto, em muitas das situações em que o cidadão comum tenta se apropriar de informações oriundas do universo técnico-científico, dá-se uma relação desigual, que dificulta, ou mesmo impede, este processo. Como demonstra Isaac Epstein, retornando ao exemplo da relação médico-paciente:

Percebe-se que nos sistemas de saúde o elemento mais carente e ao mesmo tempo o mais frágil, por sua própria condição de doente, é o paciente. Sabe menos sobre si mesmo, sobre seu corpo e sua mente, que os atores solicitados a tratá-lo. [. . .] Esses atores também vivem atmosferas diferentes: inseguro, doente e, por isso mesmo, carente o primeiro; ‘profissional’, dono presumido do saber sobre saúde e doença, o segundo (EPSTEIN, 2001).

O fato de os leigos ocuparem uma posição tão frágil nessa relação não denota, entretanto, uma absoluta ignorância a respeito das questões relacionadas à saúde. Como já visto, os cidadãos comuns desenvolvem um conjunto próprio de saberes, uma espécie de repertório consensual integrado por diferentes elementos, que vão desde o conhecimento obtido em instâncias formais – como a escola – até aqueles que dizem respeito a tradições, crenças, emoções e percepções constituídas no grupo em que vivem, além dos meios de comunicação. Em outras palavras, possuem representações sociais sobre saúde, que colocam em jogo ao entrarem em contato com informações advindas do universo técnico-científico, procurando incorporá-las à existência cotidiana. Neste sentido, Maria Cecília de Souza Minayo expõe que:

Apesar de reconhecer o poder médico e subordinar-se à medicalização, elas [*as classes trabalhadoras*] possuem uma visão crítica, a partir da experiência, tanto dos profissionais e sua técnica como do sistema de assistência e serviço de que fazem uso. Por isso reinterpretam o esquema racionalizado, usam-no de acordo com seus interesses imediatos e concepções particulares e não legitimam totalmente o saber médico. Sua relação com a medicina oficial é sempre precária, provisória e conflitiva. Sua interpretação da vida e da morte está inevitavelmente perpassada, junto com a crítica ao sistema dominante, pelas crenças e tradições, pela prática da medicina caseira e/ ou religiosa que fazem parte de seu imaginário social vinculado à experiência cotidiana (MINAYO, 2004, p.195).

Na mesma linha, Rondelli (1995, p. 39-40) afirma que as questões relacionadas à saúde e à doença colocam em jogo diversos níveis discursivos: o lógico, racional e científico da medicina; o dos médicos e outros profissionais de saúde; o das “[. . .] interpretações, leituras e dos usos e não-usos que os pacientes fazem dos diagnósticos e das prescrições médicas, costuradas com noções herdadas do senso comum”; o do público leigo, “[. . .] que se depara, sobretudo, com o cruzamento e a interposição de várias lógicas de linguagem e que, a partir deste *mixed* formado por discursos de origens múltiplas, elabora as suas próprias conclusões – cientificamente corretas ou não –, reconhece-as como verossímeis e dignas de crédito, validando-as como guias de comportamento”; e o dos meios de comunicação.

Assim como Rondelli, diversos outros autores ressaltam que, na permanente constituição e reformulação do senso comum, os meios de comunicação massivos exercem, sempre e cada vez mais, um papel de destaque. Ao promoverem, em suas coberturas sobre saúde, a popularização de informações técnico-científicas, eles participam ativamente na formação dos repertórios e na produção de sentidos. Neste processo, tanto proporcionam a inserção de novos conteúdos entre os saberes dos cidadãos quanto abastecem-se neles para, apropriando-se de elementos que lhe são próprios, estabelecer uma comunicação mais produtiva e eficaz. Entram então em cena as representações sociais – por exemplo, através de estratégias comunicativas relacionadas ao uso da linguagem que, se é fator de distinção entre o universo técnico-científico e o mundo do senso comum, transforma-se, neste contexto, em um instrumento de aproximação entre ambos.

Estes aspectos são tratados nos capítulos posteriores, que, partindo de abordagens conceituais em torno do jornalismo em geral, e do jornalismo científico em

particular, chegam à caracterização das coberturas jornalísticas sobre saúde e, dentro delas, das estratégias comunicativas empregadas para colocar em jogo as representações sociais.

2 UM DUPLO OLHAR SOBRE AS COBERTURAS:

O JORNALISMO CIENTÍFICO E A VISÃO ANTROPOLÓGICA DA NOTÍCIA

A cobertura jornalística sobre saúde é, como referido no capítulo anterior, um poderoso instrumento contemporâneo para a popularização de informações técnico-científicas neste ramo de conhecimento. Vista por este ângulo, ela pode ser qualificada como uma forma de jornalismo científico, ou seja, de divulgação a públicos leigos, através dos meios de comunicação, de conteúdos especializados. Por outro lado, também já foi enfatizado que tal tipo de cobertura não só atua no nível de transmissão de informações como igualmente protagoniza, através de utilização de diferentes estratégias comunicativas e da conseqüente circulação de representações sociais, um processo dinâmico de produção de sentidos. Isso, portanto, implica situá-la, paralelamente, dentro de uma perspectiva conceitual específica do jornalismo, a qual associa a imprensa não a um espelho absolutamente fiel e objetivo da realidade, mas a um local onde esta é interpretada e representada.

Levar em consideração esta dupla filiação da cobertura sobre saúde pode auxiliar na melhor compreensão dos diferentes elementos colocados em jogo para que, por meio dela, ocorra a transposição de informações técnico-científicas ao mundo do senso comum. Ambos pontos de vista conduzem à constatação de que para abordar,

nos meios de comunicação, uma temática tão complexa e relevante quanto a da saúde, é necessário lançar mão de uma série de estratégias – nas quais se fazem presentes os saberes, necessidades e expectativas dos leitores – capazes de cativar e manter a atenção e o interesse do público.

2.1 A COBERTURA SOBRE SAÚDE COMO JORNALISMO CIENTÍFICO

A abordagem de temas oriundos do universo técnico-científico em meios de comunicação pode receber, de acordo com o ponto de vista, diferentes denominações, tais como divulgação, disseminação, difusão ou, finalmente, jornalismo científico. Também são diversas as interpretações sobre a abrangência desta atividade. Para alguns autores, pode-se abarcar sob tais denominações a disponibilização de informações especializadas a qualquer tipo de público, o que incluiria até mesmo aqueles veículos dirigidos ao próprio universo acadêmico e de pesquisa.

No âmbito do presente trabalho, no entanto, adota-se a expressão jornalismo científico, acompanhando o discernimento feito por Wilson da Costa Bueno, para quem tal denominação tem sido utilizada, no Brasil, de forma genérica a fim de “[. . .] definir a veiculação de informações científicas e tecnológicas pelos meios de comunicação de massa” (BUENO, 1988, p. 21). Segundo este autor, difusão é o termo mais abrangente, que se refere a todo e qualquer processo ou recurso utilizado para a veiculação das referidas informações, tais como periódicos especializados, bancos de dados, serviços das bibliotecas, eventos científicos, seções e cadernos de publicações de caráter geral, páginas de ciência e tecnologia de jornais e revistas e programas de rádio e televisão dedicados à temática, entre outros. Já a disseminação é vista como a transferência de informações técnico-científicas a públicos especiali-

zados, empregando códigos igualmente específicos, enquanto a divulgação compreende a utilização de recursos, técnicas e processos para a veiculação destes conteúdos ao público geral, abrangendo, portanto, livros didáticos, aulas escolares, cursos para não-especialistas, histórias em quadrinhos e as coberturas realizadas pelos jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão voltados a públicos leigos. O jornalismo científico configura-se, assim, como uma das modalidades da divulgação científica, na qual, segundo Bueno (1988, p. 23), ocorre “[. . .] a transposição de uma linguagem especializada para uma linguagem não-especializada, com o objetivo de tornar o conteúdo acessível a uma vasta audiência”.

Combatendo uma visão reducionista em torno desta área do jornalismo, Wilson Bueno destaca que:

Nota-se, ainda, a relação entre jornalismo científico e algumas poucas áreas do conhecimento, como se esse caso particular de difusão dissesse respeito apenas aos grandes fatos científicos que ocorrem em determinados setores. O conceito de jornalismo científico deve incorporar as ciências humanas, e as técnicas e processos mais simples, eliminando um preconceito que já contamina toda a área: só se consideram como objeto do jornalismo científico as teorias complexas e as aplicações tecnológicas avançadas, com desprezo às técnicas e conhecimentos básicos da ciência e da tecnologia. O conceito de jornalismo científico que postulamos não exclui áreas ou níveis de informação e, portanto, abriga amplo material divulgado pelos meios de comunicação de massa. Os limites do jornalismo científico não estão na especificidade mesma do processo de comunicação jornalística. Não são decisivos, portanto, os veículos utilizados, as áreas de conhecimento sob cobertura e o nível de complexidade de fatos e informações científicas. O jornalismo científico, dentro desta perspectiva, inclui desde o conjunto de informações sobre práticas agrícolas ou sobre as reais vantagens do aleitamento materno até a descrição de complexos processos e técnicas utilizadas na medicina ou na física nuclear (BUENO, 1988, p. 26).

É em total sintonia com tal ponto de vista que se compreende, dentro desta dissertação, a cobertura jornalística sobre saúde como uma modalidade de jornalismo científico. Em conseqüência, defende-se também que, nesta área específica, o jorna-

lismo científico não está presente apenas em publicações ou cadernos especializados, nem somente em extensas e aprofundadas reportagens pautadas nesta temática, mas também pode ser identificado nas matérias, notas e colunas publicadas no dia-a-dia de um jornal, em suas diferentes editorias, toda vez em que são abordadas, por exemplo, questões relacionadas à prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças, orientações para promoção da saúde, dicas para uma melhor qualidade de vida ou informações sobre o funcionamento de serviços assistenciais.

Dentro desta perspectiva, pode-se, mais uma vez concordando com Wilson Bueno, identificar seis funções no jornalismo científico: informativa, educativa, social, cultural, econômica e político-ideológica (BUENO, 1988, p. 26-30), a seguir sintetizadas:

a. A **função informativa** corresponde à “[. . .] divulgação de fatos e informações de natureza científica e tecnológica, permitindo ao cidadão inteirar-se das novas descobertas da ciência e de suas implicações políticas, econômicas e socioculturais” (BUENO, 1988, p. 27). O autor faz a ressalva de que o desempenho desta função não implica perceber o processo de comunicação como uma mera transferência de informações e conhecimentos, mas também exige a incorporação do interesse e necessidade do cidadão de estar informado e o compromisso do jornalista de trabalhar em prol da coletividade, divulgando o que efetivamente vai ao encontro do seu universo de expectativas e interesses.

b. A **função educativa**, estreitamente vinculada à anterior, diz respeito à capacidade de proporcionar o acesso de pessoas com baixa escolaridade a conhecimentos que lhe são interessantes ou úteis e contribuir para o desenvolvimento de suas idéias e opiniões, bem como para a incorporação de novas condutas ao seu cotidiano.

Também neste aspecto Bueno (1988, p. 28) enfatiza a necessidade, por parte do jornalismo, de atender às aspirações da coletividade e, em função disso, levar em conta as expectativas dos cidadãos comuns, atentando-se ao fato de que, para estes, a imprensa pode se constituir na única fonte de informações populares sobre ciência e tecnologia.

c. A **função social** do jornalismo científico manifesta-se pela preocupação em situar a informação científica e tecnológica num contexto mais amplo, o que coloca o jornalismo na condição de mediador entre a ciência e a sociedade. Bueno (1988, p. 28) destaca que isto pressupõe “[. . .] o debate dos temas de ciência e de tecnologia à luz das aspirações da sociedade e faz coincidir os interesses com os objetivos da produção e da divulgação científica”.

d. A **função cultural** está associada a uma postura crítica a ser assumida pelo jornalismo científico, que, ao invés de se limitar à mera difusão de novas descobertas científicas e aplicações tecnológicas, deve “[. . .] trabalhar em prol da preservação e valorização da cultura nacional e repelir qualquer tentativa de agressão aos nossos valores culturais”.

e. A **função econômica** remete à relação entre o desenvolvimento e divulgação da ciência e o setor produtivo, cabendo ao jornalismo, neste contexto, contribuir para aumentar o intercâmbio entre os institutos, universidades e centros de pesquisa nacionais e o setor produtivo, despertando “[. . .] os homens de negócios para novas tecnologias, novos equipamentos, novos processos de produção, antecipando-se, inclusive, à própria dinâmica do intercâmbio tecnológico” (BUENO, 1988, p. 30).

f. A **função político-ideológica**, por fim, diz respeito à possibilidade de o jornalismo científico ser uma atividade voltada à democratização do conhecimento, embora, como lamenta Bueno (1988, p. 30), venha atuando muito mais no sentido de legitimação do poder estabelecido.

A soma destas funções dá a dimensão da importância do jornalismo científico, que pode ser resumida em uma frase de Manuel Calvo Hernando (1970, p. 26): “A notícia científica tem por objeto fazer participar o leitor na grande aventura do conhecimento humano”. Conforme o autor, o jornalista que realiza coberturas nesta área maneja questões que:

[. . .] sendo profundamente humanas, porque estão na mesma entranha do homem e respondem a sua própria angústia ante o desconhecido, adquirem uma dimensão que excede o simples relato de um acontecimento, para penetrar na mente e no coração, e que, em certos casos, levam dentro uma carga patética ou prometedora, otimista ou pessimista, porém capaz, de qualquer modo, de conter o germe de uma transformação do mundo e dos homens (CALVO HERNANDO, 1970, p. 26).

O jornalismo científico – e, dentro dele, as coberturas sobre saúde – caracteriza-se, portanto, não apenas pela especificidade de sua temática, mas, também, pela importância e repercussão social que esta carrega em si. Trata-se de relatos que falam diretamente ao cotidiano, aos interesses ou à curiosidade dos leitores, em mensagens que, transpostas do universo técnico-científico ao mundo do senso comum, integram-se à vida do cidadão e nela assumem novos sentidos.

Assim constituído, este ramo particular do jornalismo reveste-se, também, de algumas particularidades em seu processo de produção, entre as quais interessa, aqui, destacar duas: a exacerbação das dificuldades de relacionamento entre fontes e repórteres e a acentuada necessidade de emprego, na elaboração dos relatos, de estratégias comunicativas capazes de conduzir a uma comunicação mais efetiva com o público.

2.1.1 Particularidades do jornalismo científico

O jornalismo científico é, obviamente, um tipo de jornalismo e, como tal, reveste-se, em grande parte de seus aspectos, das mesmas características e dificuldades que qualificam a atividade, seus processos e produtos como um todo. Entretanto, dadas as suas especificidades, algumas barreiras acentuam-se neste ramo de divulgação, como enfatiza Wilson Bueno (2004b):

A eficácia da divulgação científica esbarra, quase sempre, em inúmeros fatores, dentre os quais se sobressaem o analfabetismo científico da população; a dificuldade natural de se decodificar o discurso científico; a incompreensão e a desconfiança que vigoram na relação entre cientistas e jornalistas e, sobretudo, a diferença inconciliável entre o processo de produção científica e o processo de produção jornalística.

Observa-se que todos os elementos apontados pelo autor estão vinculados, de uma forma ou de outra, ao fato de que este tipo de jornalismo tem como meta transportar informações oriundas do universo técnico-científico para o mundo do senso comum, acarretando o necessário enfrentamento das profundas diferenças existentes entre ambos. Se tais diferenças evidenciam-se na comparação entre a origem e o destino das mensagens – ou seja, especialistas e público leigo –, igualmente se fazem aparentes quando colocadas lado a lado as fontes informativas e os mediadores do processo de comunicação. Em outras palavras, pode-se dizer, retomando a classificação de Moscovici apresentada no capítulo anterior, que, enquanto os cientistas – pelo caráter altamente especializado de seus processos de trabalho, seus conhecimentos e sua forma de expressão – podem ser situados em universo reificado, os jornalistas – detentores de saberes genéricos e afeitos à expressão coloquial – estão mais próximos do universo consensual.

Isso pode ser observado no quadro a seguir, elaborado pelo Centro Interamericano para la Producción de Material Educativo y Científico para la Prensa e citado por Mario Erbolato (1981, p. 45), que propõe um paralelo entre cientistas e jornalistas:

Cientista	Jornalista
1. É um redator ocasional.	1. É um redator permanente.
2. Escreve apenas quando necessário e pode ficar muito tempo sem redigir.	2. Escrever é o seu trabalho de todos os dias.
3. Tem um estilo polido, fiel, caprichado, embora alguns não o entendam.	3. Redige com facilidade e quer que todos o compreendam.
4. Não aceita limites para a extensão, organização, apresentação e estilo de seus trabalhos.	4. Deve seguir determinados estilos e adaptar-se às normas do jornal que lhe indica, inclusive, o espaço de que dispõe.
5. Especializa-se em uma ciência e às vezes apenas em uma parte dela e tem escassos conhecimentos sobre comunicação.	5. Não é especializado em ciências, mas domina as técnicas da comunicação.
6. O cientista tende ao tecnicismo, o que pode tornar obscuro seu trabalho.	6. Interessam-lhe sobretudo a clareza e o entendimento do que escreve.
7. Para o cientista, a ciência é seu trabalho.	7. Para o jornalista, a ciência é notícia.
8. É exato e rigoroso.	8. É descritivo e ameno.
9. Pode ser vítima de pressões.	9. Pode ser vítima da falsa ciência.
10. Suas virtudes são o rigor e a profundidade.	10. Suas virtudes são a rapidez e a verdade.
11. Há especialistas mesquinhos, sábios, incultos, rotineiros, fruto de uma formação incompleta e desumanizada.	11. Há jornalistas desavergonhados, despreocupados com a sua sociedade e que se deixam levar pelo oportunismo e pela ignorância.

Quadro 1 – Comparação entre cientistas e jornalistas

No mesmo sentido, Neil Calder (2004) retrata o distanciamento existente entre os dois extremos:

O processo científico é lento, e com motivo. É preciso fazer experimentos, tomar notas, analisar resultados, escrever artigos, revisá-los junto aos pares e, quando cabível, publicá-los. Tudo isso pode levar muito tempo e os pesquisadores têm razões para tomar a precaução de não falar com a imprensa antes de que a própria comunidade científica tenha dado aval a sua pesquisa. Cada passo adiante fica gravado na história da ciência e é de esperar que tenha uma vida infinita. A imprensa é completamente diferente. Os prazos limites de um jornalista são contados em horas, tem que vender ‘sua notícia’ ao editor e, se este a aceita e ela chega a ser impressa, tem um período de vida de um dia. Em seguida, cai no esquecimento e jornalista tem que sair à caça de outra notícia.

Apesar de tudo isso, o contato entre ambos é inevitável, pois um necessita do outro. Afinal, o primeiro é a fonte de informações para o jornalismo científico, matéria-prima indispensável a sua concretização, enquanto o outro tem em mãos os instrumentos e canais para que tais informações ganhem visibilidade e tenham sua relevância amplamente reconhecida. Como enfatiza Carlos Chaparro (2004):

[. . .] a ciência precisa tanto do jornalismo quanto o jornalismo precisa da ciência. De um lado, o jornalista capta as indagações do mundo e no mundo observa acontecimentos, com o dever de oferecer à sociedade, além de relatos, respostas e explicações que provavelmente só encontrará no saber científico; de outro lado, a ciência perde sentido se não puder socializar o conhecimento que produz, devendo, em favor da sociedade, aproveitar-se da capacidade difusora do jornalismo, bem como da eficácia asseverativa e didática da linguagem jornalística. Acresce ainda – e essa não é uma razão menor – que os fatos científicos devem ser noticiados, para que se completem como acontecimentos relevantes da atualidade, capazes de interferir no mundo presente das pessoas.

Assim, cientistas e jornalistas, diferenças à parte, devem se pôr em contato e procurar diminuir a distância que os separa. O resultado deste encontro é o jornalismo científico, através do qual, segundo Bueno (2004), os meios de comunicação desempenham um papel fundamental no processo de alfabetização científica, difundindo inovações tecnológicas e descobertas da ciência de forma a que os cidadãos possam compartilhar delas. Neste contexto, Manuel Calvo Hernando (2004) afirma que “[. . .] o jornalismo científico é um instrumento para a democracia, porque facilita a todos o conhecimento para poder opinar sobre os avanços da ciência e compartilhar com os políticos e os cientistas a capacidade de tomar decisões nas graves questões que o desenvolvimento científico e tecnológico nos impõe”.

Para que isso efetivamente ocorra, faz-se necessária, por um lado, a adoção de uma postura mais aberta por parte dos cientistas, que, no entender de Calder (2004), devem “[. . .] distanciar-se por um momento dos complexos detalhes tecnológicos e

pensar no impacto que pode ter sua pesquisa na sociedade”. Neste mesmo sentido, Juan Rodés e Antoni Trilla (2004) defendem que:

A conduta desejada, por muitos motivos fáceis de compreender, é a colaboração mútua, franca e honesta por ambas as partes. Nós, os pesquisadores, devemos ser conscientes da importância da comunicação pública e compreender a mensagem e o meio; temos que evitar ser paternalistas, temos que ser simples, claros, concretos e diretos, distinguir os fatos provados das suposições ou hipóteses por comprovar, apoiar os dados ou resultados com exemplos simples, compreensíveis por todos e, muito importante, sempre que possível aportar material gráfico de qualidade.

As colocações feitas pelos dois pesquisadores introduzem uma outra particularidade do jornalismo científico, que também remete a uma das principais responsabilidades do segundo envolvido no processo, o jornalista: a imperiosa necessidade de empregar, muito mais do que em outros tipos de cobertura, uma série de estratégias a fim de que a comunicação se estabeleça de forma precisa, clara, correta e identificada com o público. Ao desenvolver, balizados por esta premissa, um trabalho de qualidade, os jornalistas atuantes nesta área podem conquistar o respeito e a credibilidade das fontes e, ao mesmo tempo, o interesse e a compreensão dos leitores.

As referidas estratégias envolvem diversos fatores e podem ser definidas, a exemplo do que fazem Daniel Cassany e Jaume Martí (2004), como os “[. . .] distintos tipos de recursos ou procedimentos verbais que utilizam os textos para fazer acessível ao público leigo o conceito técnico. Trata-se de um conjunto variados de fenômenos lingüísticos que abarca questões de seleção da informação, organização da mesma, formulação discursiva, seleção léxica, tratamento tipográfico etc.”. No contexto do jornalismo científico, Warren Burkett (1990, p.122-8) especifica algumas delas, sintetizadas no quadro a seguir:

- Usar frases e palavras curtas.
- Traduzir termos técnicos.
- Dar exemplos de aplicações práticas dos fatos descritos.
- Fazer analogias com situações conhecidas.
- Estabelecer comparações e proporções.
- Apoiar palavras com desenhos, tabelas, mapas etc.
- Retirar números dos textos e colocá-los em quadros e tabelas ilustrativos.
- Empregar recursos literários como metáforas, anedotas, descrições, paradoxos, símiles, narrativas e cronologias.
- Realizar abordagens de interesse humano.

Quadro 2 – Algumas estratégias empregadas no jornalismo científico

Uma abordagem mais aprofundada das estratégias empregadas para realizar a transposição de informações técnico-científicas ao mundo do senso comum será feita posteriormente. Antes, cabe, retomando a sistematização proposta no início do capítulo, tecer algumas considerações a respeito da cobertura sobre saúde sob um outro ponto de vista, aquele que a insere em uma concepção do jornalismo como um processo dinâmico de produção de sentidos.

2.2 A VISÃO ANTROPOLÓGICA DA NOTÍCIA

Procurando situar a cobertura de temas técnico-científicos – e, mais especificamente, aqueles relativos à área da saúde – dentro de uma concepção mais ampla do jornalismo, o presente estudo refuta os pontos de vista que, apoiados no tradicional conceito de objetividade, o consideram um perfeito espelho da realidade, o qual refletiria, em seus relatos, os fatos exatamente como ocorreram, sem a interferência de qualquer fator. Prefere-se, aqui, aquelas perspectivas que conferem ao jornalismo o status de participante de um processo dinâmico de produção de sentidos, no qual se dá não uma exposição neutra dos fatos, mas sua interpretação, empregando, como enfatiza Sandra Jovchelovitch (2000, p.109), “[. . .] dispositivos que são típicos da

linguagem e das intenções que sustenta”. Tal perspectiva pode ser relacionada a intencionalidades mais ou menos veladas, como os interesses econômicos e políticos a que as empresas jornalísticas se subordinam, mas também envolve um outro fator: a necessidade de permear os relatos de elementos capazes de aproximá-los do público. Neste sentido, afirma John Thompson:

Quando indivíduos codificam ou decodificam mensagens, eles empregam não somente as habilidades e competências requeridas pelo meio técnico, mas também várias formas de conhecimento e suposições de fundo que fazem parte dos recursos culturais que eles trazem para apoiar o processo de intercâmbio simbólico. Estes conhecimentos e pressuposições dão forma às mensagens, à maneira como eles as entendem, se relacionam com elas e as integram em suas vidas. O processo de comunicação é sempre uma ação recíproca entre as mensagens codificadas e os intérpretes situados, e esses sempre trazem uma grande quantidade de recursos culturais de apoio a este processo (THOMPSON, 1998, p. 29-30).

Isso vai ao encontro da afirmação feita por Jesús Martín-Barbero (1997, p. 16) de que a comunicação é, acima de tudo, uma questão de mediação. Admite-se, portanto, a necessidade de que nela haja espaço não apenas para a circulação de *conhecimentos* hegemônicos, mas também para o *reconhecimento* de diferentes contextos culturais. Como complementa Vera França (2004, p. 22): “O conceito de mediações nos conduz a pensar a comunicação sob o prisma da ação dos homens no mundo; a resgatar os contextos sócio-históricos e culturais onde se dão essas ações; a pensar a dinâmica instauradora de sentido no bojo das interações sociais, das ações reciprocamente referenciadas dos sujeitos sociais”.

Ao se configurarem de tal forma, os meios de comunicação despontam como um espaço público privilegiado para o encontro de diferentes saberes e distintas formas de expressão. Isso fica bastante evidente nas coberturas jornalísticas destinadas a popularizar informações técnico-científicas, marcadas pela intersecção dos universos

reificado e consensual, onde conhecimentos especializados são ancorados e objetivos, colocando em circulação representações sociais capazes de tornar tais conhecimentos familiares ao público e passíveis de incorporação ao seu cotidiano. A respeito disso, ressalta Benedito Medrado (2004, p. 245):

É inegável que, na sociedade contemporânea, a mídia assumiu um papel fundamental no processo de construção e circulação de repertórios, tendo em vista, principalmente, sua *afluência* de público e conseqüente *influência* sobre o cotidiano das pessoas. Desse modo, ela confere uma visibilidade sem precedentes aos acontecimentos, informações e descobertas, levando a uma reconfiguração das fronteiras entre o espaço público e o privado, reduzindo barreiras espaciais e temporais e permitindo comunicação para além da interação face-a-face.

É dentro deste contexto que se compreende que os meios de comunicação, importantes mediadores entre o universo técnico-científico e o mundo do senso comum, não têm como, para realizar tal empreendimento, pretender espelhar fielmente uma dada realidade. Se assim fosse, a notícia, por exemplo, sobre uma descoberta científica na área da saúde corresponderia à explanação detalhada do processo investigativo que nela culminou, constituindo-se, portanto, em um relato técnico, especializado, com um conteúdo e uma linguagem inacessíveis ao público leigo. Ao contrário, o que o jornalismo faz, nestas situações, é um processo interpretativo, colocando em jogo uma série de estratégias comunicativas, que compreendem a intensa circulação de representações sociais, capazes de criar a proximidade e a familiaridade necessárias.

Dentro dessa perspectiva, Luiz Gonzaga Motta (2005) defende uma abordagem antropológica da notícia, fundamentada na produção de sentidos, na qual os relatos são produtos culturais que não apenas informam, mas situam o indivíduo na sociedade. Na mesma linha, Miguel Rodrigo Alsina (1989, p. 186) define notícia

como “[. . .] uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente que se manifesta na construção de um mundo possível”, enquanto Juan Ramón Muñoz-Torres (2002, p. 48) a classifica como um artefato cultural, “[. . .] uma seqüência de mensagens socialmente manufaturadas, que levam consigo muitos dos pressupostos culturais dominantes de nossa sociedade”. Ao mesmo tempo, Nelson Traquina (2001, p.122-3) a situa em uma instância de interação, “[. . .] uma construção social onde a natureza da realidade é uma das condições, mas só uma, que ajuda a moldar as notícias”.

Neste contexto, assim como Maffesoli (1988) identifica no senso comum a mescla de razão e emoção, Motta percebe que, no jornalismo, estão presentes tanto elementos do real quanto do imaginário, estabelecendo um jogo entre o efetivo e o afetivo:

Entendidas como sistema simbólico, as notícias são *logos* e são *mythos*; por um lado são razão, fatos históricos, mas por outro são *mythos*, encerram objetividades e subjetividades que dotam os acontecimentos de sentidos de passado e de futuro, do bem e do mal, do bonito e do feio, do que pode e do que não pode, sugerem difusas ideologias, estimulam desejos e utopias. Ainda que o jornalista faça todo o esforço para escrever um relato objetivo e manter o seu texto o mais próximo possível do referente empírico, aquilo que ele transmite não se restringe jamais à informação apenas, e seu texto poderá ser interpretado de outras formas, poderá até ser entendido por alguém como fábula ou como *mythos* (MOTTA, 2003, p. 9).

Vistas por esse ângulo, as notícias são “fábulas da vida moderna” (MOTTA, 2005), histórias contadas pelos jornalistas aos leitores que, por sua vez, as interpretam dentro de um contexto simbólico, conferindo a elas um sentido que se encaixa no mundo cotidiano em que vivem. Na produção jornalística, portanto, incidem, segundo o autor, *implicaturas*, ou seja, “[. . .] efeitos de sentido que se insinuam no ato comunicativo, que se derivam tanto dos significados das palavras e sinais do texto

como de princípios estéticos, morais ou sociais subentendidos” (MOTTA, 2003, p. 8). Em consequência, no entender de Stella Martini (2000, p. 29), a notícia jornalística compartilha com a educação não só a transmissão de informações, mas também a difusão e consolidação de imaginários, símbolos, valores e tradições.

2.2.1 O contrato de leitura

Se os meios de comunicação participam de um processo de produção de sentidos, pressupõe-se que exista, entre os jornalistas e o público, uma identificação, um compartilhamento, uma espécie de acordo tácito que garante um diálogo exitoso entre ambos. Por um lado, o jornalista procura se inteirar do perfil socioeconômico, cultural, etário e de gênero de seus leitores, assim como de seus hábitos, valores, símbolos e representações, e compreender o que a união de todos estes elementos acarreta em termos de necessidades de comunicação. Por outro, os leitores, através de seu comportamento de consumo e do retorno dado de diferentes formas ao periódico, indicam que elementos estão adequados a suas expectativas e quais não, além de desenvolverem hábitos de leitura que se adaptam àquilo que o jornal lhes oferece. Estabelece-se, portanto, um contrato implícito entre os meios e o público, no qual, segundo Motta (2005), o jornalista procura garantir a adesão dos interlocutores em seus atos de leitura:

Ao publicar uma notícia ilustrada por uma foto, acompanhada de uma charge, diagramada de certa maneira ou utilizando certas palavras na retranscrição, no título ou no texto, ou seja, ao estruturar a sua mensagem de uma certa forma, o jornalista sabe que está induzindo a leitura do receptor para o efeito desejado porque sabe que seu leitor tenderá a responder a esses indícios de escritura. Haverá sempre uma certa ambigüidade nos sentidos e interpretações possíveis, mas a seleção e a combinação de linguagens e de significação tende a provocar a percepção de um sentido próximo, senão harmônico, com aquele pretendido, embora possa ser recriado pelo leitor (MOTTA, 2003, p. 14).

Na avaliação de Martini (2000, p. 17), o contrato de leitura parte do pressuposto de que o leitor insere em seus hábitos de consumo e em suas expectativas a leitura das notícias de uma maneira determinada e, assim, abrange desde a definição do nome do veículo até o uso de determinadas estratégias comunicativas relacionadas à apresentação gráfica e aos recursos textuais. Neste mesmo sentido, Eric Landowski destaca que:

Todos os leitores o sentem e muitas equipes redacionais trabalham nesse sentido: cada jornal tem seu estilo, um tom, um ‘perfil’ que o define e que, por vias cuja análise ainda está apenas esboçada, dele fazem uma *figura social* capaz de cristalizar duradouramente atitudes de atração ou de repulsão. Ao contrário da maioria dos bens de consumo corrente, alimentos e roupas, por exemplo, que demandam uma perpétua mobilidade dos comportamentos de compra e utilização (porque é preciso – imperativo social – variar cotidianamente tanto sua indumentária como seu cardápio), o jornal, objeto de comunicação, solicita de cada indivíduo a compulsão inversa, exigindo a repetição, favorecendo o hábito ou a rotina, ou, menos disforicamente, uma certa constância – como se, uma vez que alguém elegeu *seu jornal*, permanecer fiel a ele fosse, em suma, permanecer fiel a si mesmo (LANDOWSKI, 1992, p. 118-9).

A validade do contrato de leitura também implica, segundo Motta, a partilha, entre as duas extremidades do ato comunicativo, de um marco cultural de referência, sem o qual os relatos jornalísticos não teriam a dimensão simbólica que possuem. Uma notícia, afirma o autor, não pode ser interpretada simbolicamente “[. . .] se não fizer parte de um domínio cultural de conteúdos e de códigos prévios comuns” (MOTTA, 2003, p.14). Tal constatação remete à circulação, através dos meios de comunicação, de representações sociais, ou seja, à construção das notícias em estreita vinculação com saberes e formas de expressão que integram o cotidiano dos leitores.

Pode-se afirmar, assim, que o contrato de leitura é regido, em grande parte, pelas representações sociais, as quais determinam suas “cláusulas”: é preciso falar de assuntos que interessem aos leitores, apresentá-los em uma linguagem acessível e

atrativa, estruturá-los de uma forma capaz de dialogar com o público e, sempre que necessário, adicionar a eles elementos visuais destinados a destacar, complementar e reforçar o que está sendo dito. Importantes em qualquer modalidade jornalística, tais elementos, introduzidos através da utilização de diferentes estratégias comunicativas, são indispensáveis nas coberturas que têm por objetivo disseminar a públicos leigos informações especializadas, como é o caso daquelas voltadas para a área da saúde.

A caracterização das estratégias comunicativas e a circulação, através delas, dos conhecimentos do senso comum nas matérias jornalísticas sobre saúde são o foco do capítulo a seguir.

3 AS ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NAS COBERTURAS JORNALÍSTICAS SOBRE SAÚDE

Como foi ressaltado no capítulo anterior, analisar a cobertura sobre saúde por dois ângulos diferentes – o do jornalismo científico e o da visão antropológica da notícia – é uma forma de melhor dimensionar sua complexidade e o quanto ela se reveste de importância para o público. Percebe-se, nesta dupla consideração, que a produção jornalística nesta área tem uma imensa relevância social, na medida em que proporciona o contato dos cidadãos com informações que lhe são úteis e interessantes, mas às quais não consegue aceder de forma direta. Mais do que isso, trata-se de um ramo no qual, de modo intensificado, a exposição dos relatos também é apoiada nos saberes dos próprios leitores, colocando em circulação as representações sociais que permeiam a sociedade.

Além disso, a análise sob ambas angulações converge em outro aspecto, ratificando que, para divulgar informações especializadas a um público leigo, faz-se necessário, por parte dos jornalistas e dos veículos, o emprego de diferentes estratégias comunicativas, amparadas no conhecimento do senso comum, sem as quais a comunicação não se estabeleceria com a mesma eficácia.

É possível identificar, neste contexto, diversas estratégias, capazes de atender às já mencionadas cláusulas do contrato de leitura, que, no âmbito do presente estudo, são classificadas em quatro níveis: a seleção de conteúdos e seus enfoques, o emprego da linguagem, as formas de construção dos relatos e a utilização de recursos visuais. Considera-se, aqui, que, por meio destes elementos, as representações sociais entram em cena, ancorando o que é distante e desconhecido nas experiências cotidianas e no imaginário dos leitores e objetivando um mundo abstrato através de imagens concretas e familiares. Cabe, então, tecer algumas considerações sobre cada um deles, buscando situá-los no âmbito das coberturas jornalísticas sobre saúde.

3.1 A INFLUÊNCIA DO INTERESSE DO PÚBLICO NA DEFINIÇÃO DOS CONTEÚDOS

No dia-a-dia, pessoas que vivem em um mesmo grupo social compartilham conhecimentos, opiniões, percepções e sentimentos, formando, assim, suas representações sociais. Como parte destas, possuem, também, interesses comuns, ou seja, inclinações semelhantes, que fazem convergir sua atenção para direções similares. Conhecer estes pontos focais e ser capaz de responder a eles é a meta de todo veículo de comunicação que pretenda estabelecer proximidade com seus leitores, ouvintes ou espectadores.

O interesse do público, portanto, pode ser considerado um dos componentes dos critérios de noticiabilidade, definidos por Mauro Wolf (1995, p. 170) como o “[. . .] conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, cotidianamente, dentre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de no-

tícias”. Certamente, não é apenas com base no interesse do público que tais critérios são estabelecidos – segundo Wolf (1995, p. 179-80), eles também possuem relação com as características substantivas das notícias, a disponibilidade de material, os requisitos do produto informativo e a concorrência –, mas, sem dúvida, tal elemento detém uma posição de centralidade, como enfatiza Juan Ramón Muñoz-Torres (2002, p. 79-80):

Este [*o interesse noticioso*] ocupa, sem dúvida, um lugar central entre todos os demais, posto que a razão de ser dos meios de comunicação é [. . .] satisfazer os interesses do público. O consenso sobre este ponto parece unânime e se reflete em um dos princípios tácitos elementares sobre os quais se assenta o exercício da profissão informativa: só o que é de interesse geral merece ser publicado.

Assim, considera-se, no âmbito do presente estudo, que a busca do conhecimento de quais sejam os interesses do público e a conseqüente produção de relatos sintonizados com eles correspondem, no que diz respeito ao ponto ora em análise, o do conteúdo e enfoque dos relatos, à principal estratégia comunicativa através da qual as representações sociais são introduzidas nas coberturas jornalísticas. Para melhor desenvolver este ponto de vista, convém discriminar, com base na classificação proposta por Muñoz-Torres (1005, p. 99-117), os principais fatores causadores ou coadjuvantes do interesse:

a. **Fator espacial:** Aquilo que ocorre fisicamente perto do leitor tem maior potencial para despertar seu interesse do que acontecimentos longínquos. A proximidade, porém, pode ser compreendida não apenas do ponto de vista geográfico, mas também do cultural ou mental:

[. . .] as notícias culturalmente próximas, e em conseqüência mais interessantes, são aquelas que caem dentro da visão de mundo dominante entre os destinatários de um meio jornalístico, que compartilham não só um território geográfico comum, mas também – em maior ou menor grau – um sistema de idéias e valores (MUÑOZ-TORRES, 2002, p. 103).

b. Fator temporal: Relaciona-se ao interesse inerente ao ser humano pelo que é novo, inédito, e também por aquilo que pode lhe dar condições de projetar o futuro próximo.

c. Apelação ao pessoal e à notoriedade pública: Chamam a atenção do leitor, por um lado, os relatos que fazem menção a qualquer assunto familiar a sua própria vida e, por outro, os que apresentam experiências de terceiros, possibilitando a identificação do público com os protagonistas da notícia.

d. O não-usual, estranho ou imprevisto: Tudo o que é insólito, inesperado ou causa estranheza e admiração por seu caráter infrequente é virtualmente capaz de atrair interesse. Conforme H. Brucker, citado por Muñoz-Torres (2002, p. 114), este é um princípio fundamental do jornalismo:

[. . .] quanto maior, mais insólito ou mais cruento é o espetáculo, maior é o valor-notícia. E isto não porque os jornalistas sejam macabros ou menos sensíveis às coisas belas da vida que as demais pessoas. Reflete, simplesmente, o fato inevitável de que os leitores se interessarão por uma história que lhes chame a atenção.

e. O conflitivo e o negativo: É usual que notícias relativas a disputas, rivalidades, lutas, mortes, desastres, tragédias e desgraças atraiam a atenção do público.

f. Interesse formal: Uma notícia interessante pelo tema pode ser entediante pela forma como é contada, da mesma maneira que um tema de escassa relevância é capaz de se revestir de maior brilho dependendo de seu modo de expressão, tornando-se algo que apetece conhecer.

Ao lado destes critérios, o autor (MUÑOZ-TORRES, 2002, p. 219-20) relaciona, ainda, os sentimentos como elementos altamente relacionados com o interesse informativo:

[. . .] o interesse que despertam os sentimentos é dado por seu caráter cognitivo: o conhecimento sensível, por muito sensível que seja, não deixa de ser uma forma de conhecimento, e esta é uma atividade que sempre atrai, que sempre interessa ao homem. E mais, quando – como acontece com os sentimentos – se trata de conhecimento prático e sensível, que está ao alcance de qualquer pessoa.

Segundo o autor, relatos que incluem sentimentos são capazes de implicar de forma vital outras pessoas, ainda que muito diferentes e distantes de quem os possui, porque eliminam a frieza dos relatos. Além disso, “[. . .] a representação de sentimentos é mais eficaz que outras, porque está aberta a todo tipo de pessoas, com independência de suas capacidades intelectuais e suas circunstâncias culturais e vitais” (MUÑOZ-TORRES, 2002, p. 220). O autor complementa que:

Em definitivo, mediante o conhecimento ‘delegado’ – por exemplo, através da representação – de sentimentos alheios, se logra muito eficazmente que outra pessoa ‘se ponha no lugar’ de quem os sente. Esta identificação afetiva suscita imediatamente o interesse, ou seja, transforma a indiferença em atitude de ‘auto-implicação’. Assim, o leitor ou espectador abandona uma disposição passiva, para se ocupar ativamente do que provocam nele esses sentimentos que suscitaram sua sintonia afetiva. Desta maneira, amplia seu horizonte vital, coisa que sucede especialmente quando os sentimentos representados são menos freqüentes por sua complexidade ou intensidade (MUÑOZ-TORRES, 2002, p. 221-2).

Da mesma forma que os sentimentos, os hábitos estão incluídos entre os fatores capazes de atrair a atenção do público. Positivos ou negativos, hábitos representados nos meios de comunicação ajudam a caracterizar pessoas e situações e, desta forma, suscitam interesse, na medida em que “[. . .] conhecer como atuam os demais implica vitalmente, pois facilita o conhecimento de si mesmo (por contraste), da vida em geral e de ações singulares mais ou menos adequadas a cada situação, em particular” (MUÑOZ-TORRES, 2002, p. 225). Em outras palavras:

[. . .] a representação narrativa tem, por sua própria natureza, um caráter exemplar ou simbólico: mediante a apresentação de casos singulares do obrar humano e das ações externas que os acompanham, tais casos se constituem em *modelos de conduta* imitáveis positiva ou negativamente (ou seja, para serem ou não seguidos), em *patterns* acerca do que convém fazer ou evitar. [. . .] Não estou com isso afirmando que o informador deva ter uma intencionalidade moralizante ou exemplarizante, mas que – com independência de sua intenção – os enunciados jornalísticos possuem, por si mesmos, um valor exemplar e simbólico (MUÑOZ-TORRES, 2002, p.231-2).

Em suma, o autor defende que tudo o que aparece nos meios de comunicação como algo que afeta a vida interessa e, em complemento, assume um caráter de utilidade, na medida em que os relatos podem fornecer dados que facilitem, para o público, a tomada de decisões a respeito de questões relacionadas aos assuntos expostos.

3.1.1 A presença do interesse do leitor nas pautas sobre saúde

Como visto, incluir o interesse do leitor entre os critérios de noticiabilidade é uma estratégia comunicativa que consiste em se amparar nas representações sociais sobre uma determinada temática, com a finalidade de gerar relatos atrativos para o público. Válida em qualquer tipo de cobertura jornalística, tal estratégia é indispensável nas da área da saúde, já que, nestas, o jornalista, acedendo a informações originadas no distante universo técnico-científico, tem a oportunidade de abordar questões vitais sob uma perspectiva próxima e familiar para os leigos a quem se destinam as mensagens.

Partindo-se destes pressupostos, tomando-se como ponto de partida os anteriormente descritos fatores causadores ou coadjuvantes do interesse e agregando-se a eles novos elementos relacionados ao objeto em questão, é possível propor, no âmbito específico das coberturas sobre saúde, uma categorização dos grupos temáticos

que sintetizam as estratégias comunicativas, em termos de conteúdos e enfoques, introdutoras das representações sociais do público:

a. Estabelecer proximidade espacial e contextual: Estimular o interesse do leitor por aquilo que acontece geograficamente próximo a ele ou que tenha relação com o contexto socioeconômico e cultural no qual está inserido. Um exemplo, no primeiro caso, seria uma matéria tratando de uma epidemia que atinge a região na qual o leitor reside e, no segundo, a abordagem das dificuldades de obtenção de assistência por parte de uma pessoa que pertence a sua mesma classe social (como a peregrinação por atendimento junto ao Sistema Único de Saúde retratada em um jornal popular).

b. Falar sobre o cotidiano: Mencionar questões que encontrem ancoragem na experiência usual dos leitores, tais como a abordagem de doenças mais prevalentes, comportamentos diante de situações do dia-a-dia (por exemplo, como prevenir-se de problemas com a chegada o frio), identificação de alimentos saudáveis presentes no cardápio habitual etc.

c. Tratar das necessidades do público: Apresentar informações identificadas com aquilo de que o leitor precisa para viver melhor, em termos, por exemplo, de prevenção de doenças, acesso a serviços assistenciais, obtenção de medicamentos a baixo custo...

d. Abordar hábitos e práticas sociais: Tratar, através de informações, orientações e exemplos, hábitos saudáveis ou não, relacionando-os tanto à saúde propriamente dita quanto à inserção social. Seria o caso de uma matéria sobre obesidade que

relatasse quais são os hábitos de uma pessoa obesa e os de outra magra e mostrasse como ambas conduzem sua vida profissional e afetiva, por exemplo.

e. Apresentar utilidade prática: Embora sem a pretensão de substituir a assistência profissional especializada, as matérias sobre saúde podem dar dicas e conselhos primários sobre prevenção de doenças e promoção da saúde, além de orientar a respeito dos serviços assistenciais disponíveis para quem necessita de diagnóstico e tratamento.

f. Apoiar-se no saber popular: Mesmo tomando como fonte, na grande maioria das vezes, o universo técnico-científico, as matérias da saúde também podem inserir elementos que digam respeito a conhecimentos do senso comum, ainda que expondo-os sob a ótica de uma análise especializada. Um bom exemplo seria uma matéria sobre o consumo de chás para combater determinados problemas de saúde, procurando mostrar quais as verdades e mitos em torno deste tema.

g. Defender a cidadania: As coberturas sobre saúde ganham maior interesse na medida em que auxiliam o cidadão a se situar no complexo mundo em que vive, orientando para a defesa de seus interesses e direitos. Isso pode ocorrer, por exemplo, através de denúncias sobre problemas na rede pública assistencial ou da divulgação de campanhas educativas.

h. Apelar para o imaginário social: Transformar o universo simbólico em um gancho para a realidade como forma de criar identificação, falando, por exemplo, sobre uma determinada doença a partir de um personagem de novela televisiva que “convive” com este problema.

i. Falar de sentimentos, sonhos e esperanças: Além de abordar objetivamente a realidade, as matérias sobre saúde podem valer-se dos processos emocionais envolvidos, a fim de criar identificação humana. Assim, um relato que pretende informar o leitor sobre os riscos de contrair uma determinada doença pode ser focado a partir da apresentação da história de uma pessoa afetada pelo problema, mostrando seus medos e sua esperança de cura. Da mesma forma, para denunciar que um posto de saúde presta uma assistência falha, é possível mostrar o relato emotivo de uma mãe que há meses tenta conseguir atendimento para o filho doente e continua lutando para ter seu direito respeitado.

j. Dirigir-se ao todo, mas também a grupos específicos: Assim como se dirige, na maior parte das vezes, ao seu público em geral, um jornal pode, nas coberturas sobre saúde, dedicar espaços a segmentos específicos de público, valorizando-os e, assim, conquistando seu interesse. Esta categoria inclui matérias sobre a saúde das mulheres, dos adolescentes, dos idosos, dos portadores de deficiência física e assim por diante.

l. Mostrar o novo e o insólito: Mexer com o que é desconhecido ou diferente pode despertar a atenção do leitor. É o caso, por um lado, da novidade contida em uma descoberta científica, pelo seu ineditismo e caráter promissor, em termos de perspectivas futuras para a saúde; ou, por outro, da característica curiosa ou sensacional de um fato, ainda que este não tenha qualquer relação com o contexto e o cotidiano do público nem repercussão em sua vida: por exemplo, o nascimento de um bebê com duas cabeças.

m. Refletir sobre a vida e a morte: Na medida em que falam sobre saúde e doença, cura e desengano, as matérias carregam nas entrelinhas uma reflexão tanto sobre a fragilidade do ser humano quanto a respeito de sua capacidade de superação.

n. Destacar a notoriedade pública: Um problema de saúde vivido por um artista de televisão, um jogador de futebol ou uma autoridade é capaz de gerar relatos de elevado interesse, na medida em que os coloca na mesma condição dos leitores – a de seres humanos – e promove, nestes, um sentimento de identificação, compaixão e solidariedade.

o. Tratar do conflitivo e do negativo: Fatos conflituosos e negativos rompem a normalidade e envolvem emoções intensas, chamando, em consequência, a atenção. Portanto, assim como matérias que apresentam dicas para uma vida saudável são interessantes, também o são aquelas que abordam doenças, epidemias, disputas, catástrofes e mortes.

Estabelecidas estas categorias, cabe enfatizar que cada uma delas não equivale a um tipo isolado de matéria jornalística sobre saúde. Trata-se, isso sim, de diferentes instâncias relacionadas ao interesse do público e que, de forma dinâmica, se conjugam de distintas maneiras, dando, assim, origem a diversas espécies de relatos em que as representações sociais se fazem presentes. Ao mesmo tempo, convém lembrar que as estratégias para definição dos conteúdos e enfoques das coberturas constituem somente uma das portas de ingresso do senso comum nos relatos, pois estão combinadas, também, com variados aspectos formais, como será exposto na sequência.

3.2 LINGUAGEM, FATOR DE DISTANCIAMENTO E DE APROXIMAÇÃO

Dentro de um sistema marcado por intercâmbios simbólicos, a linguagem atua, conforme Bourdieu (1974), como uma distinção significativa, ou seja, um fator que, de acordo com seu uso, contribui para definir e identificar a posição dos indivíduos na sociedade. Assim, o que circula no mercado lingüístico, diz o autor (BOURDIEU, 1993, p. 13), não é a língua, mas sim discursos estilisticamente caracterizados, que, por sua vez, “[. . .] se colocam ao lado da produção, na medida em que cada locutor se faz um idioleto com a língua comum, e do lado da recepção, na medida em que cada receptor contribui a *produzir* a mensagem que percebe introduzindo nela tudo o que constitui uma experiência singular e coletiva”.

Ao mesmo tempo, na linguagem pode ser identificado um poder de transcendência, capaz de estabelecer pontes entre diferentes zonas dentro da realidade da vida cotidiana, integrando-as em uma totalidade dotada de sentido, como destacam Berger e Luckmann (1976, p. 59-60):

Por meio da linguagem posso transcender o hiato entre minha área de atuação e a do outro, posso sincronizar minha seqüência biográfica temporal com a dele, e posso conversar com ele a respeito de indivíduos e coletividades com os quais não estamos agora em interação face-a-face. Como resultado dessas transcendências, a linguagem é capaz de ‘tornar presente’ uma grande variedade de objetos que estão espacial, temporal e socialmente ausentes do ‘aqui e agora’. [. . .] Ainda mais, a linguagem é capaz de transcender completamente a realidade da vida cotidiana. Pode referir-se a experiências pertencentes a áreas limitadas de significação e abarcar esferas da realidade separadas.

Unindo esses dois pontos de vista, é possível perceber a linguagem tanto como um elemento que distingue e separa o universo técnico-científico do mundo do senso comum quanto um instrumento capaz de aproximá-los. Ou seja: na medida em que os integrantes de cada uma destas instâncias, dentro de seus respectivos círculos,

comunicam-se através de vocabulários e formas de expressão próprias, a linguagem aprofunda a distância entre ambos, mas, ao ser utilizada de modo a estabelecer elos, pontos comuns, ela também permite a transposição de um extremo a outro.

É justamente nesta direção que atuam os meios de comunicação quando divulgam informações especializadas para públicos leigos. Ao produzirem matérias sobre temas oriundos do universo técnico-científico, como aquelas relativas à área da saúde, os jornalistas têm como meta reduzir esta distância, “traduzindo” as informações de um idioleto para o outro, ou, como prefere Orlandi (2001, p. 23), interpretando-as de forma a que passem de um nível de discurso – o científico – para outro – o jornalístico:

O jornalista [. . .] lê algo em um discurso e diz em outro, isto é, produz um duplo movimento de interpretação. Certamente algo vai se passar nesse jogo de interpretação. Vai haver uma interpretação de uma ordem do discurso que deve produzir um lugar de interpretação em outra ordem de discurso. Isto vai constituir efeitos de sentidos que são próprios ao que se denomina de divulgação científica.

Para atingir tal objetivo, os jornalistas lançam mão de uma série de recursos, que tanto preservam elementos pertencentes ao universo técnico-científico – a fim de manter a precisão e a correção das informações – quanto incorporam formas de expressão características do senso comum – de modo a conferir coloquialidade e familiaridade aos textos. Neste sentido, Warren Burkett, ao elaborar recomendações para jornalistas que desejam escrever sobre ciência e tecnologia, sugere, por exemplo, a reprodução de vocabulários técnicos seguidos de sua respectiva explicação, o uso de palavras e frases curtas, o emprego de analogias e comparações com situações da vida cotidiana e a utilização de instrumentos literários para fazer “[. . .] o invisível ficar vivo para os leitores”, tais como ambientação de cenários, anedotas, descrições,

paradoxos, metáforas, símiles, narrativas e cronologias (BURKETT, 1990, p. 124).

Alex Fernández Muerza (2004) aponta na mesma direção:

Vemos como a linguagem se declara como outro ponto fundamental para chegar ao público. Os jornalistas, ou, em geral, aqueles que querem difundir conhecimentos científico-tecnológicos, têm diante de si a difícil compatibilidade entre a conceituação e a linguagem árida da ciência e da tecnologia e a simplificação da linguagem jornalística. Por um lado, é fundamental que se compreenda a mensagem e seja atrativa, por outro, que seja fiel ao fato científico. A utilização de figuras retóricas como a analogia, a comparação, a metáfora, o paradoxo ou a transposição são instrumentos lingüísticos que, no caso do jornalismo científico, ganham mais importância.

Através desse processo, o jornalismo pode atuar, no entender de Lílian Zamboni (2001, p. 49), no sentido de “[. . .] fazer chegar [*as informações científicas*] ao homem comum, mantido distanciado e, por isso, alienado do mundo cada vez mais especializado das ciências”, vencendo, assim, a “[. . .] ‘ruptura cultural’ instalada entre uma elite à qual se outorga o direito de saber e uma massa relegada à exclusão do saber”.

Cabe ressaltar, ainda, que a linguagem é um aspecto indissociável das representações sociais. Os mecanismos de ancoragem e objetivação descritos no capítulo 1, responsáveis pela geração das representações, passam necessariamente por elaborações lingüísticas de classificação, nomeação e interpretação capazes de dar sentido a algo no mundo consensual, como refere Moscovici (2000, p. 105):

[. . .] o que se requer é que examinemos o aspecto simbólico dos nossos relacionamentos e dos universos consensuais em que nós habitamos. Porque toda ‘cognição’, toda ‘motivação’ e todo ‘comportamento’ somente existem e têm repercussões uma vez que signifiquem algo e significar algo implica, por definição, que pelo menos duas pessoas compartilhem uma linguagem comum, valores comuns e memórias comuns. É isto que distingue o social do individual, o cultural do físico e o histórico do estático. Ao dizer que as representações são sociais nós estamos dizendo principalmente que elas são simbólicas.

Nos textos jornalísticos, portanto, as representações sociais do público também são introduzidas através das estratégias de utilização da linguagem. Especificamente nas coberturas sobre saúde, alguns elementos se destacam neste processo. Eles correspondem à incorporação, nos textos jornalísticos, tanto de expressões coloquiais, familiares à fala do senso comum, quanto de diversos recursos para interpelar os leitores, dialogar com seu imaginário e objetivar, em imagens concretas, conceitos abstratos. Neste contexto, manifestam-se diferentes funções da linguagem, como será visto na seqüência.

3.2.1 Funções e estratégias de linguagem nos textos sobre saúde

Instrumento essencial de comunicação, a linguagem, dependendo da forma como é empregada, pode assumir diferentes funções: referencial, emotiva, conativa, fática, metalingüística ou poética (CHALHUB, 1987; MARTINS; ZILBERKNOP, 1995). Em maior ou menor grau, de acordo com as circunstâncias, cada uma delas se faz presente, nas coberturas jornalísticas sobre saúde, através do emprego de diversas estratégias comunicativas que, introduzindo nos relatos as formas de expressão do senso comum, contribuem para reduzir as distâncias entre a fala das fontes especializadas e a dos leitores leigos:

a. Função referencial: As palavras relacionam-se diretamente ao objeto que representam. Ela vai aparecer, nos textos jornalísticos sobre saúde, para nomear e classificar as coisas em seu aspecto mais denotativo, mas geralmente de uma forma dupla: utilizando tanto os termos originais – aqueles advindos do universo técnico-científico – quanto os que têm referência no mundo do senso comum. Assim, por exemplo, ao descrever um problema que atinge a laringe, tal termo será utilizado

para se referir ao nome “correto”, científico, desta parte do corpo, mas também será mencionada a palavra que a denomina na linguagem mais popular, no caso, garganta.

b. Função emotiva: Corresponde a formas de fazer aflorar sentimentos, que, como já visto, são importantes componentes do senso comum. O texto, ao invés de ter um caráter meramente informativo, deixa transparecer a intenção do autor de falar às emoções dos leitores. Entre as estratégias para atingir tal finalidade, destacam-se o uso da primeira pessoa, de interjeições, de adjetivos, de advérbios e de determinados sinais de pontuação, a exemplo da exclamação e das reticências. Igualmente pode ser incluído, neste aspecto, o emprego de um vocabulário que remeta a aspectos emocionais capazes de sensibilizar o leitor e promover sua identificação com os protagonistas dos relatos, tais como dor, sofrimento, angústia, medo, esperança...

c. Função conativa: Também chamada de apelativa, orienta a mensagem para o leitor, “[. . .] numa ação verbal do emissor de se fazer notar pelo destinatário, seja através de uma ordem, exortação, chamamento ou invocação, saudação ou súplica” (CHALHUB, 1987, p. 22). De caráter eminentemente argumentativo e persuasório, essa função manifesta-se, especialmente, através de vocativos e do uso dos verbos no modo imperativo e na segunda pessoa. Trata-se de um recurso muito comum, principalmente, naquelas matérias que abordam hábitos, sugerindo ao leitor: “cuide de sua alimentação”, “pare de fumar”...

Outro aspecto que pode ser enquadrado neste item é a atribuição de determinadas características físicas (itálico, negrito, sublinhado etc.) às palavras como forma de chamar a atenção dos leitores e agregar um valor apelativo à informação. Assim, por exemplo, toda explicação de jargão técnico pode ser referida em itálico, o que proporciona, simultaneamente, o fornecimento da informação e a presença de um

aviso visual aos leitores: “Preste atenção, fique atento a este ponto, aqui nós queremos lhe dar uma informação importante”.

d. Função fática: É aquela que visa “[. . .] estabelecer, prolongar ou interromper a comunicação e serve para testar a eficiência do canal” (MARTINS; ZILBERKNOP, 1995, p. 31). Na interpretação de Chalhub (1987, p. 29), trata-se de empregar conectores entre uma expressão e outra que “[. . .] dão a ilusão de que emissor e receptor comunicam-se”. É o caso, nas coberturas de saúde, do uso de expressões e perguntas retóricas que interpelam o leitor, procurando estabelecer um vínculo com seu cotidiano e seus saberes, como “Você sabia que?”, “Como você já deve saber”, “Você está acostumado a...” etc.

e. Função metalingüística: Aqui, a linguagem fala dela mesma, o que, no entender de Martins e Zilberknop (1995, p. 31), serve para verificar se emissor e receptor estão usando o mesmo repertório. No caso das matérias sobre saúde, este recurso é observado, em especial, na constante transposição de jargões técnicos para uma linguagem coloquial, através de sua explicação entre parênteses ou outro recurso similar. Assim, por exemplo, se, uma doença é apresentada, para ser designada corretamente, como escoliose tóraco-lombar, logo em seguida é acrescentado seu equivalente no linguajar popular: uma doença que deixa a coluna em formato de “s”.

f. Função poética: Com predominância da conotação e do subjetivismo, trata-se de uma função que, posta em prática, coloca em jogo o imaginário dos leitores. A mensagem, neste caso, diz Chalhub (1987, p. 38), “[. . .] está voltada para si mesma: as características físicas do signo, seu estatuto sonoro, visual, são privilegiadas, decorrendo um sentido não previsto numa mensagem de teor puramente convencional”. Exemplos disto são o emprego de metáforas – figuras de linguagem que substi-

tuem a significação imediata de uma palavra por outra, deixando subentendida uma relação de semelhança (FOLHA DE SÃO PAULO, 2001, p. 81) –, úteis nas coberturas sobre saúde por proporcionarem a objetivação de algo distante no cotidiano do público. Seria o caso, em uma matéria sobre catarata, de referir-se a ela como “uma queda d’água que cobre os olhos”.

No mesmo sentido, tal tipo de cobertura comporta a aplicação de outras figuras de linguagem, especialmente as analogias e os símiles, que permitem estabelecer comparações entre algo distante e uma situação próxima, cotidiana. Assim, por exemplo, ao se referir a um microorganismo de dimensão mínima, pode-se mencionar, estabelecendo similaridade, que ele é menor do que um grão de areia, ou, criando uma analogia, explicar que seria preciso reunir mil deles para se chegar ao tamanho de uma cabeça de alfinete.

Vistas as diferentes funções que a linguagem pode assumir nas coberturas, cabe uma observação final acerca deste ponto. Muitos manuais tradicionais de jornalismo criticam, ou não aceitam, a presença de alguns dos elementos aqui descritos nos textos dos periódicos. A predominância de uma função emotiva, por exemplo, está mais comumente associada à espetacularização ou ao sensacionalismo. Entretanto, o ponto de vista defendido no presente estudo é o de que a adequada (dos pontos de vista técnico e ético) combinação destas funções e das estratégias nelas engendradas é que vai proporcionar, de fato, que as representações sociais do público permeiem os relatos, encontrando eco no mundo do senso comum.

3.3 NARRATIVA, UMA FORMA FAMILIAR DE RELATAR OS FATOS

Facilitadoras do processo de divulgação jornalística de informações especializadas para públicos leigos, as representações sociais, conforme já exposto, permeiam o conteúdo e a linguagem dos relatos, ancorando-os e objetivando-os nos saberes e nas formas de expressão dos cidadãos. Paralelamente, elas se fazem presentes em um terceiro nível: a forma de estruturação dos textos, ou, em outras palavras, a maneira como os fatos são “contados” aos leitores.

Portanto, para que o universo do senso comum esteja representado nos textos, o leitor deve conseguir identificar, na estrutura destes, similaridade com os relatos com os quais está cotidianamente acostumado. Também é necessário que tal estrutura seduza, envolva, cativa. É neste contexto que despontam as narrativas como principais elementos capazes, do ponto de vista formal, de fazer presentes nas coberturas jornalísticas as representações sociais do público.

A atividade narrativa foi definida por Aristóteles como uma representação ou *mimesis*, ou seja, a imitação ou interpretação de algo – a ação humana (MUÑOZ-TORRES, 2002, p. 139-40). Embora mais comumente associada à literatura, sua presença pode ser identificada também no jornalismo, quando se olha para este pelo viés anteriormente explicitado de uma construção social. Isso não significa, como enfatiza Traquina (2001, p. 158) igualá-lo à ficção, mas sim perceber os relatos como histórias que, para serem contadas aos leitores, passam por um processo de produção conduzido por pessoas inseridas em um contexto cultural, que trazem os acontecimentos ao campo dos significados. Em complemento, Muñoz-Torres (2002, p. 282) afirma que:

Por desgraça, a concepção objetivista do jornalismo, vigente durante muitas décadas, pretendeu fazer crer que as notícias são uma espécie de conhecimento direto, neutro e onisciente da realidade. Em câmbio, a teoria contemporânea da narração refutou definitivamente essas premissas falazes com o estudo de sua focalização, que mostra como em toda narrativa sempre há um ponto de vista inevitável – mais ou menos explícito – desde o qual se conta tudo (MUÑOZ-TORRES, 2002, 162).

Segundo Luiz Gonzaga Motta (2005), as narrativas estabelecem um diálogo mais próximo com os leitores, na medida em que desencadeiam não apenas processos cognitivos imediatos, mas também dão espaço às emoções, medos, desejos, fantasias e identidades dos grupos sociais. Definindo o ato de narrar como “[. . .] uma técnica de enunciação dramática da realidade de modo a envolver o ouvinte na história narrada” (MOTTA, 2004, p. 7), o autor acrescenta que este tipo de comunicação pressupõe uma estratégia textual que estrutura o discurso “[. . .] na forma de seqüências encadeadas e em uma retórica para dar conta da finalidade desejada. Implica na competência e na utilização de recursos, códigos, articulações sintáticas e pragmáticas: o narrador investe na organização narrativa do seu discurso e solicita uma determinada interpretação por parte do seu destinatário” (MOTTA, 2004, p. 12-3).

As notícias construídas como uma janela aberta à realidade comum, em retóricas narrativizadas, resultam, de acordo com Stella Martini, mais críveis para o público, “[. . .] porque lhe permitem a ancoragem na experiência própria” (MARTINI, 2000, p. 35). Representando sentimentos e hábitos alheios, possibilitam que o leitor crie uma identificação com os relatos e se ponha no lugar de seus personagens e os imite, positiva ou negativamente, ou seja, seguindo ou não seus modelos de conduta (MUÑOZ TORRES, 2002, p. 231). A narrativa é, portanto, uma obra aberta, com “[. . .] sentidos inacabados que convidam o leitor a completar cooperativamente a sua

significação” (MOTTA, 2005). Nela, estão presentes, de forma indissociável, as representações sociais, proporcionando o contato com o senso comum:

No ato de leitura das notícias do cotidiano, para situar qualquer fato relatado, especialmente aqueles fatos trágicos, precisamos referenciá-los às nossas difusas memórias mais remotas, aos nossos arquétipos mais profundos, às nossas vagas convicções e crenças. Precisamos ‘renomeá-los’, confrontá-los como nossa recordação para dimensioná-los e posicioná-los, processos estes que não têm aqui um sentido operacional nem uma conotação prático-reflexiva, referindo-se mais a pensamentos afetivos difusos, provavelmente pouco organizados ou coerentes (MOTTA, 2003, p. 19).

Neste mesmo sentido, João Carlos Correia (2005) associa as narrativas a formas de saber essencialmente ligadas ao saber tradicional, que “[. . .] definem os critérios de competência próprios das sociedades em que são contados; admitem dentro de si uma pluralidade de saberes e de enunciados organizados numa perspectiva de conjunto”. Em consequência, este autor identifica no jornalismo uma oscilação entre uma ambição de cientificidade – traduzida em um certo predomínio da linguagem denotativa – e um saber mais ligado à narrativa – refletido na proximidade da vida cotidiana:

Assim, o jornalismo, na sua proximidade ao mundo cotidiano, distingue-se da ciência porque não parte de uma hipótese nem dum sistema teórico anterior praticando uma observação não controlada (do ponto de vista da metodologia científica) por parte de quem o produz. Governa-se por uma lógica do singular que remete para a especificidade do próprio fato. [. . .] Porém, o jornalismo permite a circulação entre as províncias de significado da ciência e as do senso comum. A necessidade de rigor e de busca da verdade constituem o freio que impede que o jornalismo, nas notícias que dizem respeito à vida cotidiana, se subjugue à assunção da tradição, do senso comum, dos sentidos partilhados que, de tão petrificados, se tornam o lugar do estereótipo e do preconceito. Ao mesmo tempo, a necessidade de se fazer entender e de chegar até o cidadão comum constitui o freio para um racionalismo tão excessivo quando ilusório que não se alimenta dos desejos, das necessidades e dos horizontes de significação das audiências (CORREIA, 2005).

Assim, estruturar na forma narrativa notícias que têm a intenção de transpor informações do universo técnico-científico ao mundo do senso comum desponta co-

mo uma importante estratégia para incorporar o universo dos leitores e possibilitar que estes acompanhem, tendo uma sensação de proximidade e identificação, os relatos dos acontecimentos, ainda que originados em um mundo distante do seu. Segundo Correia, é nas coberturas sobre saúde que isto se faz mais evidente: “Provavelmente, em nenhum outro lugar como a doença e a morte, com o seu cortejo de fantasmas que alimentam os medos e a retórica fácil, com a sua necessidade de fazer compreender a razão e o esclarecimento capazes de serem, ao menos fugidamente, partilhados por todos ou pela maior parte, se jogou uma tal necessidade de equilíbrio” (CORREIA, 2005). Diferentes recursos podem ser utilizados para viabilizar este esforço, conforme é descrito a seguir.

3.3.1 Recursos textuais para dialogar sobre saúde

Afirmar que o uso da forma narrativa nos textos jornalísticos é uma das estratégias para colocar em cena as representações sociais do público implica reconhecer que diferentes recursos são empregados para conferir a eles maior familiaridade e proximidade com o universo do leitor. Entre estes, é possível destacar, nas coberturas sobre saúde, alguns aspectos.

a. Apresentação de casos de interesse humano e criação de personagens:

Qualquer fato, afirma Motta (2003, p. 30), adquire um novo sentido quando apresentado na forma de um drama humano, que fala aos sentimentos e às emoções do público – mais do que descrever ocorrências, trata-se de contar uma história, com o qual o leitor pode se identificar:

Seu valor informativo ou a sua ‘utilidade’ enquanto informação é menos perceptível porque usualmente elas não tratam de fatos próximos, importantes ou impactantes, nem sequer falam de pessoas proeminentes. No Brasil, os editores as chamam de ‘notícias de interesse humano’ porque nelas os valores-notícia tradicionais, tais como a proximidade, impacto ou importância do fato ou a proeminência das pessoas envolvidas estão arrefecidos ou inexistem, enquanto sobressaltam os aspectos humanos dos acontecimentos narrados. Da mesma forma, eles são escritos numa linguagem mais livre, menos formal, mais distante dos cânones da objetividade jornalística: sua ‘licença literária’ é muito maior.

Um exemplo do uso deste recurso nas coberturas sobre saúde seria a abordagem de uma determinada doença não apenas descrevendo seus sintomas, formas de prevenção e de tratamento, mas narrando a história de um portador da patologia e deixando que ele conte como é conviver com o problema e o que é importante fazer para o superar. Assim, ao lado das fontes técnico-científicas, que, do alto de sua autoridade, fornecerão as informações necessárias sobre o assunto em questão, um cidadão comum também será protagonista da narrativa, atraindo para si o interesse do leitor e sensibilizando-o mais profundamente para a temática. Afinal, ele já teve, ou poderá ter, ou conhece alguém que tem, doença semelhante, ou ainda pode, simplesmente, comover-se com o drama relatado. Este tipo de situação é denominado por Martini (2000, p. 20) como *casuística*, ou seja, a apresentação de problemas da sociedade através de casos individuais, que deslocam o sentido argumentativo da informação e expõem ao debate público temas centrais a partir de casos em que são vítimas indivíduos comuns.

b. Apropriação de recursos literários: De acordo com Motta, qualquer tema, mesmo os mais densos, pode ser objeto para um texto narrativo, que transforma inteiramente a perspectiva com que ele vai ser narrado e, conseqüentemente, percebido pelo leitor:

Quando isto ocorre, significa que o jornalista abriu mão da objetividade, renunciou ao texto descritivo e se permitiu utilizar uma linguagem literária sabendo que o leitor se adaptaria a esta sua proposta. Modifica-se automaticamente o contrato jornalista-leitor ou emissor-destinatário: agora se permite uma suspensão maior do ‘efeito de real’, ainda que não nas mesmas dimensões da literatura. Nestes casos, a percepção do leitor passa a ser uma percepção narrativizada da realidade, a sua leitura é parecida com a leitura de um texto literário. A sua imaginação é estimulada, como num romance ou filme, com maior liberdade, embora a notícia se refira a algo realmente ocorrido e o grau de verossimilhança seja muito maior do que na ficção (MOTTA, 2003, p. 31).

Neste aspecto, pode ser observado o uso de diferentes recursos, tais como:

- a substituição do modelo ortodoxo de texto jornalístico – estruturado na forma de pirâmide invertida, que começa por um lide (parágrafo introdutório em que são respondidas as seis perguntas básicas sobre o fato: o quê, quem, quando, onde, como e por quê) e segue apresentando os fatos em ordem decrescente de importância – por outros estilos de estrutura, dependendo do assunto e da circunstância, capazes de despertar maior interesse e impor um ritmo mais atrativo aos relatos (por exemplo, expor, no primeiro parágrafo, a história particular de um indivíduo, para, a partir deste gancho de interesse humano, passar a relatar os fatos que são a pauta propriamente dita da matéria);

- o uso do estilo direto, reproduzindo declarações textuais não só como forma de agregar informações, mas também de conferir maior “colorido” ao texto através da introdução da fala de diferentes personagens. Sobre este aspecto, Muñoz-Torres (2002, p. 171) destaca que o uso do estilo direto pode “[. . .] fazer mais ágil e viva a narração, dotando-a de maior força argumentativa, ou seja, fazendo-a mais convincente e, por conseguinte, mais interessante. A ‘impressão de realidade’ (verossimilhança) na descrição de um intenso sentimento de dor, por exemplo, é maior se se ‘deixa falar’ o protagonista”.

A utilização do estilo direto pode ocorrer através da reprodução de citações entre aspas ou, ainda, em uma forma mais próxima à literatura, introduzindo-as por travessões, que ajudam a fortalecer a idéia de que um diálogo está sendo estabelecido.

c. Recorrência ao imaginário e subjetivo: Ainda que não estejam situados no âmbito da ficção, os textos jornalísticos podem, como recurso adicional para dialogar com o público, lançar mão de elementos não-vinculados ao mundo real e objetivo. Neste sentido, Motta (2004, p.19) destaca que as narrativas exploram tanto o fático quanto o imaginário para ganhar a adesão do leitor: o primeiro para causar o efeito de real (a objetividade) e o segundo a fim de gerar efeitos emocionais (subjetividades). Nas coberturas sobre saúde, isso pode ocorrer, por exemplo, abordando determinadas temáticas a partir de situações “vivas” por personagens ficcionais fortemente presentes no imaginário do público, como é o caso daqueles que se destacam nas novelas de televisão. Outra possibilidade é dirigir-se diretamente às dúvidas, temores e angústias que povoam o pensamento dos indivíduos, situando a abordagem sobre os cuidados com a saúde em uma espécie de reflexão mais ampla sobre a possibilidade de se ter uma vida melhor, mais longa e feliz.

3.4 O VISUAL DO CONTEÚDO E O CONTEÚDO DO VISUAL

No mundo contemporâneo, as imagens e a estética têm papel preponderante. A predominância de uma cultura visual, capitaneada principalmente pela televisão, faz com que, muitas vezes, imagens sejam mais interessantes que palavras, esquemas visuais mais atrativos do que descrições na forma de textos. Há que se levar em consideração, ainda, que, em um contexto socioeconômico como o brasileiro, no qual

largas faixas da população têm baixo grau de instrução e reduzido hábito de leitura, apelar para o uso de imagens pode ser a única forma de estabelecer uma comunicação mais efetiva com o público.

Os jornais, redutos da palavra escrita, não podem estar alheios a esta realidade. Para estabelecer contato com os leitores, despertando e cativando seu interesse, precisam lançar mão de uma série de recursos gráficos, demonstrando o reconhecimento da composição do conhecimento do senso comum e a intenção de dialogar com ele. Afinal, o visual é a primeira instância com a qual o leitor toma contato: antes de ler o jornal, ele o vê, e o que vê pode levá-lo à leitura ou fazê-lo desistir dela.

Importantes na apresentação dos mais variados assuntos aos diferentes tipos de público, tais recursos constituem-se em instrumentos ainda mais indispensáveis quando se trata de transmitir, a leitores leigos, informações geradas pelo meio técnico-científico, como é o caso das coberturas jornalísticas sobre saúde. Neste contexto, a apresentação de uma temática complexa, que se tornaria difícil com a utilização exclusiva de textos, adere à versatilidade e simplicidade dos esquemas visuais, fotografias, desenhos, cores e outros elementos, que complementam determinados conteúdos ou são, muitas vezes, o próprio conteúdo, permeando os relatos de sentidos.

Conforme ressalta Martini (2000, p. 109):

O material ilustrativo (fotografias, gráficos, desenhos) constitui-se cada vez mais em ponto de ancoragem para a atenção do leitor. As fotografias adquirem um valor significativo na construção do verossímil: o que não alcançam descrever as palavras o mostram as imagens, e agregam a força do testemunho, o 'ter estado ali'. [. . .] As fotos também têm valor de agenda, de ênfase: as notas acompanhadas de material fotográfico hierarquizam o tema como relevante. [. . .] A este conjunto se agrega a significação das infografias, que já são uma forma discursiva habitual nos meios ultimamente. Seu valor é completar a informação brindada pelo texto escrito ou sintetizá-la, e pôr o leitor em contato com a informação de uma maneira direta.

A utilização de diferentes recursos visuais também se transforma, desta forma, na atenção a um dos compromissos assumidos implicitamente no contrato entre a mídia e o público, como destaca Luiz Gonzaga Motta (2003, p.14):

Ao publicar uma notícia ilustrada por uma foto, acompanhada de uma charge, diagramada de certa maneira ou utilizando certas palavras na retranscrição, no título ou no texto, ou seja, ao estruturar a sua mensagem de uma certa forma, o jornalista sabe que está induzindo a leitura do receptor para o efeito desejado porque sabe que o seu leitor tenderá a responder a esses indícios de escritura.

Em síntese, pode-se afirmar que o emprego de variados recursos visuais é, também, uma forma de introduzir, nas coberturas jornalísticas em geral, e em particular naquelas que abordam temas especializados, os saberes, percepções e expectativas dos leitores. Ao mesmo tempo, despertando e mantendo a atenção do público, auxiliando-o na valorização da importância dos temas abordados e na compreensão dos conteúdos, ajudam a situar o cidadão em meio a um universo complexo e proporcionam a incorporação de informações úteis ao seu cotidiano.

3.4.1 Facilitando a leitura e cativando o interesse

As estratégias comunicativas relacionadas a recursos visuais abrangem diversos elementos, entre os quais podem ser destacados:

a. Fotografia: Mais do que um simples adereço à informação escrita, a fotografia complementa seu conteúdo, reforça a importância da notícia – o leitor sabe que uma matéria que ela acompanha é mais relevante que outra sozinha – e aporta novos significados ao tema abordado. Neste último aspecto, uma fotografia utilizada em uma cobertura sobre saúde pode conferir-lhe maior impacto e interesse humano, na medida em que apresenta, por exemplo, a imagem de um cidadão que relata sua

experiência diante de uma determinada doença ou problemas vivenciados na busca de serviços assistenciais públicos.

b. Legenda: Recurso que acompanha a fotografia visando não apenas descrevê-la, mas esclarecer dúvidas, acrescentar detalhes, apontar curiosidades. Segundo o *Manual de redação da Folha de São Paulo* (2001,p. 76), a legenda, “[. . .] por ser um dos primeiros elementos da página que atraem o leitor, merece tanto cuidado quanto os títulos. Deve ser atraente e conquistar a atenção. [. . .] A legenda fotográfica deve atender à curiosidade do leitor, que deseja saber o que ou quem aparece na foto, o que está fazendo, onde está”.

c. Ilustração: Trata-se de um desenho, muitas vezes com traços caricatos ou humorísticos, que acompanha uma matéria ou seção do jornal, com a finalidade principal de atrair a atenção do leitor para este ponto. No caso das coberturas sobre saúde, é muito utilizada para apresentar em imagens determinadas representações do senso comum, dando mais familiaridade aos conteúdos abordados. Um exemplo seria, em uma matéria sobre resfriados, empregar a ilustração de uma pessoa com o nariz inchado, um lenço na mão e um cachecol no pescoço, que equivale à representação mais usual deste tipo de situação.

d. Infográfico: Trata-se de um recurso para transformar dados descritivos em informações visuais, facilitando a leitura. É muito utilizado para abordar, por exemplo, séries numéricas e, nas matérias sobre saúde, destaca-se nas explicações a respeito da localização e funcionamento dos órgãos do corpo humano e da atuação de doenças ou do efeito de tratamentos.

e. Textos de apoio: Nesta categoria, podem ser enquadrados todos aqueles recursos que colocam à parte do texto principal informações específicas, tais como cronologias, resumos, biografias ou glossários de termos, destacando-as de forma a que chamem a atenção do leitor e cumpram uma função explicativa, didática ou analítica. Nas coberturas sobre saúde, são exemplos frequentes os quadros com relações de sintomas de doenças, dicas de cuidados com a saúde, orientações sobre alimentação, localização de serviços assistenciais e assim por diante.

f. Título, antetítulo, subtítulo, entretítulo e manchete: Todos estes componentes do que se denomina titulação em um jornal cumprem não apenas o papel de oferecer ao leitor um conteúdo, mas também o de organizá-lo e destacá-lo, orientando a atenção. O título, colocado geralmente acima do texto, faz uma síntese chamativa deste e é grafado em tipos grandes, destacados. Dependendo do projeto gráfico do jornal e das características das diferentes temáticas, ele pode ou não ser precedido de um antetítulo e/ou seguido de um subtítulo. O primeiro é uma espécie de introdução para o título, geralmente indicando itens como seu assunto, o personagem principal da notícia ou seu local de acontecimento. Já o segundo destaca algum detalhe que completa o sentido do título (RABAÇA; BARBOSA, 1987, p. 41 e 550). O entretítulo, por sua vez, é aquele que divide em blocos um texto, com a finalidade de “[. . .] tornar o texto mais atraente, menos cansativo e mais fácil de se ler” (RABAÇA; BARBOSA, 1987, p. 237). Finalmente, a manchete é aquele título que, publicado na capa do jornal, com grande destaque, anuncia a matéria mais importante da edição. Nas coberturas sobre saúde, os diferentes recursos da titulação são responsáveis por introduzir as temáticas, mesmo as mais complexas, de uma forma atrativa e clara, de fácil compreensão, cativando desde o primeiro olhar o interesse do leitor.

g. Tipologia: As famílias, corpos e estilos de caracteres utilizados pelo jornal fazem parte dos recursos empregados para enfatizar, reforçar ou dimensionar determinados elementos. Assim, por exemplo, nas matérias sobre saúde, nomes científicos podem ser grafados sempre em negrito, explicações em linguagem coloquial em itálico, determinadas expressões em caixa alta ou corpo maior.

h. Cores: Utilizadas em fotografias, ilustrações, gráficos, no fundo ou em torno de textos de apoio, entre outros elementos, as cores realçam os conteúdos e podem ter um papel explicativo ou didático, se usadas, por exemplo, em um infográfico, para distinguir as partes de uma célula ou os órgãos do corpo humano.

i. Fios e cercaduras: Empregados na separação de colunas, no contorno de quadros ou ilustrações ou como efeitos ornamentais (RABAÇA; BARBOSA, 1987, p. 266), estes traços, finos ou espessos, horizontais ou verticais, pretos ou coloridos, são mais uma alternativa para destacar elementos das coberturas e facilitar sua leitura, organizando-as em espécies de compartimentos. Assim, por exemplo, uma matéria extensa sobre uma epidemia que conte, além do texto principal, com dois outros de apoio, pode ter estes últimos separados por fios, o que os destacará como informações importantes no contexto geral.

j. Fundos reticulados: Aplicados sob textos, subtítulos ou outros elementos, destacam, assim como fazem as cores, as informações contidas em tais espaços.

l. Posição das matérias no corpo do jornal e em cada página: A posição que as matérias sobre saúde ocupam dentro do jornal – páginas pares ou ímpares, no topo ou no pé da página, em chamadas de capa ou destaques na contracapa etc. –

revela a importância relativa da temática no periódico, noção que é repassada implicitamente ao leitor e influencia em seu interesse pela temática apresentada.

Visto tudo isso, pode-se perceber que realizar coberturas jornalísticas sobre saúde socialmente responsáveis – ou seja, que efetivamente consigam disseminar informações sobre uma área tão vital e, através dela, contribuir para a qualidade de vida e a cidadania – é uma tarefa que não se restringe a escolher aleatoriamente um tema, entrevistar uma ou duas pessoas sobre o assunto e, a partir daí, transpor, sem maiores cuidados, as informações obtidas para o papel. É indispensável que os jornalistas tenham uma noção, ainda que vaga, a respeito de com quem estão se comunicando, como são estas pessoas, o que elas sabem e desejam – em síntese, que representações sociais elas possuem e que, uma vez incorporadas aos relatos, podem ampliar a eficácia comunicativa destes.

A análise detalhada de como isto se dá, concretamente, na cobertura sobre saúde realizada por um jornal voltado a segmentos populares é o objeto do próximo capítulo, que, partindo dos conceitos e categorias até aqui apresentados, identifica as diferentes estratégias comunicativas empregadas para colocar em jogo o conhecimento do senso comum.

4 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA COBERTURA SOBRE SAÚDE DO JORNAL *DIÁRIO GAÚCHO*

Abordar a temática da saúde em um jornal pode ser uma tarefa complexa, na medida em que, como visto no capítulo 2, esta atividade envolve a mediação entre o universo técnico-científico e o do senso comum, distintos entre si por seus saberes, interesses e formas de expressão, e passa, ainda, por uma nem sempre fácil relação entre as fontes especializadas e os jornalistas. Tais dificuldades acentuam-se quando se trata de estabelecer comunicação com um público com baixo grau de instrução e reduzido hábito de leitura, o que, por um lado, denota um maior distanciamento entre os dois universos e, por outros, exige dos jornalistas um esforço superior no sentido de apresentar as informações técnico-científicas em relatos cujos conteúdo, linguagem, forma e aspecto sejam capazes de dialogar com as representações sociais do público.

Foi com a intenção de averiguar como se dá a comunicação em um contexto deste tipo que se selecionou, a título de amostra para análise na presente dissertação, a cobertura sobre saúde realizada por um jornal voltado a segmentos populares, no caso, o *Diário Gaúcho*, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Antes de partir para a verificação da presença das representações sociais em suas matérias e das estratégias comunicativas que as colocam em cena, convém apresentar algumas características gerais do periódico e a configuração das coberturas que realiza na área da saúde.

4.1 DIÁRIO GAÚCHO: UM JORNAL PARA QUEM NÃO ESTÁ HABITUA- DO A LER

Pertencente à Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS), empresa líder em seu segmento no mercado do Rio Grande do Sul, o *Diário Gaúcho* foi criado em 17 de abril de 2000, dentro de uma estratégia de segmentação de público. Assim, enquanto o carro-chefe da comunicação impressa do grupo, o jornal *Zero Hora*, tem sua maior parcela de público na classe B em todo o estado, o *Diário Gaúcho* ingressou no mercado para atender, principalmente, “[. . .] ao público popular da Grande Porto Alegre (classes B2, C e D), que nesse mercado chega a 76% da população” (APRESENTAÇÃO, 2005). Desta forma, as duas publicações dirigem-se a parcelas distintas da população, como pode ser observado no quadro abaixo:

	<i>Diário Gaúcho</i>	<i>Zero Hora</i>
Estratificação econômica	Classe A – 3% Classe B – 33% Classe C – 47% Classe D/E – 17%	Classe A – 18% Classe B – 53% Classe C – 23% Classe D/E – 6%
Renda familiar mensal	Até 5 salários mínimos – 48% 5 a 10 SM – 19% 10 a 20 SM – 5% Mais de 20 SM – 1% Não sabem ou não declararam – 27%	Até 5 salários mínimos – 28% 5 a 10 SM – 22% 10 a 20 SM – 15% Mais de 20 SM – 6% Não sabem ou não declararam – 29%
Grau de instrução	Fundamental – 62% Médio – 29% Superior – 9%	Fundamental – 30% Médio – 35% Superior – 35%
Faixa etária	10 aos 19 anos – 26% 20 aos 29 anos – 19% 30 aos 39 anos – 18% 40 aos 49 anos – 19% 50 anos ou mais – 18%	10 aos 19 anos – 17% 20 aos 29 anos – 25% 30 aos 39 anos – 19% 40 aos 49 anos – 18% 50 anos ou mais – 21%
Sexo	Homens – 50% Mulheres – 50%	Homens – 47% Mulheres – 53%

Quadro 3 – Perfil dos leitores do Diário Gaúcho e de Zero Hora

Fonte: PERFIL demográfico e socioeconômico do leitor do DG;

PERFIL demográfico e socioeconômico do leitor de ZH (2005)

Observa-se, portanto, que a maioria dos leitores do *Diário Gaúcho* – que, segundo a RBS (LEITURA de jornais Grande Porto Alegre, 2005), chegam a 1,1 milhão na Grande Porto Alegre – possui renda de até cinco salários mínimos e grau de instrução fundamental. Para atender a este público, o periódico anunciou, no editorial da edição de lançamento, seu objetivo:

O Diário Gaúcho começa a circular hoje com o apoio de mais de 500 mil votos de confiança. São centenas de milhares de gaúchos que participaram da primeira promoção do jornal: escolher o nome do veículo que, diariamente, estará nas bancas da Grande Porto Alegre para contar os sonhos, as angústias e as conquistas dos moradores da região. Esta é, a partir de hoje, a principal missão do Diário Gaúcho. Mostrar como trabalhadores, estudantes, donas de casa e, enfim, toda a comunidade da Região Metropolitana vivem o seu dia-a-dia. Aliado a este objetivo, existe outro igualmente importante: ajudar os leitores a resolverem seus problemas do cotidiano. O Diário Gaúcho é isso: nas horas boas e más estaremos sempre junto com o leitor. Desde já, obrigado pela confiança, amigo leitor. (COMEÇO de caminhada, 2000, p. 26).

O jornal desenvolve duas estratégias mercadológicas para ampliar sua aproximação com o público: é vendido a um preço reduzido (25 centavos de real na época de seu lançamento, e 60 centavos em setembro de 2005), em bancas e outros pontos, tais como pequenos mercados e nas esquinas, sem possuir assinaturas; e distribui brindes aos leitores, mediante apresentação de uma cartela completada com um determinado número de selos publicados diariamente na capa do jornal. Estes brindes são, em geral, utilidades domésticas, principalmente utensílios de cozinha.

Quanto ao tipo de conteúdo abordado, o *Diário* caracteriza-se por divulgar, basicamente, notícias locais, policiais, esportivas e de entretenimento, com forte ênfase na prestação de serviços. Segundo pesquisa divulgada pela RBS, a preferência dos leitores concentra-se nas informações locais:

Local	83%
Policial	77%
Divertimento	75%
Classificados	62%
Esportivo	59%
Nacional	44%
Economia	39%

Quadro 4 – Seções mais lidas no Diário Gaúcho

Fonte: SEÇÕES mais lidas pelos leitores do Diário Gaúcho (2005)

A linguagem utilizada nos textos é coloquial, com um vocabulário acessível, e os textos são geralmente construídos em formas narrativas e utilizando-se de recursos que apelam ora ao humor, ora ao drama, ora à emoção, buscando cativar o leitor. Já no aspecto visual, o jornal caracteriza-se por uma diagramação dinâmica e pelo amplo uso de recursos visuais tais como fotografias, ilustrações e cores.

De acordo com João Bosco Rodrigues e Silvani Botlender Severo (2003, p. 107), o *Diário* busca a adesão dos leitores através de um *design* gráfico, uma seleção de assuntos e um tipo de linguagem que traduzem o imaginário social do público, fazendo com que este se sinta compreendido e auxiliado:

Observamos no sucesso deste empreendimento a viabilização da subjetividade de muitos leitores anônimos que encontraram sonoridade para suas falas silenciosas e acalanto para seus *sofrimentos*. Um jornal que me entende! Que traduz minhas dores! Que dá resposta para minhas necessidades! Leio e me enxergo em suas páginas! Eu sou ele e ele me contempla! [. . .] Bem, o nosso *Diário*, aqui compreendido enquanto cotidianidade e *representação social* de uma determinada parcela de nossa (conjunto de todos nós) sociedade, traduz o viver cotidiano de seus leitores. Um dia-a-dia sofrido (na escrita emocionalista) por diversas necessidades (*faltas*) não supridas e que em seu e nosso jornal estão denunciadas e popularizadas). Ao mesmo tempo, momentos felizes, seja através da vitória do meu time frente a seu/meu adversário, seja em possibilidades e/ou conquistas pessoais. Há um sentimento de pertença tanto no nível individual como no coletivo, embora somente através do contato indireto que o jornal me possibilita (RODRIGUES; SEVERO, 2003, p. 107-9).



Figura 1 – Capa da primeira edição do Diário Gaúcho

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 17 abr. 2000)

Ao apresentarem estas características do jornal, os autores o criticam por ater-se à descrição da vida “como ela é”, desconectada de um entendimento político, histórico e econômico, e não proporcionar, assim, espaços para reflexões e questiona-

mentos, contribuindo para “[. . .] uma convivência apenas de sobrevivência e manutenção do *status quo*” (RODRIGUES; SEVERO, 2003, p. 114). O editor-chefe do *Diário Gaúcho*, Alexandre Bach, discorda deste ponto de vista, defendendo que o jornal esforça-se por colaborar para a melhoria da qualidade de vida dos leitores:

Depois de cinco anos de jornal, eu quero acreditar que as pessoas melhoraram o padrão de vida delas, através do conhecimento de algumas coisas que a gente faz aqui. Porque a gente está sempre mostrando como elas podem melhorar pela força delas e, mais, pelos direitos que têm. A gente tenta mostrar também como elas devem se relacionar com o poder público, que elas são as donas, elas podem, por exemplo, cobrar da Prefeitura que ela dê através do Sistema Único de Saúde uma consulta (BACH, 2005).

Dentro deste ponto de vista, o jornalista (BACH, 2005) refuta as críticas comumente feitas ao periódico no sentido de atribuir-lhe um caráter sensacionalista. Evitando, também, caracterizá-lo como popular, devido às múltiplas interpretações do termo, o editor prefere definir o *Diário Gaúcho* como comunitário – na medida em que procura estabelecer um elo muito próximo com a comunidade, em especial as camadas mais empobrecidas da população – e destaca que seu slogan é “O jornal da maioria”:

A maior parte de nossos leitores tem renda familiar mensal média de cinco salários mínimos. O que nos surpreende é outro dado: 3% são da classe A. Eu acho que existem assuntos que transcendem essas questões, como novela, futebol, muita coisa de polícia. As boas histórias do jornalismo estão na polícia, porque envolvem poder, dinheiro e sexo. Acho que isso faz com que o *Diário* seja lido também por esses 3%. Por isso, quando se fala em popular eu acho tudo muito relativo. Nós trocamos nosso slogan, de ‘Jornal popular’ para ‘Jornal da maioria’, porque nos demos conta de que o popular no Brasil, que vem a ser as classes C e D, é muito maior, tem muito mais pobre do que rico. É um segmento formado pela maioria da população. Por isso, se alguém diz que é um jornal popular, eu digo que é o jornal que está na mão da maioria das pessoas, é o jornal mais lido da Região Metropolitana. Só não venham dizer que é um jornal popular naquela acepção que se tinha antes, de preconceito, que só fala de sangue e sexo, porque então vão brigar comigo e com os 45 jornalistas que todos os dias fazem este jornal (BACH, 2005).

Neste contexto, Alexandre Bach destaca que, no *Diário Gaúcho*, predomina a convicção de que é necessário entender a linguagem dos leitores e utilizá-la na comunicação jornalística. Ao mesmo tempo, segundo ele, a equipe de jornalistas responsáveis pela elaboração do periódico tem por lema “trabalhar mais para que o leitor trabalhe menos” (BACH, 2005), ou seja, existe uma preocupação permanente em interpretar e explicar as informações, em especial as relacionadas a temas técnicos e especializados. De acordo com o editor, “o repórter não pode ir anexo ao jornal, então, tudo o que o jornalista captou precisa ir para o papel, integralmente, tudo tem que ser esmiuçado”:

Para fazer isso a gente recorre a alguns instrumentos, como parênteses ou itálico. E como é que a gente decide o que vai ou não ser explicado? Um pouco vem do bom senso para saber se está usando o termo adequado ou não. A idéia é preferir sempre o termo mais simples. Mas às vezes o mais simples não é o mais preciso, então se tem que usar uma palavra mais técnica e ela é imediatamente explicada, se diz o que ele significa. Nós também, em alguns momentos, temos que dar palavras mais difíceis para o leitor, para que enriqueça o seu vocabulário (BACH, 2005).

Outra meta sistematicamente perseguida é a de introdução, nas coberturas, de elementos que falem dos hábitos da vida cotidiana, procurando conhecer e representar o dia-a-dia dos leitores. Paralelamente, o jornal preocupa-se em adicionar a seus relatos aspectos do imaginário social. Por isso, é muito comum, conforme descreve Bach (2005), utilizar, dentro deste âmbito, itens capazes de falar diretamente ao universo do público. Em matérias sobre saúde, por exemplo, destaca-se a abordagem de certos temas tomando-se como gancho personagem de novelas: “Aproveitamos a novela para discutir determinados assuntos. Não temos a pretensão de substituir a relação médico-paciente, mas sim de orientar, dar condições para que a pessoa compreenda melhor as coisas. Temos a preocupação de pegar o que é técnico e transmitir de uma forma muito clara, e falar da novela é uma forma de fazer isso” (BACH,

2005). Ao mesmo tempo, o jornalista ressalta a importância de, em algumas situações, envolver aspectos emocionais nas narrativas:

Um jornal como o *Diário Gaúcho* tem que ter emoção. Acho que as grandes matérias do jornalismo envolvem a emoção, a pessoa se identifica com o que está lendo, por causa de algo que sentiu em um momento, uma experiência prévia. O segredo é usar a coisa certa no momento certo. Sabemos que tem assuntos em que não dá para envolver emoção. Mas se estamos, por exemplo, com a história de um menino que está há sete meses na fila de espera para fazer uma cirurgia no pé, e se não fizer a cirurgia logo o pé vai ficar torto, como é que não vamos nos emocionar? E se emocionar não é chorar aos prantos, se derreter, é entender o outro e ser solidário. Eu acho que a emoção é um ingrediente muito importante no jornalismo, assim como a informação. Uma coisa não elimina a outra (BACH, 2005).

Para desenvolver um trabalho assim caracterizado, o *Diário Gaúcho* procura manter uma comunicação permanente com a comunidade. Um dos canais para isso é o Serviço de Atendimento ao Leitor, através do qual o público liga para o jornal e é atendido por estagiários de jornalismo, que anotam suas sugestões de pauta, reclamações e pedidos. Além disso, segundo o editor-chefe do veículo, a redação recebe, em média, cem cartas por dia. Por outro lado, existe, desde janeiro de 2005, o Conselho do Leitor, integrado por 11 leitores representativos de diferentes segmentos normalmente abordados pelo jornal: saúde, educação, habitação, igrejas, aposentados/ idosos, consumidores, associações de moradores, cultura, trânsito, jovens e segurança pública. Este grupo, renovado anualmente, é responsável por analisar e discutir o conteúdo do jornal, fazer sugestões, criticar e propor mudanças (DIÁRIO Gaúcho empossa Conselho do Leitor, 2005). Em consequência, muitos temas sugeridos pelo público transformam-se em pautas para o jornal, como é comum acontecer na área da saúde:

Por exemplo, recebemos três ou quatro ligações dizendo que um posto de atendimento está com problemas, então vamos lá ver o que está acontecendo. Esta é uma daquelas questões que envolve

saúde e administração. Outro aspecto ao qual procuramos estar sempre atentos é para a prevenção de algumas doenças. Então, se começam a aparecer focos de dengue em Porto Alegre, e as pessoas mostram que estão preocupadas com isto, vamos em cima, mostramos que não se deve acumular água, aquelas coisas básicas. Se leitoras entram em contato perguntando a respeito de saúde da mulher, lembramos sobre a necessidade de fazer os exames periódicos, mostramos onde podem ser feitos.

Além das matérias cujos temas são originados em contatos dos leitores, estes também são integrados em diferentes colunas do jornal. Exemplos são **Fala, leitor!**, em que são reproduzidas, literalmente, cartas enviadas pelos leitores abordando temas diversos; *Pede-se providência*, que, a partir dos contatos realizados através do Serviço de Atendimento ao Leitor, transcreve, de forma resumida e em discurso indireto, as reclamações e reivindicações da população, em geral em torno de mau funcionamento de serviços públicos; *Meu sonho é...*, na qual são publicadas cartas em que leitores apresentam suas aspirações (por exemplo, o desejo de realizar um tratamento estético ou a necessidade de adquirir um medicamento), na expectativa de que algum outro leitor possa ajudar a concretizá-las; *Seu problema é nosso!*, que narra, com forte apelo emocional, as dificuldades dos cidadãos diante da burocracia ou da ineficácia dos poderes públicos e cobra destes uma explicação, igualmente reproduzida no texto; e *Falando de sexo*, onde um médico responde dúvidas de leitores em torno do tema. Neste último caso, Alexandre Bach (2005) destaca que:

Nossos colunistas em nenhum momento tentam fazer uma consulta pela carta que estão recebendo, porque o jornal não pode substituir o médico, o farmacêutico ou qualquer um que seja responsável pelo atendimento. Se alguém liga para cá dizendo que está com dor no pé, não vamos dizer que seu pé está quebrado, que ela coloque uma tala e tome dois comprimidos. O que o colunista vai dizer é: 'Provavelmente, você esteja com o pé quebrado, então vá ao Hospital de Pronto Socorro, que fica no endereço tal, onde tem a especialidade de traumatologia, para ver isso, porque, dependendo da gravidade, o osso pode solidificar mal etc'. O que fazemos é orientar, dar informações, até para que as pessoas tenham subsídios para chegar na frente do médico e entender melhor o que ele disser.

Feita esta caracterização inicial do *Diário Gaúcho* – na qual, desde já, é possível vislumbrar a presença marcante da temática da saúde no periódico –, pode-se partir para o mapeamento específico da cobertura nesta área. O panorama quantitativo de tal cobertura, embora não se constitua na finalidade desta dissertação, oferece mais um indício para dimensionar sua importância e situá-la no patamar de um segmento do jornalismo que possui grande relevância para o público e movimenta, de modo intenso, suas representações sociais.

4.2 PANORAMA DA COBERTURA SOBRE SAÚDE NO *DIÁRIO GAÚCHO*

O presente estudo toma como objeto de análise as edições de números 1.492 a 1.568 do *Diário Gaúcho*, correspondentes ao período situado entre 1º de fevereiro e 1º de maio de 2005. Considerando que o jornal possui tiragens diárias de segundas a sextas-feiras e uma conjunta aos finais de semana, este intervalo compreende a circulação de 77 edições.

Para a identificação, dentro de tal universo, da cobertura jornalística sobre saúde, esta foi dividida em duas partes: matérias sobre o tema – termo genérico aqui adotado para designar notas, notícias e reportagens – e colunas fixas dedicadas ao assunto. Na primeira instância, levando-se em consideração os tipos de pautas mais frequentes, houve uma subdivisão em cinco grupos temáticos (Informações sobre saúde, Serviços de saúde, Problemas de saúde pública, Saúde de pessoas famosas e Diversas/ Outras), enquanto as colunas foram, devido às peculiaridades de cada uma, consideradas caso a caso. Ocorreu, apenas, a distinção entre as que são dedicadas

exclusivamente à abordagem de temas relacionados à saúde e aquelas que, versando sobre diferentes temas, eventualmente a incluem.

Como resultado, chegou-se ao seguinte panorama:

Categorias	Número de inserções
MATÉRIAS	
1. Informações sobre saúde	27
2. Serviços de saúde	100
3. Problemas de saúde pública	17
4. Saúde de pessoas famosas	58
5. Diversas/ Outras	7
Total de matérias	209
COLUNAS FIXAS	
<i>Exclusivas sobre saúde</i>	
1. Falando de sexo	76
2. Dicas de saúde	13
<i>Eventualmente sobre saúde</i>	
1. Pede-se providência	131 cartas
2. Fala, leitor!	11 cartas
3. Meu sonho é...	33 cartas
4. Espaço da galera	7
5. Seu problema é nosso!	19
6. Pergunte a quem sabe	24 (12 sobre Medicina e 12 sobre Nutrição)
7. Coluna do Sérgio Zambiasi	2
8. A chamada das ruas	3
9. Trânsito seguro	1
10. Conselho do leitor	4
Total de colunas	324
TOTAL GERAL DE INSERÇÕES SOBRE SAÚDE	533

Quadro 5 – Quantificação da cobertura sobre saúde

Partindo deste quadro geral, cabe dedicar uma abordagem um pouco mais detalhada sobre as categorias nele mencionadas, a fim de visualizar em que consiste e o que caracteriza, em linhas gerais, cada uma delas.

4.2.1 Matérias sobre saúde

4.2.1.1 Categoria *Informações sobre saúde*

Publicadas geralmente na contracapa, com destaque, estas matérias fornecem orientações e dicas sobre problemas de saúde, abordando prevenção, sintomas e tratamento. Também tratam de questões cotidianas, como cuidados com os pés ou com os dentes, se mascar chicletes faz mal à saúde etc.

SAÚDE

Roer unhas faz mal!!!

CLÍNICA DENTÁRIA
3286.6643
ZERO DONGO
PRONTO ATENDIMENTO
CLÍNICA GERAL
ENDODONTIA
ODONTOPEDIATRIA
IMPLANTES
CIRURGIA E TRAUMATOLOGIA BUCO-MAXILO-FACIAIS
RUA DOS ANDRADES, 1726 - TERREO - CENTRO - PORTO ALEGRE

APARELHO ORTODÔNTICO

Roer as unhas é um hábito comum. O que muita gente não sabe é que essa mania tem nome científico: onicofagia. Combater esse vício não é das tarefas mais fáceis, mas não custa tentar.

Nome científico
A mania de roer unhas e comer pedaços de pele ao redor dos dedos tem até nome científico: onicofagia. Esse hábito é considerado vício quando feito de maneira incontrolável. A onicofagia está diretamente relacionada a situações de ansiedade, estresse, irritabilidade, frustração e insegurança.

As pessoas costumam roer as unhas de três formas:

- Posicionam a mão próximo à boca e permanecem de alguns segundos a um minuto e meio roendo as unhas ou a pele.
- Dão pequenas pancadas rápidas com os dedos sobre os dentes.
- Mordem as unhas com os dedos firmemente pressionados contra os dentes.

Consequências para as unhas:
Depende da intensidade do hábito. Algumas pessoas roem as unhas até machucar as pontas dos dedos. Elas também podem ficar enfraquecidas, quebrando mais facilmente.

Dicas para parar de roer unhas

- Lavar com frequência mãos e unhas com sabão e escovinha.
- Cortar as cutículas, pois levantadas elas são um convite ao roedor.
- Colocar lembretes em diversos locais da casa e na mesa de trabalho ajuda a combater o vício.

Danos ao organismo

Roer unhas pode causar fortes dores de cabeça devido à excessiva ação dos músculos responsáveis pela mastigação. Pode afetar o aparelho digestivo porque as unhas escondem microorganismos e sujeira que causam problemas como:

- Úlceras intestinais e lesões no fígado
- Berrugas na língua
- Irritação no intestino grosso
- Diarréia

Figura 2 – Exemplo de matéria na categoria *Informações sobre saúde*

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 4 abr. 2005, p. 28)

No período analisado, as matérias desta categoria receberam os seguintes títulos:

- Prepare-se para a festa: Corpo hidratado samba melhor
- Ouvidos saudáveis: Canal livre para o som
- Beleza e saúde: Receita para viver bem
- Seus pés: Cuide deles com carinho
- Exercite-se com segurança: Proteja seus joelhos
- Mal de Alzheimer: Afeto é o remédio
- “Começar de novo”: A grave doença de não comer
- Trocando em miúdos: Saiba o que são células-tronco
- Corpo em forma: Dieta de emergência
- Pesquisa diz: Rir é o melhor remédio
- Evite joanetes: Não aperte seus pés
- Novela da vida real: O que os olhos não podem ver
- Digestão pede repouso / Xô, mal-estar!
- Fôlego para a sua carreira: Cigarro é o vilão dos trabalhadores
- Aniversariante de Páscoa: “Eu amo chocolate”
- Tome um chazinho
- Saúde e bem-estar: Teste sua alimentação
- Saúde e bem-estar: Roer unhas faz mal!!!

- Bê-a-bá da ciência: A célula
- Saúde: Vai um chiclete aí?
- Dia Nacional da Voz: Fale e cante bem!
- O leitor pergunta [sobre auto-exame de mamas]
- Vida real na tevê: Obsessão pelo furto
- Jovem sofre com tratamento [para eliminar do organismo vitamina de consumo animal que ele utilizou]
- O leitor pergunta: Botulismo
- O bê-a-bá da ciência: Quanto ar cabe nos pulmões?
- Síndrome de Down: Gesto pra lá de especial

4.2.1.2 Categoria *Serviços de saúde*

São matérias que abordam, sob diferentes ângulos, fatos relacionados ao funcionamento do sistema público de saúde. No período analisado, observa-se a publicação de:

- 57 matérias sobre abertura, ampliação ou melhoria da assistência, realização de campanhas em benefício da comunidade e orientação sobre como utilizar os serviços;

- 35 matérias sobre problemas relacionados aos serviços de saúde, tais como lotação de emergências, mau atendimento nos postos, falta de medicamentos e denúncias de corrupção;

- oito matérias sobre legislação incidente da área da saúde (aborto, regulação de leitos em UTIs...).

SAÚDE PÚBLICA NA CAPITAL

Faltam médicos nos postos

RESUMO DA NOTÍCIA

Os 65 Postos de Saúde da Família de Porto Alegre estão sem 24 médicos, mais de um terço do necessário. Prefeitura promete solução em até um mês.

ALINE CUSTÓDIO
aline.custodio@diariogaucha.com.br

Dos 65 Postos de Saúde da Família (PSF) de Porto Alegre, vinculados à Secretaria Municipal de Saúde, 24 estão sem médico.

Além de médicos, faltam também enfermeiros, auxiliares e agentes comunitários, prejudicando o atendimento de cerca de 200 mil pessoas.

Os motivos são transferências, demissões voluntárias e férias.

● **Sete meses sem clínico-geral**

No Bairro Moradas da Hípica, na Zona Sul, quatro mil moradores estão sem clínico-geral há sete meses. Na semana passada, com dores na coluna, o vigilante Irajá Fagundes saiu de casa às 5h para conseguir ficha no Centro de Saúde Vila

dos Comerciantes, na Vila Cruzeiro, sendo que o posto do bairro fica a menos de 500m de casa.

– É uma falta de respeito com quem precisa de ajuda – disse ele.

● **Secretaria faz contratação**

Cada PSF atende a uma média de 4,5 mil moradores. Segundo o coordenador da Rede de Postos da Secretaria, Marlon Porto, nesta semana, um médico deve voltar a atender no posto do Bairro Moradas da Hípica.

Um ofício foi encaminhado em 26 de janeiro à Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pedindo a contratação emergencial de 48 funcionários.

Moradores reclamam no Bairro Moradas da Hípica



ANDREA GRAZ/DIÁRIO GAÚCHO

Recorte e cobre: 14/2/2005	Funcionários:
<p>▶ Problema: falta de funcionários nos PSFs de Porto Alegre</p> <p>▶ Solução: contratação de 48 médicos, enfermeiros e auxiliares</p> <p>▶ Prazo: sete dias para contratar enfermeiros e auxiliares. Um mês para contratar médicos.</p> <p>▶ Responsável: secretário da Saúde, Pedro Gus</p> <p>▶ Onde cobrar: Avenida João Pessoa, 325. Fone: 3289-2899</p>	<p>Ao todo, 520 profissionais deveriam atuar nos 65 PSFs da Capital. Confira quantos faltam em cada área:</p> <p>▶ Médicos – 24</p> <p>▶ Enfermeiros – seis</p> <p>▶ Auxiliares de enfermagem – dez</p> <p>▶ Agentes comunitários – oito</p>

Figura 3 – Exemplo de matéria na categoria Serviços de saúde

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 14 fev. 2005, p.4)

4.2.1.3 Categoria *Problemas de saúde pública*

Diz respeito a relatos sobre surtos, epidemias, contaminações, exposição a riscos, indicadores sanitários e outras situações similares ocorridas, especialmente, na Região Metropolitana de Porto Alegre. Abrange, na amostra em questão:

- cinco relatos a respeito da transmissão do mal de Chagas através do consumo de caldo de cana-de-açúcar;

- quatro matérias sobre o risco de contaminação por mercúrio em um município da região;
- três notícias dando conta da contaminação de algumas marcas de palmito, ocasionando quadros com suspeita de botulismo na população;
- duas menções ao surgimento de elevado número de casos de tuberculose;
- uma nota sobre a internação de um grupo de trabalhadores devido a uma intoxicação alimentar;
- uma notícia a respeito da constatação de que ocorreu redução no número de jovens grávidas;
- uma referência a um surto de hepatite na Zona Norte de Porto Alegre.

SAÚDE NA CAPITAL

Campanha contra a tuberculose

RESUMO DA NOTÍCIA

A cada ano, surgem cerca de cinco mil novos casos da doença no Rio Grande do Sul. Postos de saúde orientam a população sobre o problema.

ALINE CUSTÓDIO
aline.custodio@diariogaucha.com.br

Considerada uma das doenças mais antigas do mundo, a tuberculose resiste ao tempo e continua a fazer vítimas.

No Rio Grande do Sul, segundo a Secretaria Estadual da Saúde (SES), surgem cerca de cinco mil novos casos por ano. Destes, cerca de 40% (dois mil casos) são

registrados na Capital.

– A situação é uma realidade em todas as grandes cidades devido à concentração de pessoas – justifica a pneumologista Elaine Ceccon, coordenadora do Programa de Controle da Tuberculose da Secretaria da Saúde de Porto Alegre.


Elaine ressaltou que

o paciente que não for tratado pode infectar outras dez pessoas por ano.

● **Tratamento é gratuito**

Com o slogan Tuberculose Tem Cura, a Secretaria da Saúde de Porto Alegre, em parceria com a SES e o Ministério da Saúde, lança hoje uma campanha para incentivar as pessoas a procurarem atendimento em caso de suspeita da doença.

Entre as ações a serem desenvolvidas estão atendimentos, exames e tratamento gratuitos à população nos postos de saúde municipais.



O que é

Contágio:
O bacilo de Koch, que provoca a doença, é transmitido por via respiratória

Prevenção:

- ▶ Ventilar a casa e deixar a luz do sol entrar
- ▶ Procurar o posto de saúde mais próximo para fazer o exame

Sintomas:

- ▶ Tosse com catarro por mais de três semanas, perda de apetite, emagrecimento, fraqueza e febre no fim da tarde

Tratamento

- ▶ Quando a doença se manifesta, é feito um tratamento com antibióticos durante seis meses
- ▶ Informações sobre onde buscar ajuda para detectar a doença pelo (51) 3289-2899

Figura 4 – Exemplo de matéria na categoria Problemas de saúde pública

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 23 mar. 2005, p. 7)

4.2.1.4 Categoria Saúde de pessoas famosas

A saúde entra em pauta a partir de problema vivido por alguma personalidade. Dependendo do grau de importância desta, do interesse que possa despertar no leitor e da complexidade de seu problema, pode variar desde uma pequena nota de pé de página, apenas registrando a ocorrência, até matérias de páginas inteiras, com fotos e gráficos de manchete de capa etc.

APREENSÃO NO VATICANO

Estado de saúde de João Paulo é crítico

RESUMO DA NOTÍCIA

Com febre alta e infecção nos rins, o Pontífice está internado no Vaticano em uma sala com equipamentos hospitalares. João Paulo II já teria recebido os últimos sacramentos.

O estado de saúde de João Paulo II se agravou ontem, depois que o Papa teve febre alta, provocada por uma infecção urinária. O Papa, de 84 anos, teria recebido a unção dos enfermos, o sacramento da igreja católica reservado para os doentes em estágio final.

O sacramento, que envolve a fricção de óleos especiais no enfermo, já foi chamado de extrema-unção ou últimos ritos. Agora, é conhecido como unção dos enfermos. Essa não é a primeira vez que o Papa a recebe. A última foi em 13 de maio de 1981, o dia em que ele foi baleado e quase morto em uma tentativa de assassinato na Praça São Pedro.

● Possível morte

A condição clínica de João Paulo II continua crítica, porém, é estável, após o uso de antibióticos para tratar uma infecção renal que causou febre alta e baixa na pressão arterial.

Essas não são as únicas doenças que o Papa sofre. A última foi em 13 de maio de 1981, o dia em que ele foi baleado e quase morto em uma tentativa de assassinato na Praça São Pedro.

● Visíveis sinais de debilidade

Na última quarta-feira, os médicos colocaram uma sonda no nariz do Papa para que ele pudesse ser alimentado.

— Quase ninguém acha que a situação vai melhorar, mas todos estão torcendo por um milagre — disse ontem um padre que trabalha no Vaticano.

Após fazer uma traqueostomia, em 24 de fevereiro, o Papa apareceu poucas vezes em público. Em todas elas, ele não falou e apresentou visíveis sinais de debilidade física.

O que tem o Papa

Aggravamento do quadro: febre muito alta e pressão baixa provocadas por uma infecção urinária, na noite de ontem, agravam ainda mais a saúde do Papa, que desde quarta-feira se alimenta por meio de uma sonda nasogástrica. Ele passa a receber tratamento à base de antibióticos.

Outros problemas

- 1 **Ombro:** deslocou o ombro direito em 1993, após cair de uma escada no Vaticano. Sofreu operação.
- 2 **Orelha:** sofreu fratura em acidente na década de 40.
- 3 **Apêndice:** extirpado em 1996.
- 4 **Estômago:** foi baleado no estômago em um atentado em 13 de maio de 1981. Passou 20 dias internado e sofreu cirurgia.
- 5 **Mão esquerda:** foi ferida a tiro no atentado de 1981.
- 6 **Intestino:** removeu um tumor benigno, 15 cm dos intestinos e a vesícula biliar em 15 de julho de 1992.
- 7 **Perna direita:** implanteu uma prótese no fêmur após sofrer fratura ao escorregar no banheiro em abril de 1994.
- 8 **Artéria:** desenvolveu artrose severa no joelho direito e nos quadris depois de quebrar o fêmur direito em 1994.
- 9 **Mal de Parkinson:** apresenta tremores na mão esquerda e alguma paralisia dos músculos da face.
- 10 **Infecção:** provocada por transfusão de sangue contaminado. O Papa contraiu um zoonose em 1981.
- 11 **Uma gripe evoluiu para inflamação respiratória aguda, chamada laringotraqueíte (inflamação da laringe e da traquéia).**

O Pontífice apresenta laringoespasmos (bloqueios da laringe que impedem a passagem de ar para os pulmões).

Síntomas mais comuns da laringotraqueíte:

Sonda nasogástrica

Segundo o médico Gilberto Friedman, intensivista da UTI central da Santa Casa de Porto Alegre, é quase certo que a necessidade da sonda nasogástrica esteja ligada ao Mal de Parkinson. A sonda é um tubo flexível introduzido por uma das narinas para garantir a alimentação ou a hidratação. O objetivo é garantir a alimentação de pacientes que têm dificuldades para engolir a comida.

Infecção urinária: febre alta e pressão baixa

Fontes: Roberto Silveira, jornalista; Paulo César, fotógrafo e editor; e Egberto Passos, jornalista. Agência FOLHA

Em sua última aparição para o público, o religioso demonstrou sinais de dor e fraqueza

Foto: FRAZÃO CETTO, AP/DANIELI GAZZICCO

Unção dos enfermos

A unção dos enfermos recebida pelo papa João Paulo II não pode ser interpretada como prova cabal de uma possível piora de saúde do Pontífice.

Segundo o padre João Hermilio, capelão da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, todo católico com mais de 50 anos, esteja doente ou não, pode ser unção.

— A unção dos enfermos é uma bênção para a saúde. Eu a concedo até para pessoas que não estão no hospital — afirma.

● Oração especial para o sacramento

A bênção é um dos sete sacramentos da Igreja Católica. Os outros são o batismo, a eucaristia, a crisma, o confissão, o matrimônio e o sacerdócio.

Há uma oração própria para este sacramento. O sacerdote a reza enquanto unge o fiel, com um sinal da cruz na testa feito com o dedo dos enfermos.

Vigília de fiéis

Grupos de fiéis já estão concentrados na Praça de São Pedro, em Roma, para rezar pela saúde do Papa.

Em Porto Alegre, igrejas como a Auxiliadora, a da Glória, a Medianeira e a São Martinho estão fazendo vigílias e missas para pedir pela saúde de João Paulo II.

Figura 5 – Exemplo de matéria na categoria Saúde de pessoas famosas

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 1º abr. 2005, p.6)

As matérias publicadas abrangeram as seguintes inserções:

- 26 sobre o problema de saúde do papa João Paulo II, que culminou com sua morte;
- cinco a respeito de problemas com jogadores de futebol brasileiros e duas abordando a saúde de um atleta argentino;
- 16 notícias sobre atores, atrizes, modelos e apresentadores (as) de televisão brasileiros e uma envolvendo uma atriz estrangeira;
- uma menção a doença de cantor nacional e quatro de músicos de outros países;
- três sobre políticos e autoridades religiosas.

4.2.1.6 Categoria *Diversas/ Outras*

Trata de assuntos variados, que não se enquadram em nenhuma das categorias anteriores, tais como fatos curiosos, inusitados ou de interesse humano. Envolveram, no período averiguado, as seguintes temáticas:

- duas menções ao caso da norte-americana Terri Schiavo, protagonista de uma polêmica em torno da eutanásia;
- duas notícias a respeito de um recém-nascido que foi encontrado na rua em um município da Grande Porto Alegre e encaminhado ao hospital local;
- relato sobre uma mulher gaúcha que se reencontrou com a família após ter perdido a memória e ser localizada em Santa Catarina;
- notícia a respeito do encontro entre um doador e um receptor de medula óssea;

- apresentação do caso de uma mulher que, em um município do interior, deu à luz em sua residência.

SOBREVIVÊNCIA EM CANOAS

O bebê Victor desafia a vida

RESUMO DA NOTÍCIA
Um garoto com poucas horas de vida foi encontrado ontem em uma rua de Canoas. Bebê resistiu à chuva e ao relento e passa bem.

ROBERTA SCHULER
roberta.schuler@diariogaucha.com.br

A batalha pela sobrevivência começou cedo para o menino encontrado em uma caixa de papelão, no Bairro Niterói, em Canoas, três horas depois do seu nascimento.

"Victor", como foi chamado pelas enfermeiras do Hospital Nossa Senhora das Graças, foi encontrado às 7h50min da manhã chuvosa de ontem. Ele estava envolto em pedaços de tecido, em uma sacola plástica.

— Meu vizinho viu a criança dentro da caixa, na chuva — lembra a estudante de direito Josiane Valêncio de Oliveira, 30 anos.

Os moradores reuniram peças de roupa e vestiram o bebê que ainda estava sujo do parto e o levaram ao hospital. "Victor" chegou com os pés roxos por causa do frio.

● **"Victor" passa bem**

O pediatra Geraldo Bischoff afirmou que ele é prematuro, e, pelas suas características, a gestação deveria ter em torno de 36 semanas.

"Victor" pesa 2,640kg e mede 46cm. Segundo o médico, ele poderia ter morrido porque o cordão umbilical não foi cortado adequadamente.

— Há riscos de infecção, mas este menino é um sortudo.

O que vai acontecer

O caso foi registrado na polícia

Ele será acompanhado pelo Conselho Tutelar de Canoas. A 2ª DP da cidade fará investigações para localizar a mãe ou qualquer parente da criança

Bebê passa bem após...

Se os familiares não forem encontrados, o menino poderá ser adotado, mas o processo é lento e envolve uma série de requisitos

Chama-se crime de abandono de incapaz, o ato cometido. A pena prevista é de seis meses a três anos. Se for provado que foi a mãe quem abandonou a criança, a pena será aumentada em um terço

O que as mães podem sentir depois do parto

Depressão pós-parto: aparece geralmente duas semanas depois do nascimento e exige o uso de medicamentos. É frequente as vítimas terem histórico de depressão na família. O parto é uma experiência traumática para a mãe

...ser achado em uma caixa de papelão

Caixa estava em uma calçada no Bairro Niterói

FOTOS MARCELO OLIVEIRA/DIÁRIO GAÚCHO



Figura 6 – Exemplo de matéria na categoria Diversas/ Outras

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 13 abr. 2005, p.3)

4.2.2 Colunas e seções

Exclusivas sobre saúde

4.2.2.1 Falando de sexo

Publicada diariamente, é assinada pelo médico João Batista Pires, que se identifica como Dr. Batista e dá conselhos e orientações a respeito de questões comportamentais e de saúde vinculadas ao sexo, abordando assuntos relacionados à vida do cidadão comum, suas dúvidas, medos e tabus. Frequentemente, publica cartas de leitores (sem sua identificação), que fazem perguntas, dão opiniões ou ajudam a responder questões. Há 44 cartas no período; destas, 28 são de mulheres e 16, de homens. Do total, 11 têm a autoria de adolescentes.

No período analisado, os títulos das colunas foram os seguintes:

- Fazer é bom, cuidar é fundamental
- Chumbo neles, meninas!
- Romance, sempre
- Cutucaram as onças – 1
- Cutucaram as onças – Final
- O tal “ficar” – 1
- O tal “ficar” – Final
- Mantendo a chama – 1
- Mantendo a chama – Final
- E a tal de auto-estima?

- Regras masculinas – 1
- Regras masculinas – Final
- Jardinagem sexual
- Prótese de testículo
- Fantasiando e preocupando
- O que é orgasmo?
- Alô homens e mulheres
- Bom até para TPM?
- Vem com o orgasmo
- Curiosidades sobre o mundo do sexo
- Refrescando temas quentes
- Diferenças básicas entre eles e elas
- Riam agora, porque vem o troco – 1
- Riam agora, porque vem o troco – Final
- Com potência, mas sem competência
- Que belo puxão de orelha!!!
- Os chuchus estão crescendo
- O que vem por aí
- A desforra delas – 1
- A desforra delas – Final

- Mulher, ame-se acima de tudo
- Há uma luz no fim do túnel – 1
- Há uma luz no fim do túnel – Final
- Falta de lubrificação
- A sede pode diminuir
- Fimose aos 15 anos – 1
- Fimose aos 15 anos – Final
- A resposta deles – 1
- A resposta deles – Final
- Álcool e drogas
- Belas bandeiras
- Manda o cara pastar
- Ah, seu eu soubesse...
- Para adoçar até os chuchus
- Os roncadores
- Educação sexual na escola
- Revanche feminina – 1
- Revanche feminina – Final
- Condição feminina – 1
- Condição feminina – Final

- Trauma psicológico
- Tudo sobre fimose – 1
- Tudo sobre fimose – Final
- Explodindo de ansiedade
- Os novos estão chegando
- Ou tudo, ou nada
- Novas perguntas sobre um velho tema – 1
- Novas perguntas sobre um velho tema – Final
- Alô, homens de Canoas!
- HPV e sexo oral
- Freio curto ou normal?
- Confusão geral – É ou não é – 1
- Confusão geral – É ou não é – Final
- Que diacho é isso?
- Medicina na cama
- Beijo grego e chuva prateada – Suspense
- Baunilha, abóbora ou pimenta?
- Pêlos e bebidas
- Cutucões femininos – 1
- Cutucões femininos – Final

- Planejamento familiar: está todo mundo nesta
- Sexo e lei: adultério virtual
- Clara de ovo e iogurte
- A saia justa voltou
- Y duplo: a resposta
- Quanto tempo dura uma paixão?



FALANDO DE SEXO

● Escreva para *Falando de Sexo*, Diário Gaúcho,
Avenida Ipiranga, 1075, CEP 90169-900.

DR. BATISTA
dr.batista@diariogaucha.com.br

Fimose aos 15 anos (final)

Respondo ao leitor de 15 anos, que sofre com um problema de fimose. Essa doença é caracterizada pela impossibilidade de exposição da glândula (*cabeça*) do pênis devido a um excesso de prepúcio (*pele que recobre a cabeça*), ou, quando a glândula é exposta, o prepúcio estrangula o pênis. Nessas situações, falta de exposição ou estrangulamento, o rapaz não consegue manter relações sexuais satisfatórias, e muito menos limpar adequadamente o pênis. A falta de higiene do local pode trazer, entre outras doenças, até o câncer.

● Como resolver

O problema fimose pode ser facilmente resolvido por meio de uma cirurgia muito simples, chamada postectomia, feita por um médico urologista.

Para garantir um melhor resultado estético, o ideal é que a realização da cirurgia seja feita quando o menino ainda tem pouca idade. Agradeço o auxílio do urologista José Luís Nardi (telefones: 488-1410 e 3395-3442), na elaboração dessa resposta.

Figura 7 – Exemplo da coluna Falando de sexo

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 15 mar. 2005, p. 16)

4.2.2.2 Dicas de saúde

Assinada pelo jornalista Claiton Magalhães, é publicada normalmente às sextas-feiras, aparecendo apenas em uma ocasião em edição de fim de semana. Usa fontes especializadas (médicos, secretarias Estadual e Municipal da Saúde, Ministério da Saúde, entidades da área...) para dar informações e orientações aos leitores, com ênfase na prevenção de doenças e comportamentos saudáveis. Os temas tratados geralmente estão vinculados ao contexto do momento (por exemplo, asma na época de

frio, cuidados com as crianças na volta às aulas, aborto espontâneo quando este fato ocorreu com modelo famosa...).

Nas edições analisadas, a coluna apresentou ou seguintes títulos:

- Camisinha
- Visão
- Voluntários em pesquisas
- Volta às aulas [orientações para evitar problemas ortopédicos com o peso das mochilas]
- Mães adolescentes
- Dê a sua opinião [em consulta popular sobre fracionamento de medicamentos]
- Sinusite
- Chá de macela
- Cuidados com a bronquite
- Câncer
- Idosos [sobre catarata]
- Catarata II
- Aborto espontâneo

DICAS DE SAÚDE

CLAITON MAGALHÃES
claiton.magalhaes@diariogaucho.com.br

Volta às aulas

A próxima terça-feira será de volta às aulas nas escolas públicas. O material escolar já foi comprado, as roupas já estão limpas, as mochilas carregadas... Opa! Pais e responsáveis devem ter atenção neste importante detalhe. Mochilas com excesso de peso provocam cansaço e dores nas costas das crianças.

● Mochilas arrastadas

De acordo com os ortopedistas, os alunos levam uma grande quantidade de material escolar nas mochilas, como cadernos e livros pesados, sobrecarregando o corpo. O ideal é que o peso da mochila não ultrapasse 10% do peso do corpo da criança.

O peso excessivo faz com que os alunos acabem arrastando a mochila no chão para carregá-la ou coloquem as duas alças em um ombro só, o que acaba fazendo com a criança caminhe inclinada para um lado.

Saiba mais

- ▶ O peso da mochila não deve ultrapassar 10% do peso do usuário. Uma criança com 40 quilos, por exemplo, não deverá usar uma mochila com mais de quatro quilos
- ▶ A mochila ideal deve ter encosto rígido e acolchoado, para distribuir corretamente o peso nas costas, evitando a sensação de cansaço
- ▶ As alças devem ser bem presas e também acolchoadas, para não irritar a pele
- ▶ É útil a presença de um cinto regulável na largura, pois, dessa forma, limitam-se os movimentos que provocam atrito entre a mochila e as costas
- ▶ Procure carregar a mochila sempre nos dois ombros.
- ▶ Evite carregar material escolar que não seja necessário para as aulas programadas para o dia

Figura 8 – Exemplo da coluna Dicas de saúde

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 26 e 27 fev. 2005, p.4)

Eventualmente sobre saúde

4.2.2.3 Pede-se providência

Publicada nas edições de segunda a sexta; é uma coluna que, a partir de ligações feitas pelo público para a Central de Atendimento ao Leitor, divulga reclamações, pedidos e elogios em relação a diversos tipos de serviços públicos, entre eles a assistência à saúde. A cada edição, são apresentadas, em média, sete manifestações, cujos autores não são identificados por seu nome, mas apenas pelo sexo e município de residência: leitor de Porto Alegre, leitora de Gravataí...

No pé da coluna, acresce-se o item “Explicação para o povo”, em que uma autoridade dá resposta a alguma reclamação divulgada em edição anterior.

Na área específica da saúde, os temas mais frequentes são as reclamações sobre postos de atendimento e hospitais públicos (demora, dificuldade em conseguir assistência, falta de médicos ou de equipamentos, mau atendimento...) e escassez de medicamentos nas farmácias públicas estadual e municipais.

Considerando-se que, dentro da amostra, foram analisadas 64 edições de dias de semana, com uma média de sete manifestações por edição, tem-se um total aproximado de 448 falas de leitores publicadas no período. Destas, 131 abordam temas relacionados à saúde, 16 delas fazendo elogios ou agradecimentos a instituições ou profissionais e as restantes apresentando reclamações. Há, ainda, cinco “explicações para o povo” nesta área.

Por fim, cabe ressaltar que 98 dos autores são mulheres e 33, homens.

PEDE-SE PROVIDÊNCIA

Estes são os temas de algumas das ligações que o Diário Gaúcho recebeu:

- Passageira queixa-se da Linha Porto Alegre-São Jorge/Guaíba. "A empresa substituiu essa linha por uma alimentadora, que não aguarda o desembarque do ônibus que chega de Porto Alegre às 7h35min, fazendo com que os usuários saiam do terminal só às 8h10min. Chego sempre atrasada ao trabalho devido a esse transtorno", lamenta.
- Moradora da Rua Lauro Dondones Particular, no Bairro Primavera, em Esteio, reclama que "há um bueiro entupido na altura do número 5 e o esgoto está voltando para dentro de casa".
- Leitora de Porto Alegre reclama da Farmácia de Medicamentos Especiais do Estado. "Neste ano, recebi só uma caixa dos remédios Cardizolidol 25mg e Essimvastatina 20mg. Só dizem que estão em falta", desabafa.
- Leitora de Alvorada queixa-se: "Minha neta de cinco anos não fala. Quando ela tinha um ano, o médico indicou um otorrino, mas a menina só foi atendida dois anos depois. Na época, o otorrino pediu um exame profundo no ouvido da menina que precisa de internação hospitalar. Há dois anos aguardamos a realização do exame, em Porto Alegre, e ainda não sabemos se a menina não fala porque é surda".
- Moradora da Rua Anita Garibaldi, no Bairro Americana, em Alvorada, queixa-se que "o esgoto corre a céu aberto por volta do número 1064".
- Moradora da Rua Otávio Silveira Borges, no Bairro Olímpica, em Esteio, reclama que "há mais de dois anos os esgotos estão entupidos perto do número 816 e seguidamente transbordam, alagando casas".
- Leitora queixa-se do Hospital de Santo Augusto. "Por acidente, enfiei um prego no pé. Fui ao hospital, disseram que o médico de plantão estava em casa e, para me examinar, cobraria uma consulta, mesmo pelo SUS", diz.

EXPLICAÇÃO PARA O POVO

- A prefeitura de Esteio afirma que "todas as semanas as quadras 30 e 40 do Loteamento Neuza Britoia, no Bairro Primavera, são limpas, mas a comunidade volta a jogar todo tipo de lixo no local". A queixa foi publicada nesta seção.

Figura 9 – Exemplo da coluna Pedem-se providência

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 31 mar. 2005, p.15)

4.2.2.4 Fala, leitor!

Publica cartas de leitores identificados com nome, profissão e cidade. Reproduzidas textualmente, elas apresentam assuntos variados, possibilitando a manifestação dos leitores sobre temas livres.

As manifestações sobre saúde no período tiveram os seguintes títulos e respectivas abordagens:

- Próstata – Crítica à saúde pública no que diz respeito à prevenção do câncer de próstata.
- Hospital – Elogio ao atendimento do Hospital Vila Nova.
- Hospital – Cumprimentos a hospital de Gravataí pelo atendimento.
- Saúde – Reclamação contra os governos, por não se preocuparem com a saúde como deveriam.
- Descaso – Queixas sobre o descaso com a saúde e o mau atendimento na maioria dos postos.
- Doação – Lembrete a respeito da importância da doação de sangue e crítica à falta e incentivo público a esta prática.
- Biossegurança – Elogio a deputados pela aprovação da Lei de Biossegurança.
- Reflexão – Considerações a respeito da importância de as pessoas não se entregarem às doenças, usando como exemplos o papa João Paulo II e o músico Cazusa.

- Eutanásia – Crítica à prática da eutanásia, com duas publicações a respeito.
- Eutanásia – Reflexões sobre esta prática.

Todos os autores das cartas mencionadas são homens.

FALA, LEITOR!

● Próstata

É um absurdo como o Rio Grande do Sul está atrasado em relação à saúde pública comparando com o Rio de Janeiro. Lá, eles autorizam exames de sangue para ver se temos câncer na próstata em qualquer posto de saúde. Aqui, só particular. Conclusão: é burrice total, pois, em caso de alguém estar com a doença, seu tratamento será muito mais caro.

Elói Neves
Cachoeirinha

● Assassínatos

Manifesto minha indignação com o extermínio de animais pela prefeitura da Capital. As justificativas são ridículas. É fácil evitar tantos animais, mas é preciso competência, boa vontade e educação para posse responsável e castração em massa dos animais em todas as vilas. A médio prazo, isso reduziria pela metade a população animal. Se o canil e o gatil municipais não têm condições de manter mais animais, não deveriam recolhê-los, deveriam castrá-los e deixá-los onde estavam. Proteger os animais é proteger a saúde das pessoas, também é saúde pública.

Gláucia Benites
Auxiliar de enfermagem – Porto Alegre

e impiedosos, que não querem percorrer o caminho certo, que é Jesus Cristo.

Maicon Rolim da Rosa
Estudante – Canoas

● Passageiro

Sou passageiro de uma vida. No mundo, construí e distribuí amor, felicidade e alegria. Esperava a plenitude de alcançar a verdadeira tranquilidade e obter a paz, que sempre doe e não alcancei. Procuo encontrar-te para em teus braços viver aos abraços e com beijos repousar

no aconchego do teu lar.

Ruy R. Franceschini
Poeta – Porto Alegre

● Desenganos

A brecha foi aberta, os peixes agora têm uma morada. As tábuas estão podres, desfazendo sua origem acima do mar. Os ruídos afastam cada animal que do pescueiro se aproxima. Outro pescueiro mergulha. Desenterra da escuridão os mais profundos desenganos do homem.

Rosane da Silva Borja
Porto Alegre

CLIQUE

“Que gracinha de menina! A princesa se chama Marcelle Vicente de Moura. É muito saudável, simpática e sapeca. Sempre tem uma resposta na ponta da língua, apesar da pouca idade. A gatinha é o orgulho da mamãe e do papai, Raul. Por isso, eles lhe fazem essa homenagem do fundo do coração. Um beijão, Marcelle! Dora R. Vicente, Encruzilhada do Sul.”



ARQUIVO PESSOAL/DIÁRIO GAÚCHO

Se você quiser participar desta seção, escreva para *Fala, Leitor*, Diário Gaúcho, Avenida Ipiranga, 1075, CEP 90169-900. Não esqueça de colocar nome e endereço completos, profissão, número da carteira de identidade do remetente e um telefone para contato. As cartas serão selecionadas e resumidas para publicação.

Figura 10 – Exemplo da coluna Fala, leitor!

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 1º fev. 2005, p.19)

4.2.2.5 Meu sonho é...

É publicada diariamente, de segunda a sexta-feira, uma carta de leitor que pede alguma coisa, esperando que outro leitor possa auxiliá-lo. Na edição de fim de semana, o título muda para *Meu sonho é... especial*, e são reproduzidas diversas cartas. Todas elas são acompanhadas da indicação do nome e cidade do autor. Ao final, há um texto: “Se você pode ajudar a realizar o sonho acima, telefone para o Diário Gaúcho (3218.1685)”.

As cartas contam, normalmente, dramas de pessoas desempregadas ou com poucos recursos, que, na área da saúde, pedem, por exemplo, tratamentos médicos ou dentários que não conseguem obter pelo SUS, cadeiras de rodas ou outros equipamentos, para si ou para algum familiar. As solicitações neste âmbito, na amostra considerada, tiveram a autoria de 31 mulheres e dois homens e foram publicadas sob os seguintes títulos:

- Óculos de grau
- Aparelho dentário
- Cirurgia de catarata
- Cirurgia [estética de orelhas]
- Exame e cirurgia no joelho
- Aparelho dentário
- Ser mãe [tratamento para engravidar]
- Plástica e carrinho [menina que sofreu queimaduras graves quer fazer plástica e também pede carrinho para transportar irmão que sofre de

microencefalia]

- Um médico [tratamento para escoliose]
- Implantar dentes
- Aparelho auditivo
- Tratamento [para filho de seis anos que não fala]
- Tratamento dentário
- Arrumar os dentes
- Tratamento para emagrecer e lipoaspiração
- Secar as varizes
- Cirurgia para correção de miopia
- Dentadura fixa
- Tratamento e aparelho ortodôntico
- Bota ortopédica
- Tratamento dentário
- Aparelho dentário
- Fisioterapia
- Ser mãe [tratamento para engravidar]
- Dentes e urologista
- Toxina botulínica [para filho com paralisia cerebral]
- Psiquiatria e exames

- Cadeira de rodas
- Arrumar os dentes
- Medicamento
- Tratamento de varizes
- Fitas para medir glicose
- Colchão especial e tratamento para emagrecer

MEU SONHO É...

... tratamento para varizes

“Tenho 34 anos e há bastante tempo venho sofrendo com o problema de varizes. Tenho muitas dores e sinto cansaço nas pernas. Só consigo dormir tomando analgésicos porque a dor é quase insuportável. Se algum médico vascular pudesse examinar o meu caso, eu ficaria muito feliz, pois além de me livrar das dores, melhoraria o aspecto das minhas pernas, que é horrível. Soube, através de uma reportagem, que existe um tratamento novo para secar varizes. Serei eternamente grata e realizada se alguém puder me ajudar.”

Lúcia Cristina Moraes, Alvorada

● Se você pode ajudar a realizar o sonho acima, telefone para o Diário Gaúcho (3218-1685).

Figura 11 – Exemplo da coluna Meu sonho é...

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 9 fev. 2005, p. 15)

Há, ainda, uma inserção com o título *Meu sonho é... real*, contando a história de uma leitora que, após escrever para a coluna pedindo óculos para sua mãe, teve o desejo atendido.

4.2.2.6 Espaço da galera

Coluna voltada para adolescentes, com orientações sobre temas variados, utilizando especialistas como fontes.

ESPAÇO DA GALERA

Ginecologista - 1

Todas as adolescentes deveriam frequentar o ginecologista, que é um médico como qualquer outro (pediatra, clínico ou cirurgião), mas cuida da saúde da mulher.

● Primeira consulta

● Não existe uma idade correta para frequentar o ginecologista, mas a primeira menstruação pode ser o motivo para a primeira consulta. Isto porque é a partir desta fase que começam as mudanças no corpo, namoro e dúvidas quanto à anticoncepção e uso de camisinha. E há a necessidade de saber mais sobre doenças sexualmente transmissíveis.


● Não é preciso ter uma queixa ou problema para procurar o ginecologista, nem ser casada ou ter namorado fixo. É importante irmos uma vez por ano para receber orientações, mesmo a gente achando que sabe tudo. Não se pode esquecer que o ginecologista é um profissional disposto a ajudar.

Muito importante: ele mantém segredo sobre o que for contado ou perguntado no consultório.

● Conversa

● Não é preciso ter vergonha, pois a primeira consulta não é um bicho-de-sete-cabeças. É uma conversa para tirar dúvidas, falar sobre anticoncepcionais e camisinha, explicar as mudanças do corpo e possíveis queixas que a adolescente vem apresentando.

● A mãe pode acompanhar a primeira consulta, mas normalmente o ginecologista pede licença para ficar um pouco sozinho com a adolescente, para evitar constrangimentos normais em relação a perguntas da intimidade da mulher. (continua)



Fonte: Denise Schlatter, ginecologista

Figura 12 – Exemplo da coluna Espaço da galera

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 5 e 6 fev. 2005, p.2)

Os títulos relativos à área da saúde no período analisado foram:

- Ginecologista – 1
- Ginecologista – 2
- Manter o clima [sobre uso de camisinha]
- Acne
- Urologista – 1
- Urologista –2
- Urologista –3

4.2.2.7 Seu problema é nosso!

Nesta seção, o jornal relata um problema vivenciado por algum cidadão, geralmente relacionado a mau atendimento em serviços públicos, e busca a manifestação das autoridades responsáveis, cobrando delas uma solução. As matérias são assinadas por repórteres.

Especificamente na área da saúde, constaram na amostra os seguintes títulos:

- Andreline já brinca feliz [menina conseguiu cirurgia]
- Longa espera abaixo de dor
- Leite especial preocupa mãe
- Cirurgia muda a vida de Talita
- Cinco anos de sofrimento [dificuldade em obter cirurgia para coluna de criança]

- Uma esperança para Bruna [evolução de caso apresentado quatro dias antes]
- Conta de luz angustia mãe [pois filho necessita de aparelho para sobreviver]
- Doente sofre sem benefício [problemas com auxílio-doença do INSS]
- Quer estudar e não consegue [pois necessita realizar avaliação psicológica]
- Raquel será operada [conseguiu cirurgia após longa espera]
- Fim do drama de Dagmar [mãe que não podia pagar conta de luz, conforme matéria publicada anteriormente, foi atendida pela Prefeitura]
- Lesão assusta Ester e a filha [problema em pé de menina de 8 anos]
- A agonia de uma mãe [retorno ao problema da mãe cujo filho necessita de leite especial]
- Sem exame, Tainá não fala
- Espera inútil por exame
- Dolorosa e longa espera [volta à menina que tem problema no pé]
- Wesley pede transporte [pois tem deficiência e quer estudar]
- Dor de Bruna vai findar? [terceira menção ao problema da menina que espera atendimento]
- Longa espera por cirurgia [menino com torcicolo congênito]

SEU PROBLEMA É NOSSO!

Dolorosa e longa espera

O DIÁRIO NÃO ESQUECE
14 DIAS DEPOIS



Lesão crônica no pé da filha preocupa Ester

RICARDO JAEGER/DIÁRIO GAÚCHO

ROBERTA SCHULER
roberta.schuler@diariogaucha.com.br

A ferida no dedão do pé esquerdo de Stephanie Barreto Fay da Silva, oito anos, de Porto Alegre, ainda é a grande preocupação da dona-de-casa Ester, mãe da menina. No dia 25 de março, o Diário Gaúcho contou o drama enfrentado por Stephanie por causa da lesão crônica que surgiu em seu pé quando ela tinha quatro anos.

Como a ferida nunca cicatrizou, ela faz curativos semanalmente no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, onde está sendo tratada por médicos do setor de ortopedia. Na ocasião, Ester contou que, mesmo depois de vários exames, o problema ainda não tinha diagnóstico. Em maio de

2004, Stephanie foi encaminhada a uma cirurgia vascular, que não foi realizada porque a lesão estava aberta.

O chefe do serviço de ortopedia do Hospital de Clínicas, Paulo Lompa, afirmou, na oportunidade, que só poderia divulgar um parecer sobre a saúde de Stephanie depois de se inteirar do caso com os médicos que a tratam.

● Alternativas de tratamento

O ortopedista Egon Henning, do serviço de ortopedia do Hospital de Clínicas, informa, agora, que Stephanie "passou por uma cirurgia de limpeza profunda no dedo inflamado, que causava dores e febre alta".

PROBLEMA É NOSSO!

Lesão assusta Ester e a filha

O ortopedista explica ainda que "a lesão a complicação de uma anomalia congênita (que a pessoa tem desde que nasceu) na perna e no pé" de Stephanie.

— Há a possibilidade de amputação, mas a equipe médica esgotará as alternativas de tratamento antes que esta medida precise ser tomada. Stephanie foi encaminhada à equipe de cirurgia vascular para a realização de exames — conclui Egon.

Figura 13 – Exemplo da coluna Seu problema é nosso!

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 8 abr. 2005, p.15)

4.2.2.8 Pergunte a quem sabe

Coluna caracterizada por apresentar orientações de especialistas sobre temas diversos. Às quartas-feiras, dedica-se à Nutrição e, às quintas, à Medicina. A coluna sobre Nutrição é assinada pela nutricionista Leila F. Tortelli e a sobre Medicina, por um especialista da equipe da Santa Casa de Porto Alegre (variando de acordo com o tema abordado).

Neste âmbito, observou-se no período em foco os seguintes títulos:

Nutrição

- Folia X saúde [alimentação no Carnaval]
- Baixando a poeira [alimentação após o Carnaval]
- Salmonela
- Perfume e sabor [plantas que trazem benefícios à saúde]
- Recado aos pais [alimentação na volta às aulas]
- Saúde para valer [prevenção de doenças através da alimentação]
- Criança x alimento
- Feriado econômico [receita de almoço barato para Sexta-feira Santa]
- Sobras de Páscoa
- Benefícios da soja
- Soja II
- Isoflavonas



PERGUNTE A QUEM SABE

NUTRIÇÃO com Leila Fraga Tortelli

Sobras da Páscoa

Passada a Páscoa, muitas famílias deparam com um mundo de chocolate. Ovos de todos os tamanhos e caixas de bombons invadem nossos armários. Mas o que fazer com os chocolates que sobraram a fim de garantir sua qualidade e durabilidade?

● **Congelar**

Uma dica é abrir as embalagens (observando o prazo de validade), quebrar em pequenos pedaços e acondicioná-los em saquinhos próprios para alimentos, levando-os ao freezer. O chocolate pode ser congelado por até seis meses. Com bombons, o procedimento é o mesmo. É importante etiquetar as embalagens com o nome do chocolate e a data em que foi para o freezer.

Figura 14 – Exemplo da coluna Pergunte a quem sabe/ Nutrição

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 30 mar. 2005, p.2)

Medicina

- Queimadura solar
- Leptospirose
- Mal de Alzheimer
- Osteoporose
- Eclampsia
- Síndrome do túnel do carpo
- Estrias

- Hepatite C
- Doença de Chagas
- Mioma
- Catarata
- Epilepsia



PERGUNTE A QUEM SABE

MEDICINA, com a equipe da Santa Casa de Porto Alegre. Hoje, com o oftalmologista Alexandre Marcon, diretor médico do Banco de Córneas

Catarata

O que é
Catarata é a perda de transparência do cristalino (*lente natural do olho, localizada atrás da pupila*). É causado por envelhecimento natural da pessoa, pelo uso crônico, e sem supervisão médica, de remédios (*como corticóides*) e por outras doenças, como inflamações do olho.

Sintomas
É caracterizada por visão embaçada ou embaçada. O surgimento de miopia (*vemos bem os objetos que estão perto, enquanto os afastados parecem turvos*) na velhice também pode indicar a doença.

Tratamento e prevenção
A única forma de tratamento é a cirurgia. Para prevenir-se, é necessário evitar a radiação ultravioleta, através do uso de óculos escuros de qualidade, e a automedicação.

Figura 15 – Exemplo da coluna Pergunte a quem sabe/ Medicina

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 14 abr. 2005, p.2)

4.2.2.9 Coluna do Sérgio Zambiasi

Inserida na contracapa do jornal, apresenta a opinião do jornalista sobre assuntos diversos. A temática da saúde foi mencionada em duas ocasiões, uma elogiando uma campanha sobre doação de sangue e outra divulgando uma pesquisa australiana na qual foi constatado que o sexo faz bem à saúde.

COLUNA DO
SÉRGIO ZAMBIASI
sergio.zambiasi@diariogaucha.com.br

Sexo na cabeça

Exercícios físicos e atividade mental ajudam o organismo humano a evitar doenças que provocam perda de memória e até demência.

Um grupo de pesquisadores australianos garante que exercícios tipo caminhadas, corridas e jogos como palavras cruzadas aumentam a produção de uma substância química chamada prolactina. Essa substância ajuda a criação de novas células no cérebro, mantendo-o ágil e ativo. Dizem, ainda, que a prática regular de sexo também ajuda.

● **Marido esquecido**

Uma amiga, ao ler a informação, disse que a recortou e levou correndo para o marido, que anda preocupado com seus repentinos esquecimentos.

Ele corre diariamente com os amigos, adora jogar xadrez, que também exige muito do cérebro. Só que... anda relapso em relação a seus compromissos conjugais.

● **Exercícios físicos**

Assim, ela aproveita a base científica pra dizer que não aceitará mais desculpas. O sexo mescla exercícios físicos e mentais ao liberar a capacidade de criar fantasias, jogos íntimos para os adultos. E alguém duvida que o amor é o melhor remédio?

Até segunda-feira, se Deus quiser!

Figura 16 – Exemplo da coluna Coluna do Sérgio Zambiasi

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 9 e 10 abr. 2005, p.48)

4.2.2.10 A chamada das ruas

Assinada pelo jornalista Antônio Carlos Macedo, é publicada diariamente e aborda assuntos diversos. Entre eles, a saúde se faz presente em três momentos:

- em um comentário sobre a importância de distinguir medicamentos de referência, genéricos e similares;
- em uma crítica às filas para obtenção de medicamentos especiais na farmácia pública do estado (escrita, interinamente, pelo jornalista Claiton Magalhães);
- em opiniões da jornalista interina, Lis Aline Silveira, no Dia Internacional da Mulher, sobre matéria publicada ao lado da coluna, a respeito da ocorrência de erros, em serviços de saúde, na realização de exames de mamografia.

A CHAMADA DAS RUAS

ANTÔNIO CARLOS MACEDO
macedo@diariogaucha.com.br

Genéricos e similares

A última edição da revista Veja traz um importante alerta sobre os três tipos de medicamentos existentes no mercado e os riscos que a categoria predominante oferece aos usuários. Os remédios à venda são divididos em três categorias básicas:

- 1) Referentes:** medicamentos descobertos pelos laboratórios e lançados após testes com animais e humanos.
- 2) Genéricos:** copiam a fórmula dos referentes, passam por testes que apuram sua eficácia e são vendidos apenas pelo nome da substância principal.
- 3) Similares:** também adotam a composição dos referentes, mas são vendidos com outros nomes comerciais e não passam por testes de avaliação.

É aí que está o perigo para a saúde da população. Como os similares detêm 70% do mercado e frequentemente são confundidos com os genéricos, o doente pode levar para casa uma droga que não produzirá a cura esperada.

Por isso, mesmo que sejam mais baratos, os similares devem ser olhados com desconfiança, especialmente aqueles destinados ao combate de moléstias mais graves. Opte sempre pelos genéricos ou, na falta deles, por marcas tradicionais e conhecidas. Com saúde, não se brinca.

Figura 17 – Exemplo da coluna A chamada das ruas

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 1º fev. 2005, p.2)

4.2.2.11 Trânsito seguro

Nesta coluna composta por dicas e orientações sobre o comportamento no trânsito, em uma ocasião (semana do Carnaval) o espaço é utilizado para abordar os riscos do consumo de bebidas alcoólicas para a saúde e a segurança nas estradas.

**TRÂNSITO
SEGURO**

EDUARDO RODRIGUES
eduardo.rodrigues@diariogaúcho.com.br

Carnaval nas estradas

Não desafine o samba nas estradas neste Carnaval. Encha o carro de confete, serpentina e muita água para suportar o calor em direção às praias e ao Interior do Estado. E nem pense em bebidas alcoólicas. Na próxima sexta-feira, uma equipe do Departamento Estadual de Trânsito (Detran) estará no pedágio da Concepa, em Santo Antônio da Patrulha, distribuindo folhetos com orientações para condutores e passageiros.

Campanhas no rádio e na tevê, além de ações no Litoral Norte, durante a Festa de Morno, alertarão os foliões sobre os riscos de acidentes, principalmente os relacionados com o consumo de álcool, nesta época do ano. Em 2002, 30 pessoas perderam a vida nas rodovias gaúchas no período do Carnaval. Este número caiu para 11 em 2003 e para nove no ano passado.

● Ações do Detran

Dia 4 (sexta) – distribuição de folhetos com orientações das 8h30min às 15h no pedágio da Concepa em Santo Antônio da Patrulha.

Dias 5 (sábado) e 6 (domingo) – ações voltadas para os jovens na beira da praia de Atlântida. Veículos do Detran percorrerão as estradas que levam ao Litoral, de Quintão a Torres, parando em pontos de concentração de pessoas para conscientizá-las sobre o bom comportamento no trânsito.

Dia 6 (domingo) – campanha Trânsito Seguro E a Minha Praia na beira da praia de Tramandai das 15h às 22h. Brincadeiras e distribuição de camisetas, chaveiros e fotos.

● Saiba mais

- Estudos demonstram que a vítima de acidente de trânsito alcoolizada, quando hospitalizada, tem menos chance de sobrevivência, devido às alterações fisiológicas induzidas pelo álcool.
- O álcool faz com que o cérebro necessite de mais tempo para receber as mensagens dos olhos, processando as informações mais lentamente e tomando as respostas psicomotoras (reflexos, movimentos) atrasadas. O tempo de reação torna-se de 10% a 30% mais lento.
- Nunca seja passageiro de alguém que tenha bebido, mesmo que pouco. Muitas vezes, doses pequenas podem comprometer a habilidade do motorista. Fique atento! A vítima pode ser você.

Figura 18 – Exemplo da coluna Trânsito seguro

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 1º fev. 2005, p.6)

4.2.2.12 Conselho do leitor

No final do mês, em uma edição a coluna “Fala, leitor!” é substituída por esta, que apresenta os principais temas discutidos na reunião periódica do Conselho do Leitor. Temas sobre saúde foram inseridos neste contexto, com sugestões de que:

- haja mais reportagens orientando os homens sobre problemas sexuais;
- sejam mostradas as ações de saúde da cidade de Viamão desenvolvidas em consequência da atuação do Conselho Municipal da Saúde;
- seja mostrado o funcionamento do sistema de saúde, esclarecendo as competências dos governos municipais, estadual e federal;
- haja maior divulgação dos telefones de hospitais e serviços de emergência.

CONSELHO DO LEITOR

O Conselho do Leitor do Diário Gaúcho se reuniu na noite da última terça-feira para discutir e analisar o jornal. Esses foram alguns dos assuntos debatidos com os conselheiros.

- Maria Giralne Rodrigues e Luís Augusto Merlini, ambos de Alvorada, elogiaram as recentes reportagens sobre aspectos positivos da cidade, como a que contou o cotidiano dos moradores da Vila Umôu.
- A reportagem despertou o orgulho para o pessoal defender sua cidade – disse Maria Giralne.
- A conselheira gostaria de ler dicas de livros na seção *Divirta-se*. Ela também sugere pautas sobre ações que previnem a violência, como a organização de trabalhadores em cooperativas.
- Luís Augusto Merlini acha que a cobertura esportiva trata, basicamente, de futebol. O conselheiro gostaria que o jornal também fizesse de outras modalidades. Questionou ainda a organização dos anúncios nos classificados. Ele entende que, em um caderno, seria mais fácil de manusear.
- José Pereira Castro Filho sugeriu que o jornal mostre as ações na área de saúde de Viamão como consequência da atuação do Conselho Municipal de Saúde.
- Ailton Carvalho Tavares elogiou as fotos que, no seu entendimento, estão mais nítidas e com “melhor qualidade”. Sugeriu, ainda, que o jornal pense numa campanha focada no trabalho para jovens. O conselheiro entende que é importante o jornal seguir acompanhando os assuntos.
- Glacy Conceição Oliveira disse que as reportagens sobre educação infantil (creches) “deram uma parada”. E que o jornal deve estar atento para o problema de escolas públicas que cobram taxas de serviço.
- Talgino Reinaldo Ferraz Ramos sugeriu reportagens orientando sobre como
- dever ser as abordagens nas blitz de trânsito. Também gostaria de ler reportagem sobre os rótulos das embalagens de produtos. Citou as águas mineral e natural, que geram confusão no consumidor.
- Líria Catarina Ortiz gostaria que o jornal explicasse como funciona o sistema de saúde, quais são as responsabilidades do município, Estado e governo federal. Citou o caso da demora para cirurgia em Cachoeirinha.
- Alguns conselheiros sugeriram que o Diário publique sempre telefones úteis, como os de emergências e de hospitais.
- Eliana Sabella questionou por que a maioria dos brindes do *Junta & Ganhe* é voltada ao público feminino.
- Ao final da reunião, os conselheiros marcaram o próximo encontro para o dia 25 de abril e escolheram Suelen Ferreira Pereira para representar o Conselho até lá.
- Participaram do encontro os conselheiros Suelen F. Pereira (Gravatá), Maria Giralne Rodrigues (Alvorada), Luís Augusto Merlini (Alvorada), Ailton C. Tavares (Esteio), Talgino R.F. Ramos (Porto Alegre), Eliana Sabella (Porto Alegre), José P. Castro Filho (Viamão) e Líria Catarina Ortiz (Cachoeirinha).



Conselheiros voltarão a debater o Diário no dia 25 de abril

ANDRÉ FELTES/GRUPO GAÚCHO

Figura 19 – Exemplo da coluna Conselho do leitor

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 31 mar. 2005, p.28)

4.2.3 Destaques na capa e contracapa do jornal

Cabe ressaltar, ainda, que, entre os itens sobre saúde identificados na análise da amostra, 19 deles geraram chamadas de capa, com os seguintes títulos:

- Tuberculose: cinco mil casos por ano no estado
- A dor de João de Deus comove o mundo
- Cachoeirinha: crianças acham metal no lixo / Mercúrio pode ter contaminado mais de 20 pessoas
- João Paulo II teve dificuldades para respirar / Papa faz cirurgia de emergência
- Das 65 unidades, 24 estão sem os profissionais / Faltam médicos em postos da capital
- Hospitais não cumprem a lei do idoso
- Saúde / Suspeita de erros em exames de mama
- Adeus! Morre a eterna dona Benta
- Corujice / Mamãe Angélica e Joaquim
- Passa bem bebê que foi abandonado
- Recém-nascido abandonado / Milagre da vida em Canoas
- Teste do Diário: ligar para a Farmácia ao estado exige paciência
- Vigília pela vida de João de Deus
- Sentiremos saudades, João de Deus!
- Começa a vacina de gripe para idosos

- Bê-a-bá da Ciência: as células
- Hepatite assusta na Zona Norte
- Vida real / O drama da doença do furto
- Daniella Cicarelli perde o bebê

The image shows the front page of the newspaper 'DIÁRIO GAÚCHO'. At the top left, there is a promotion for 'Kit Fôrmas' (molds) with the number '54' and the text 'Lasanhas, entrem na fila. Para ganhar o Kit Fôrmas, recorte o selo e cole na cartela.' To the right, there is a 'VIDA REAL' section titled 'O drama da doença do furto' featuring a photo of Christiane Torloni and the text 'Christiane Torloni é uma cleptomaniaca, na pele de Haydée, de "América"'. Further right is a contest for 'colchões magnotron' with a form for name, address, and phone number. The main headline reads 'PREÇO DA TARIFA RESIDENCIAL DA AES SUL SOFRERÁ AUMENTO DE 1,9%, E DA RIO GRANDE ENERGIA, DE 9,34%' followed by 'Luz fica mais cara a partir de hoje'. A price tag shows 'R\$ 0,60' and a box says 'HÁ VAGAS MAIS DE 495 OFERTAS DE EMPREGOS'. The newspaper's name 'DIÁRIO GAÚCHO' is prominently displayed in the center.

Figura 20 – Exemplo de chamada sobre saúde na capa do jornal

(Fonte: DIÁRIO Gaúcho, 19 abr. 2005, p.01)

Além disso, houve 21 inserções da temática, com destaque, na contracapa do jornal, principalmente através de matérias pertencentes à categoria *Informações sobre saúde*.

4.2.4 Fontes de informação

Com base no levantamento preliminar até aqui apresentado, é possível identificar, de imediato, uma relevante presença da temática da saúde no periódico analisado, bem como sua tentativa de buscar, na cobertura da área, uma proximidade com o mundo do leitor, o que reforça a configuração do objeto como um produto jornalístico que se dirige a um público leigo, situado no universo consensual. Em complemento, faz-se necessário averiguar se, na constituição das fontes de informação, está representado o universo técnico-científico.

No que diz respeito às matérias – que, como já apontado anteriormente, totalizam 209 inserções –, destacam-se como fontes:

- Médicos e outros profissionais da saúde (58)
- Hospitais e outros estabelecimentos de saúde (32)
- Órgãos municipais e estaduais de saúde (51)
- Órgãos federais de saúde (13)
- Entidades especializadas na área (23)
- Órgãos da Justiça e legislações (5)
- Sites da internet (2)
- Empresas (2)
- Autoridades religiosas (1)
- Voluntários (2)
- Pacientes (31)

- Familiares de pacientes (14)
- Personalidades públicas (8)

Os oito primeiros itens podem ser enquadrados como vinculados ao universo técnico-científico. Assim, em um total de 242 fontes (ressalte-se que esta número é superior ao de matérias porque algumas delas recorrem a mais de um entrevistado), 186 são especializadas, contra 56 leigas.

Por outro lado, nas colunas, em grande parte dos casos não há menção direta a fontes, já que muitas delas se restringem à apresentação de opiniões por parte de seus respectivos colunistas ou à citação de contatos feitos por leitores. Ainda assim, pessoas ou instituições vinculadas ao universo técnico-científico aparecem em 47 ocasiões, nas quais são feitas referências a médicos e outros profissionais da saúde (16), órgãos municipais e estaduais da área (16), órgãos federais (5), hospitais (5), entidades especializadas (4) e Justiça (1). Há que se enfatizar, ainda, que a coluna *Falando de sexo*, que conta com 76 inserções, é escrita por um médico, enquanto *Pergunte a quem sabe* tem a autoria de médicos em 12 casos e de uma nutricionista em outros 12.

Observa-se, portanto, que o universo técnico-científico também está presente em larga escala, confirmando-se, desta forma, a composição de uma amostra em que efetivamente se verifica, através da mediação jornalística, a transposição de informações oriundas nessa instância para o mundo do senso comum.

Estabelecidos estes parâmetros gerais, pode-se partir para a análise específica das estratégias comunicativas e das representações sociais presentes na cobertura sobre saúde realizada pelo jornal *Diário Gaúcho*, levando em consideração seu con-

teúdo, a linguagem nela utilizada, a forma de estruturação dos textos e o emprego de recursos visuais, conforme descrito no capítulo 3.

Para a averiguação do primeiro aspecto – o que diz respeito ao conteúdo e seus enfoques –, foi levado em consideração o conjunto total da amostra, a fim de verificar, de forma abrangente, como o interesse do leitor está representado. Já para a conferência dos três restantes – linguagem, forma e recursos visuais –, foram selecionadas as unidades mais representativas do foco do estudo. Assim, eliminou-se da análise específica as colunas *Pede-se providência*, *Fala, leitor!* e *Meu sonho é...*, por apresentarem, basicamente, reproduções de correspondências ou contatos telefônicos dos leitores, não incidindo aí, portanto, uma relevante presença, nos três referidos pontos de vista, de estratégias comunicativas destinadas a colocar em cena as representações sociais. Por outro lado, foram mantidas aquelas escritas por profissionais da saúde, nas quais, embora não existindo a atuação de jornalistas, predomina a tentativa dos especialistas de adaptarem seu modo de expressão ao perfil do veículo e de seu público. Quanto às matérias, não foram levadas em consideração, nesta etapa, as notas curtas, de dois parágrafos ou menos, por serem relatos muito breves e pouco trabalhados, e aquelas matérias que não apresentam menção específica às fontes de informação e/ou fazem pouco uso dos elementos considerados significativos para a análise.

4.3 CONTEÚDO: O INTERESSE DO LEITOR REPRESENTADO

Como visto anteriormente, o interesse do público é um dos critérios de noticiabilidade, ou seja, um dos fatores que leva os veículos a decidirem o que será ou não transformado em notícia. Ao levá-lo em consideração, os jornais admitem em

suas páginas o universo do senso comum, proporcionando que, por motivos diversos, o leitor sinta-se identificado com os conteúdos apresentados. Assim, se as temáticas presentes nas páginas dos periódicos respondem a uma série de critérios e exigências jornalísticas, empresariais e mercadológicas, estão, ao mesmo tempo, subordinadas às representações sociais do público.

No capítulo 3, foram apresentados 14 grupos temáticos que, dizendo respeito a fatores causadores ou coadjuvantes do interesse, sintetizam as estratégias comunicativas responsáveis, em termos dos conteúdos e de seus enfoques, pela introdução das representações sociais dos leitores nas coberturas sobre saúde. Cabe, agora, verificar como elas efetivamente se fazem presentes na amostra analisada.

Estabelecer proximidade espacial e contextual

Falar sobre o cotidiano

Tratar das necessidades do público

Abordar hábitos e práticas sociais

Apresentar utilidade prática

Apoiar-se no saber popular

Defender a cidadania

Apelar para o imaginário social

Falar de sentimentos, sonhos e esperanças

Dirigir-se ao todo, mas também a grupos específicos

Mostrar o novo e o insólito

Refletir sobre a vida e a morte

Destacar a notoriedade pública

Tratar do conflitivo e do negativo

4.4 LINGUAGEM:

ancoragem e objetivação

4.5 ESTRUTURA:

ee

4.6 RECURSOS VISUAIS:

ee

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo é, por excelência, uma atividade de mediação, ao colocar em contato diferentes saberes e proporcionar, desta forma, que o ocorrido em uma determinada instância não fique restrito a suas fronteiras, tornando-se de domínio público. É mediação, também, porque, em tal processo, incorpora aos seus relatos elementos destes diferentes saberes, a fim de que aquilo que está sendo exposto seja não apenas fiel aos fatos e à expressão das fontes, mas também permeado de sentidos para as pessoas às quais as informações se dirigem. Vista por este ângulo, a comunicação jornalística deixa de ser percebida como uma transmissão totalmente unilateral de informações a receptores passivos, para ganhar status de um processo onde também estão presentes as representações sociais dos cidadãos, ou seja, aquelas formas socialmente construídas e partilhadas de perceber, interpretar e compreender o mundo.

Tais considerações, válidas, em maior ou menor grau, para o jornalismo de uma forma geral, tanto mais o são quando se trata de expor conteúdos altamente especializados a públicos preponderantemente leigos, o que leva à necessidade, por parte dos jornalistas, de investir de forma mais intensa na utilização de estratégias capazes de reduzir as distâncias entre os dois pólos do processo comunicativo. Foi com base nestes pressupostos que se analisou, na presente dissertação, a cobertura

jornalística sobre saúde do jornal *Diário Gaúcho*, de Porto Alegre, buscando averiguar como o periódico, dirigido a um leitorado de baixo poder aquisitivo e reduzido grau de instrução formal, realiza matérias a respeito de temas originados no especializado universo técnico-científico, colocando em jogo, para isso, estratégias comunicativas que introduzem nos relatos os conhecimentos, expectativas e necessidades do público.

Partiu-se, portanto, da idéia de que, se o jornalismo tem um papel decisivo na formação dos repertórios dos cidadãos a respeito da temática da saúde, também a memória, a experiência cotidiana e o imaginário do público são essenciais para definir o que é publicado sobre tais temas, e de qual forma. Trata-se, na verdade, de dois processos simultâneos e inseparáveis, os quais, de forma dinâmica, vão configurando as características da cobertura em saúde no jornalismo impresso e reconfigurando o próprio senso comum.

Ao adotar esta perspectiva, a presente dissertação não pretendeu negar, ingenuamente, a influência de interesses econômicos ou políticos sobre as empresas jornalísticas e o delineamento de seus produtos. Esta é uma realidade indiscutível e que tem sido objeto de vários estudos acadêmicos, os quais vem contribuindo enormemente para uma necessária e indispensável visão crítica dos meios de comunicação. O que se pretendeu aqui, isto sim, foi direcionar o foco para outro ângulo, analisado com menor frequência, ressaltando que os saberes e interesses do público são fatores igualmente relevantes, dada, até mesmo, a sua condição de consumidores cujas necessidades e expectativas devem ser atendidas para que o próprio empreendimento comercial seja bem-sucedido.

Observou-se, assim, na cobertura analisada, a existência de um contrato implícito de leitura, através do qual o *Diário Gaúcho*, conhecedor do perfil de seu público, mantém-se atento às necessidades e expectativas deste e lança mão de uma série de estratégias voltadas a atendê-las. Os leitores, por sua vez, cumprem a sua parte dando um retorno constante ao jornal, através de cartas, telefonemas, sugestões e denúncias, demonstrando que reconhecem a intenção do periódico de estabelecer contato com seu cotidiano e sentem-se estimulados por ela. A partir daí, ganha espaço a concepção denominada por Motta (2003, 2004, 2005) de visão antropológica da notícia, a qual, nesta perspectiva, não tem a intenção de espelhar a realidade de forma pretensamente neutra e objetiva, mas sim é uma interpretação desta adaptada ao universo dos leitores.

Além das contribuições de Motta e de outros autores ligados à área da comunicação empregadas neste trabalho para detalhar tais tipos de questões, a base teórica buscada na Psicologia Social e na Sociologia foi de grande valia para a compreensão desta realidade, na medida em que possibilitou, em um primeiro momento, estabelecer uma distinção clara entre os dois mundos presentes na cena da comunicação sobre saúde. A diferenciação que Moscovici (2003), em sua Teoria das Representações Sociais, identifica entre os universos reificado e consensual permitiu distinguir claramente, de um lado, a instância técnico-científica em que se localizam as fontes de informação e, de outro, aquela relacionada ao senso comum, onde estão inseridos os leitores leigos. Esta última pôde ser melhor compreendida, também, com os aportes de Berger e Luckmann (1976), Maffesoli (1988, 1998) e Bourdieu (1974, 2001, 1993), que levaram a uma caracterização do conhecimento do senso comum como

algo compartilhado consensualmente por um grupo, em relação a um determinado contexto e com a forte presença de aspectos emocionais e simbólicos.

A mencionada Teoria das Representações Sociais foi essencial, ainda, para estabelecer e caracterizar o que seria buscado na amostra analisada. Diz Moscovici (2003) que as representações sociais possuem uma dupla função, por um lado estabelecendo uma ordem que orienta os indivíduos em seu mundo e permite controlá-lo e, por outro, garantindo que a comunicação seja possível entre os membros de uma mesma comunidade. São, nas palavras de Jodelet (2005), saberes práticos através dos quais se estabelece, dentro de um grupo, uma visão de mundo comum, e que, como complementa Moscovici (2003), tornam familiar aquilo que é incomum, estranho, anônimo ou ameaçador, através de mecanismos de ancoragem e objetivação.

Dentro desta perspectiva, associou-se as representações sociais ao conhecimento do senso comum e procurou-se identificar as estratégias comunicativas colocadas em jogo para possibilitar que algo originado em um mundo distante daquele em que vive o leitor seja expresso de modo a conquistar familiaridade, criando vínculos com aquilo que o cidadão conhece e é capaz de nomear, classificar e concretizar com base em seus próprios saberes. Para isso, levou-se em consideração que tal repertório é introduzido nos relatos a partir do uso de estratégias que dizem respeito ao conteúdo, à linguagem, à estruturação dos textos e à configuração visual.

Do ponto de vista dos conteúdos, constatou-se que a cobertura procura, em larga escala, representar as diferentes motivações que geram o interesse do público. Para que este leia um determinado relato, é necessário que a abordagem esteja calcada em algo que, de alguma forma, diga respeito a sua própria experiência. Assim, por exemplo, uma matéria sobre uma doença rara ocorrida do outro lado do mundo, que

difícilmente chegará ao Brasil, sem nenhum aspecto mais atrativo, pouco provavelmente terá algum sentido para o leitor. Isto muda, no entanto, se a mesma doença incidir na região onde o jornal circula, se for uma patologia comum contra a qual o cidadão deve se precaver ou se, mesmo sendo rara e distante, atingir um conhecido artista ou atleta.

É interessante observar que diferentes aspectos são levados em consideração neste âmbito. Os conteúdos tanto podem se referir, por exemplo, àquilo que se supõe que o leitor considere novo, próximo, útil, necessário ou cotidiano quanto se dirigir às suas emoções e sentimentos – elementos inseparáveis do senso comum – ou ao seu universo simbólico, definindo os enfoques a partir de elementos que povoam o imaginário do público, criam sua identificação com celebridades ou, ainda, o fazem crer que sua cidadania está sendo defendida pelo jornal.

Isto remete a questões levantadas ao longo das explanações teóricas feitas nesta dissertação a respeito da composição do senso comum, que, se dá atenção à razão e à realidade concreta, também se interessa por emoções e símbolos. Assim, na mesma medida em que as representações sociais se fazem presentes por as matérias retratarem aspectos como hábitos, práticas cotidianas ou dicas úteis e concretas, também podem estar situadas no nível do emocional ou do imaginário. O leitor talvez nunca tenha ouvido falar, por exemplo, em anorexia, não conheça nenhum portador deste distúrbio e, por isso mesmo, não se sinta interessado por uma matéria destinada a simplesmente apresentar didaticamente o assunto, já que ela não fala a sua experiência ou a suas necessidades. Mas, à medida que, em horário nobre, uma novela da televisão apresenta um personagem que tem a doença e aborda diariamente seu drama, um relato sobre o tema que utilize este gancho retirado do imaginário será avi-

damente lido pelo mesmo indivíduo, emocionalmente envolvido com o desenrolar desta narrativa ficcional.

Já no que diz respeito à linguagem, pôde-se observar que estão presentes, na cobertura em saúde do *Diário Gaúcho*, as formas de expressão do público e a simulação de um diálogo entre jornal e leitor, a fim de que os relatos tenham sentido e familiaridade. No jornalismo, sempre que se trata da divulgação de informações originadas no universo técnico-científico, é natural que ocorra uma adaptação, uma espécie de versão da linguagem especializada, a fim de que os conteúdos possam ser compreendidos. Mas, mais do que isto, nota-se que, no periódico analisado, há uma incorporação da fala do leitor, que se faz presente no uso de diferentes funções da linguagem.

Assim, por exemplo, para se referir a algo, é freqüente a adoção de uma dupla denominação para determinados elementos, uma dizendo respeito ao nome técnico e outra, geralmente na seqüência, entre parênteses, fornecendo o equivalente no senso comum: laringe/ garganta, cálculo renal/ pedra nos rins, disfunção erétil/ impotência, prescrição/ receita.... Trata-se de um uso da função referencial da linguagem que possibilita, por um lado, que o leitor tenha acesso a novos termos, os quais poderá incorporar ao seu próprio repertório, e, de outro, que perceba imediatamente a equivalência de tais termos. Em uma situação similar, é empregada a função metalingüística, criando uma espécie de glossário dentro dos textos: uma expressão técnica é apresentada e, logo em seguida, expõe-se não mais seu equivalente referencial no linguajar do senso comum, mas uma explicação, em termos acessíveis, do seu significado. Também pode ser observado, embora com menor freqüência, o uso da função poética, que concretiza em metáforas, símiles e analogias situações abstratas advin-

das do universo técnico-científico. Nos três casos, a linguagem primeiro distancia – mostrando palavras que, aplicadas em um universo distante, o leitor desconhece – e depois aproxima – proporcionando a ancoragem em sua experiência prévia.

Por outro lado, assim como ocorre com o conteúdo, a linguagem também exerce uma função emotiva, seja utilizando a primeira pessoa, exclamações, adjetivos e advérbios ou, ainda, substantivos e verbos que, mais do que informar, convidam o leitor a se envolver afetivamente com os fatos expostos. Desta forma, a linguagem revela experiências e sensações comuns ao cidadão – tais como dor, sofrimento, esperança, alegria –, fazendo com que seu próprio universo esteja representado nos caracteres impressos.

A linguagem é usada pelo *Diário*, ainda, em suas funções conativa – fazendo, de forma argumentativa e persuasória, exortações, invocações, sugestões, saudações – e fática – interpelando o leitor. A primeira se faz presente, principalmente, através do emprego de vocativos, imperativos e recursos de destaque gráfico das palavras (como o itálico e o negrito), enquanto a segunda manifesta-se através da apresentação de perguntas retóricas – *o que vocês acham de...?*, *você sabia que...?*. Em ambos os casos, cria-se a sensação de que existe uma comunicação direta, que jornal e leitor estão envolvidos em um diálogo no qual este último não só recebe orientações e conselhos como é convidado a estar atento, a opinar e a refletir sobre os temas abordados. Seus saberes, experiências e pareceres estão, assim, inseridos como algo que também é importante.

O repertório do senso comum está presente, ainda, na forma como os relatos são apresentados, em estruturas muitas vezes similares às aquelas empregadas pelos cidadãos no seu dia-a-dia ou mesmo às de obras de ficção. Fugindo a esquemas mais

ortodoxos, muitas matérias contam histórias ao leitor, procurando envolvê-lo e, mais uma vez, movimentar não apenas seu desejo ou sua necessidade de informar-se, mas também as suas emoções. É assim, incorporando as formas de dizer do público que informações originadas em um universo especializado criam sentido em seu cotidiano de leigo.

Em conseqüência, muitas notícias sobre saúde transformam-se em narrativas que contam dramas humanos; os indivíduos envolvidos nos fatos, em personagens de uma história; e os lides, em aberturas envolventes que falam ao cotidiano, à emoção ou ao imaginários dos leitores. São, desta forma, colocados em jogo recursos literários que, inspirados em técnicas ficcionais, ao final acentuam a noção de realidade dos fatos expostos.

Por fim, a cobertura sobre saúde do *Diário Gaúcho* incorpora o conhecimento, as necessidades e as expectativas dos leitores em sua estética. Isso equivale a dizer que o jornal reconhece a força da cultura visual de um público com reduzido grau de escolaridade e pouco afeito ao hábito da leitura, recheando as matérias e colunas com elementos gráficos nos quais o público identifica algo que conhece, compreende e é capaz de estimular, de forma mais ampla, seus sentidos e emoções. Assim, por exemplo, um texto é apresentado com títulos vistosos e secundado por antetítulos e subtítulos, quebrado em blocos curtos separados por entretítulos e acompanhado por fotografias, ilustrações, infográficos, fios, cercaduras e outros recursos que chamam e ajudam a prender a atenção diante de informações muitas vezes complexas, dada a sua origem no universo técnico-científico.

Ao mesmo tempo, a distribuição da cobertura sobre saúde ao longo das páginas dos jornais reforça o contrato do periódico com o leitor, que sente a segurança de

encontrar, sempre nos mesmos espaços e com configurações padronizadas, os temas de saúde. São exemplos disto as diversas colunas fixas existentes, que o público sempre sabe quando e onde encontrar, e a presença freqüente de grandes matérias com orientações sobre saúde em destaque na contracapa do jornal.

Todos estes aspectos demonstram que a cobertura sobre saúde do *Diário Gaúcho* está permeada por elementos do senso comum, que, em grande parte, determinam o que é dito e como é exposto. Se assim não fosse, tal cobertura poderia até ser um relato fiel de informações técnico-científicas, mas não possuiria nenhum ponto de contato com o cidadão comum, tornando-se para ele estéril e sem atrativos. A análise detalhada da amostra demonstrou justamente o contrário, ou seja, que este ponto de contato é buscado todo o tempo, seja no conteúdo, na linguagem, na estrutura ou na apresentação visual das matérias e colunas.

Tais constatações provocam uma inevitável pergunta: se a cobertura aborda assuntos estreitamente vinculados ao mundo do senso comum, é exposta em uma linguagem mais aproximada da fala coloquial, estrutura-se na forma de narrativas que se assemelham a histórias e coloca em jogo um imenso arsenal de adereços visuais, pode-se falar, neste caso, em jornalismo científico? Da mesma maneira, a presença marcante de matérias que tratam não de pesquisas acadêmicas ou descobertas científicas, mas de problemas de saúde comuns, de hospitais superlotados, de postos de atendimento repletos de deficiências e das peregrinações de cidadãos em busca de assistência autorizam a utilização de tal denominação?

É preciso observar que, normalmente, quando se faz referência à expressão jornalismo científico, associa-se a mesma ao trabalho desenvolvido por cadernos semanais de jornais de referência ou por revistas dedicadas especialmente à ciência e

à tecnologia, que apresentam reportagens amplas e aprofundadas sobre tais temas. Tomando o caso específico da saúde no jornalismo impresso do Rio Grande do Sul, pode-se citar como exemplo o caderno *Vida*, que circula aos sábados, encartado no jornal *Zero Hora*, cuja matéria principal tem pelo menos duas páginas, abordando de forma abrangente a incidência, a prevenção e o tratamento de doenças dos mais variados tipos. Nos demais espaços, estão presentes matérias menores com enfoques similares e também a cobertura de pesquisas científicas nacionais e internacionais. As fontes são, em geral, cientistas ou especialistas renomados, freqüentemente vinculados a universidades e a importantes instituições de saúde, tanto públicas quanto privadas.

Estas características do conteúdo e dos enfoques apresentados pelo caderno, assim como a linguagem, a estrutura e os recursos visuais por ele empregados, são, à primeira vista, diferentes dos elementos presentes na cobertura sobre saúde do *Diário Gaúcho*. Isto não indica, no entanto, que o *Vida* apresente jornalismo científico e o *Diário* não, ou que o jornalismo científico de *Zero Hora* seja “melhor”, ou mesmo diferente. A diferença está no público e a semelhança, na necessidade de atender ao perfil deste público.

O jornal *Zero Hora*, conforme apresentado no capítulo 4, tem leitores majoritariamente pertencentes à classe B, enquanto os do *Diário* concentram-se, principalmente, na C. Trinta e cinco por cento do leitorado do primeiro possuem ensino médio e percentual igual cursou o superior, ao passo que 62% do segundo restringem-se ao ensino fundamental. Em conseqüência, o caderno *Vida* fala sobre saúde para um público que, embora leigo, tem um pouco mais de familiaridade com as instâncias formais de produção e circulação de conhecimento especializado; já no *Diário*, os leito-

res, igualmente leigos, estão bastante distanciados de tais instâncias. Em ambos os casos, no entanto, elaborar a cobertura na área envolve o mesmo procedimento – a interpretação de informações técnico-científicas de acordo com o perfil do público, o primeiro requerendo abordagens um pouco menos simplificadas e o segundo exigindo o amplo uso de estratégias comunicativas doadoras de sentido às narrativas.

Assim, afirmar que jornais como *Zero Hora* fazem jornalismo científico e outros, como o *Diário Gaúcho*, não o efetuam seria adotar uma visão reducionista, baseada na aparente simplicidade da cobertura realizada por aqueles voltados a segmentos populares. Cabe lembrar, aqui, as considerações do professor Wilson Bueno (1988, p. 26), apresentadas no capítulo 2 desta dissertação, para quem o conceito de jornalismo científico deve abarcar um amplo e abrangente espectro, contemplando tanto questões complexas quanto as mais simples, em uma variedade de temas e abordagens capazes de prestar um serviço ao leitor, situando-o, informando-o e orientando-o em temas relacionados à ciência e à tecnologia. É fazendo eco a estas considerações de Bueno, e negando-se a adotar uma visão preconceituosa, que a presente dissertação reafirma a inclusão da cobertura analisada no âmbito do jornalismo científico. Afinal, assim como fazem outras publicações, ela coloca em cena informações originadas no universo técnico-científico e, através de estratégias comunicativas variadas, possibilita sua transposição a um público leigo, o que caracteriza e define, em síntese, esta modalidade do jornalismo.

Nesta perspectiva, tudo aquilo que diz respeito às vivências, necessidades e interesses do público em relação a sua saúde e qualidade de vida torna-se relevante para as coberturas, que se configuram, por este caminho, não como meros relatos do que ocorre nos meios técnicos e científicos, mas como algo que, neles buscando su-

porte, conecta-se à vida cotidiana do cidadão comum. Assim, o conhecimento especializado – seja ele o do médico, a respeito da prevenção e tratamento de doenças, seja o do técnico que participa da regulação dos serviços assistenciais – difunde-se de forma mais ampla à sociedade, que conquista a oportunidade de incorporá-lo a seus próprios saberes e empregá-lo para viver mais e melhor.

É importante lembrar, ainda, que, dadas as características do público do *Diário Gaúcho*, a cobertura realizada pelo jornal acaba sendo uma das poucas formas pela quais os cidadãos pertencentes a este segmento podem aceder, cotidianamente, a informações sobre saúde. Cumprem-se, assim, diversas das funções atribuídas também por Wilson Bueno (1988) ao jornalismo científico, em especial a de informar, agregando novos conhecimentos ao universo do leitor; a de educar, proporcionando a incorporação de condutas ao seu dia-a-dia; a função social, estabelecendo uma mediação entre a ciência e a sociedade; e a político-ideológica, promovendo a democratização do conhecimento.

Dentro deste ponto de vista, constata-se, ainda, que a execução do jornalismo científico no periódico requer, de parte dos profissionais atuantes no veículo, grandes esforços técnicos. À semelhança dos jornalistas que cobrem a saúde na maioria dos jornais de informações gerais, os do *Diário Gaúcho* não são especialistas na área, devendo estar atentos à captação correta e precisa das informações originadas em um universo – o técnico-científico – distante do seu próprio. Ao mesmo tempo, necessitam, mais do que os colegas de outros tipos de periódicos, transpor tais informações a uma instância da qual também estão bastante distanciados, na sua condição de portadores de nível superior e pertencentes, em geral, a uma classe socioeconômica distinta da dos leitores. Assim, a aparente simplicidade dos relatos esconde todo um

trabalho de diálogo com as fontes e, principalmente, de conhecimento e reconhecimento do público, de permanente sintonia com seus saberes, necessidades, expectativas, emoções, imaginário e representações, reveladas nos enfoques e abordagens das coberturas, na escolha de cada palavra, na adaptação dos modos de dizer.

Fazer este trabalho não só com qualidade técnica, mas também com um forte sentido de ética e responsabilidade social, é um desafio para os profissionais da imprensa. Jornais e jornalistas têm em suas mãos a possibilidade de construir elos entre universos distantes e, assim, facilitar a circulação de saberes de um lado a outro, em uma ação de democratização do acesso ao conhecimento. Trata-se, em última análise, de fazer do jornalismo científico um instrumento de promoção da cidadania, capaz de contribuir para que as pessoas possam viver cada vez mais e melhor.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1989. 208p.
- APRESENTAÇÃO do Diário Gaúcho. Rede Brasil Sul de Comunicação, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.rbs.com.br/rbscom>>. Acesso em: 10 set. 2005.
- BACH, Alexandre. Editor-chefe do Diário Gaúcho. Entrevista pessoal em 17 mar. 2005.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1976. 247p.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974. 370p.
- _____. **¿Qué significa hablar?** Economía de los intercambios lingüísticos. Madrid: Akal, 1993, 160p.
- _____. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 324p.
- BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil: aspectos teóricos e práticos**. São Paulo: Departamento de Jornalismo e Editoração ECA/USP, 1988. 97p.
- _____. A cobertura de saúde na mídia brasileira: os sintomas de uma doença anunciada. **Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, n. 35, p. 187-210, 1º semestre 2001.
- _____. **Comunicação para a saúde: uma revisão crítica**. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br/artigowilbuenojornasaudeunimed.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2004a.
- _____. **Os novos desafios do jornalismo científico**. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br/artigojornacientificowbuenodesafios.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2004b.
- BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. 230p.
- CALDER, Neil. **Los científicos reciben de la prensa el trato que merecen**. Disponível em: <<http://www.imim.es/quark/13/013007.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2004.
- CALVO HERNANDO, Manuel. **Teoria e técnica do jornalismo científico**. São Paulo: Departamento de Jornalismo e Editoração ECA/ USP, 1970. 62p. Mimeo.
- _____. **Nueva dimensión de una tendencia: la comunicación social del conocimiento**. Disponível em: <<http://www.imim.es/quark/14/014073.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2004.

____. **La divulgación científica y los desafíos del nuevo siglo**. Conferencia pronunciada no anfiteatro Camargo Guarnieri, da USP, no Primeiro Congresso Internacional de Divulgação Científica. 26 a 29 ago. 2002. Disponível em: <<http://www.museudavida.fiocruz.br/publique>>. Acesso em: 28 jan. 2005.

CASSANY, Daniel; MARTÍ, Jaume. **Estratégias divulgativas del concepto príón**. Disponível em: <<http://www.imim.es/quark/num12/012058.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2004.

CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. São Paulo: Ática, 1987. 64p.

CHAPARRO, Carlos. **Ciência X jornalismo, embate estúpido**. Disponível em: <<http://www.comunique-se.com.br>>. Acesso em: 7 jun. 2004.

COMEÇO de caminhada. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, p. 26, 17 abr. 2000

COMISSÃO DE CIDADANIA E REPRODUÇÃO. **Olhar sobre a mídia**. Belo Horizonte: Maza, 2002. 214p.

CORREIA, João Carlos. **O relato jornalístico e a doença**: entre a ciência e vida cotidiana. Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/05/correia_relatojornalistico.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2005.

DAHLGREN, Peter. **Espacios públicos en imágenes**. Barcelona: Gedisa, 1997.

DIÁRIO GAÚCHO. Porto Alegre: Rede Brasil Sul de Comunicação, 1º jan. 2005 – 1º mai. 2005. Diário.

DIÁRIO Gaúcho empossa Conselho do Leitor. Rede Brasil Sul de Comunicação, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.rbs.com.br>>. Acesso em: 24 jan. 2005.

DIÁRIO GAÚCHO. **Manual de redação**. Rede Brasil Sul de Comunicação, Porto Alegre, 2005. Folheto.

DORNELLES, Beatriz. Imprensa local. Disponível em: <http://www2metodista.br/unesco/agora/pmc_acervo_territorios_territorios_imprensa_local.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2006.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio Teixeira de. **Comunicação para ciência, ciência para comunicação**. Brasília: Embrapa, 2003. 340p.

EPSTEIN, Isaac. Comunicação e saúde. In: **Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, n. 35, p. 159-186, 1º semestre 2001.

ERBOLATO, Mario. **Jornalismo especializado**: emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Atlas, 1981. 160p.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mortes em derrapagem**: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991. 204p.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual de redação**. São Paulo, Publifolha, 2001. 392p.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de (org.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/ Aparecida: Idéias e Letras, 2004. p.13-26.

GUARESCHI, Pedrinho; BIZ, Osvaldo (org.). **Diário Gaúcho: que discurso, que responsabilidade social?** Porto Alegre: Evangraf, 2003. 116p.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, 298p.

JODELET, Denise. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005. 392p.

_____. **Primeras jornadas sobre representaciones sociales**. Conferência proferida na CBC-UBA, em 2003. Disponível em: <<http://www.cc.ua.ardat.sbe/repsoc.html>>. Acesso em 25 jan. 2005b

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 2000.

KUCINSKY, Bernardo. **Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética**. São Paulo: Editora da Unesp/ Fundação Perseu Abramo, 2005.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

LEFÈVRE, Fernando. **Mitologia sanitária: saúde, doença, mídia e linguagem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. 120p.

LEITURA de jornais na Grande Porto Alegre. Disponível em: <http://www.rbs.com.br/pdf/rbsjornais_diariogaicho_mercadors.pdf>. Acesso em: 10 set. 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. Compêndio de Sociologia Compreensiva. São Paulo: Brasiliense, 1988. 294p.

_____. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997. 360p.

MARTINI, Stella. **Periodismo, noticia y noticiabilidad**. Buenos Aires: Norma, 2000. 134p.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. **Português instrumental**. 17ed. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1995. 450p.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000. 210p.

MEDRADO, Benedito. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In: SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2004. p. 243-271.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 2004. 269p.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003. 404p.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Brasil: alternativa popular, comunicação e movimentos sociais. In: GRINBERG, Máximo Simpson (org.). **A comunicação alternativa na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1987. 128p.

____. O jogo entre intencionalidades e reconhecimentos: pragmática jornalística e construção de sentidos. In: **Comunicação e Espaço Público**, Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, ano VI, n. 1 e 2, 2003. p. 7-38.

____. **Narratologia**: análise da narrativa jornalística. Brasília: Casa das Musas, 2004. 60p.

____. **Análise da narrativa jornalística**: a construção da identidade nacional nas notícias sobre a inserção do Brasil no mundo globalizado. Disponível em: <http://www.unb.br/fac/posgraduacao/p_pnarrativa.html>. Acesso em: 6 abr. 2005.

MUERZA, Alex Fernández. **La comunicación científica**: una necesidad social. Disponível em: <<http://www.saladeprensa.org/art339.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2004.

MUÑOZ-TORRES, Juan Ramón. **Por qué interesan las noticias**: un estudio de los fundamentos del interés informativo. Barcelona: Herder, 2002. 294p.

ORLANDI, Eni. Divulgação científica e efeito leitor: uma política social urbana. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). **Produção e circulação do conhecimento**: estado, mídia, sociedade. Campinas: Pontes, 2001. 1v. p. 21-30.

____. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004. 160p.

PERFIL demográfico e socioeconômico do leitor de ZH. Rede Brasil Sul de Comunicação, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.rbs.com.br/pdf/rbsjornais_zerohora_perfilleitor.pdf>. Acesso em: 10 set. 2005.

PERFIL demográfico e socioeconômico do leitor do DG. Rede Brasil Sul de Comunicação, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.rbs.com.br/pdf/rbsjornais_diariogaucho_perfilleitor.pdf>. Acesso em: 10 set. 2005.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Comunicação comunitária e educação para a Cidadania. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/artigos%2013_3.htm>. Acesso em: 16 jan. 2006.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 1987. 638p.

RODÉS, Juan; TRILLA, Antoni. **Investigadores y medios de comunicación**. Disponível em: <<http://jornalismocientifico.com.br>>. Acesso em: 12 ago. 2004.

RODRIGUES, João Bosco; SEVERO, Silvani Botlender. “A vida como ela é...”, segundo o *Diário Gaúcho*. In: GUARESCHI, Pedrinho; BIZ, Osvaldo (org.). **Diário Gaúcho: que discurso, que responsabilidade social?** Porto Alegre: Evangraf, 2003. p. 107-15.

RONDELLI, Elizabeth. Mídia & Saúde: os discursos se entrelaçam. In: ROCHA PITTA, Áurea Maria da (org.). **Saúde & comunicação: visibilidades e silêncios**. São Paulo: Hucitec/ Abrasco, 1995. p. 38-47.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 506p.

SEALE, Clive. **Media and health**. Londres: SAGE, 2002. 244p.

SEÇÕES mais lidas pelos leitores do Diário Gaúcho. Disponível em: <http://www.rbs.com.br/pdf/rbsjornais_diariogaicho_seções.pdf>. Acesso em: 10 set. 2005.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 41-61.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 264p.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001. 220p.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4. ed. Lisboa: Presença, 1995, 250p.

ZAMBONI, Lílian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica**. Campinas: Autores Associados/ Fapesp, 2001. 168p.